

Patricia C. De Conti Bertaglia

**Empreendedorismo:
Um caminho arquetípico em busca de si mesmo**

COGEAE – PUC SP

2009

Patricia C. De Conti Bertaglia

**Empreendedorismo:
Um caminho arquetípico em busca de si mesmo**

Monografia apresentada ao COGEAE – PUC – SP
para obtenção do título de Especialista em
Abordagem Junguiana, sob orientação do Prof. Dr.
Durval Luiz de Faria

COGEAE – PUC SP

2009

Ao Henrique, motor da vida, da força e da luz.
Sempre tão determinante e silenciosamente participante.
Seu olhar pode conter todo o universo e ainda assim ser apenas um olhar.

AGRADECIMENTOS

Considero que é um privilégio e uma alegria poder estudar de maneira profunda, com método e orientação. Desenvolver uma pesquisa é uma experiência interessante e desafiadora. Algo assim nos envolve, toma nosso tempo, nossa atenção e nossa energia. Não só a de quem efetivamente pesquisa, mas de muitos colaboradores, alguns mais próximos do que outros, mas todos muito importantes.

Tenho muitos agradecimentos a fazer, a todos que de alguma forma colaboraram com minha pesquisa. Menciono aqui apenas alguns colaboradores mais próximos, mas deixo registrado que minha gratidão por todos os demais é grande e verdadeira.

Em primeiro lugar agradeço a todas as forças que me acolhem e amparam, me proporcionando clareza, sustentação e equilíbrio para que eu possa “mergulhar” neste tema tão interessante e “emergir” com “... a mente aberta, a coluna ereta e o coração tranquilo...”.

Agradeço ao Edison sempre presente, companheiro de jornada, que me proporciona incentivo, estrutura e pertença.

Agradeço a todos meus mestres, professores e orientadores, que me aproximaram de mim mesma, e também daquilo que acredito e valorizo. Agradeço especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Durval Luiz de Faria, por me guiar auxiliando-me a ter discernimento e encontrar o melhor caminho; à Prof. Dra. Maria Ruth Gonçalves Pereira, por me mostrar o que há para ser visto; e ao mestre Rubens, por me trazer a inspiração e a iluminação.

Agradeço aos colegas de estudo e de trabalho que colaboraram com meus estudos e contribuíram com seus conhecimentos.

Agradeço aos entrevistados que se dispuseram tão gentilmente a colaborar com esta pesquisa e com estes estudos.

Agradeço à PUC-SP COGEAE, responsável por proporcionar, a mim e aos demais alunos, condições físicas, logísticas e administrativas favoráveis para que possamos desenvolver nossos estudos.

Nota Introdutória

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito desta frase,
transformada a forma para casar com o que eu sou:

Viver não é necessário;

o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida;

nem gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,

ainda que para isso tenha de ser

o meu corpo e a minha alma

a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;

ainda que isso tenha de a prender como minha.

Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue

o propósito impessoal de engrandecer a pátria

e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo de nossa raça.

Fernando Pessoa

RESUMO

TÍTULO: Empreendedorismo: Um caminho arquetípico em busca de si mesmo

ALUNA: Patrícia C. De Conti Bertaglia

ORIENTADOR: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

PALAVRAS CHAVE: Arquétipo, caminho, empreendedorismo, herói e individuação.

O presente trabalho teve por objetivo lançar um olhar sobre o empreendedorismo, do ponto de vista da psicologia analítica e de seus seguidores, e fazer uma aproximação entre o arquétipo do caminho e a trajetória de empreendedores, enfocando os aspectos psíquicos envolvidos neste percurso.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o método qualitativo, com entrevistas individuais semi dirigidas. Foram entrevistados quatro empreendedores, com idades que variam de trinta e três a sessenta e um anos e que desenvolvem atividades empreendedoras há mais de quatro anos.

O resultado desta pesquisa sugere a influência de inúmeros aspectos psicológicos envolvendo a trajetória destes empreendedores; entre estes aspectos, destacam-se a busca pela auto realização e por algo que dê sentido a suas vidas, a força movimentadora do amor como propulsora de ações e transformações, os conflitos entre os desejos e possibilidades, o movimento reflexivo, o fortalecimento do ego, a proximidade com o mito de Hermes e com o mito do herói, a ampliação da consciência e o favorecimento do processo de individuação.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. Aspectos teóricos da psicologia analítica	17
1.1 O caminho	17
1.2 O caminhar	30
1.3 O caminhante	43
2. Aspectos teóricos do empreendedorismo	51
2.1 O empreendimento	51
2.2 O empreendedor	55
2.3 O empreendedorismo	63
3. Objetivos	68
4. Método	69
4.1 Método qualitativo	69
4.2 Participantes da pesquisa	71
4.3 Procedimentos para coleta de dados	72
4.4 Procedimentos para análise de dados	73
5. Resultados	74
6. Discussão	109
7. Considerações Finais	122
Referencias	126
Anexos	131

INTRODUÇÃO

A vida é uma possibilidade de expressão, na qual o ser humano pode apresentar sua essência, transcender suas limitações e realizar grandes feitos, em uma jornada de auto descoberta, criação e transformação. Há tantos assuntos que podem ser esclarecidos sobre o homem e sobre o mundo. Há tantos desejos, aspirações e anseios que podem ser realizados. Há tantas coisas que podem ser feitas, modificadas e aperfeiçoadas. Há tantas necessidades de completude, de aproximação e de evolução. Há tantos sentimentos e sensações que podem ser experimentados. Há um mundo a ser percorrido, no qual o caminho trilhado parece ampliar a consciência e dar sentido à existência humana. Na trajetória desta jornada, há diversas possibilidades de expressão do ser humano, ele pode criar comunidades, cultura e tecnologias. Em suas ações e criações o ser humano encontra o desafio de estabelecer relações equilibradas com a humanidade e com a natureza de modo geral. Poder se expressar de maneira ecologicamente e eticamente corretas parece ser um dos grandes desafios da atualidade.

Quando pensamos em caminho pressupomos o deslocamento, no tempo e no espaço, de uma condição para outra. Nesse movimento entre dois eixos o caminhante adota uma postura ativa; enfrenta o risco da alienação; constrói sua identidade; mobiliza transformações internas, ampliando seus conhecimentos e habilidades; e mobiliza transformações externa, interferindo no seu meio ambiente e no contexto em que estiver inserido. Como a psicologia analítica aborda a trajetória deste caminho? Quais são os recursos psíquicos que o ser humano tem, a sua disposição, para percorrer esta trajetória?

De acordo com a psicologia analítica, este é um caminho arquetípico, isto é, esta trajetória é algo inerente ao ser humano, que sempre esteve presente na humanidade, independentemente da época, cultura ou local.

Segundo Batista (2008), o arquétipo do caminho está relacionado com a trajetória da vida humana, na qual encontramos o homem envolvido com o desejo de fazer escolhas e conseqüentemente com a necessidade de enfrentar as adversidades da vida e superar as limitações internas e externas. Este é um movimento ativo, no qual o ser humano pode perceber-se como um ser responsável, que influencia e é influenciado pela Totalidade. Isto envolve a ampliação da

consciência, o desenvolvimento psíquico e a relação do ser humano com o mundo interior e exterior.

Esta mesma autora considera que é da natureza do ego (centro da personalidade consciente, ou sede da identidade subjetiva) almejar ser Self (também denominado de si-mesmo, considerado sede da identidade objetiva). Assim, é preciso um longo caminho para que ele se coloque no seu devido lugar. Procurar este lugar é trilhar o caminho. Para caminhar é preciso ser herói. É preciso despertar, sair da rotina repetitiva e se lançar em um grande desafio. Pois, para o ser humano evoluir da posição de imaturidade psicológica, na qual se encontra quando nasce e em seus primeiros anos de vida, para a confiança e coragem da auto-responsabilidade é necessário passar por transformações, essas, por sua vez, demandam coragem e certos referenciais.

Ao analisar a saga de mitos heróicos enfocamos um caminho percorrido, uma “busca visionária”, na qual o herói parte de algo relevante e se encaminha na direção de algo mais distante e mais alto. Quando ele atinge aquilo que faltava a sua consciência, encontra o sentido e o significado de sua vida e seu um lugar no mundo.

Para Whitmont (2006), o significado da vida humana só pode ser apreendido através de uma conscientização dos mitos individuais de cada pessoa. Esses mitos precisam se expressar na vida real, em termos daquilo que é racionalmente possível.

Para Jung (2007b), a peregrinação é uma auto-representação da nostalgia do inconsciente, em sua busca raramente saciável pela luz da consciência, que por sua vez, sempre correndo o perigo de ser enganada por sua própria luz, procura as forças saudáveis da natureza. Mesmo que tenha sucesso, o efeito de um ato heroico não dura muito, pois depois de conquistada a vitória o homem tende à indolência, até que sua libido o chama para novas aventuras.

De acordo com este autor, o mito do herói é algo numinoso, que envolve certos riscos para o ser humano. Segundo ele:

Assim, o mito do herói é um drama inconsciente, que só aparece na projeção ... O próprio herói aparece como um ser que possui mais que mera natureza humana. Desde o início ele é caracterizado como um Deus em potencial. Sendo psicologicamente um arquétipo do si-mesmo, sua divindade exprime que o si-mesmo é numinoso, um quase Deus ou participante da natureza divina. ... Psicologicamente o si-mesmo é uma imago Dei e empiricamente não pode ser distinto dela ... O herói é o ator da transformação de Deus no homem; corresponde aquilo que denominei de “personalidade mana”. Esta exerce grande fascínio sobre o consciente: o eu facilmente cede

à tentação de identificar-se com o herói, o que acarreta uma inflação psíquica com todas as suas conseqüências. (p. 379).

Nas colocações destes autores citados podemos identificar os termos arquétipo, Self ou si-mesmo e ego. Eles são freqüentemente utilizados na psicologia analítica e serão usados também neste estudo.

De acordo com Sharp (1993), o termo si-mesmo ou Self é definido como o arquétipo da Totalidade e o centro regulador da psique; é o centro e a totalidade da psique, abarca tanto o consciente quanto o inconsciente.

Arquétipos, segundo este mesmo autor, são elementos primordiais e estruturais da psique humana, são também sistemas de prontidão para a ação, e ao mesmo tempo imagens e emoções. São percebidos apenas pelos seus efeitos. Eles existem pré conscientemente e formam provavelmente as dominantes estruturais da psique em si.

Whitmont (2006) considera que os arquétipos possuem aspectos dinâmicos – energia e expressão; e aspectos formais – experiências representativas. Os arquétipos aparecem em sonhos e fantasias de homens contemporâneos e o fazem em três tipos de circunstâncias: mitologemas que aparecem em situações analíticas, quando os complexos já foram compreendidos e trabalhados, mas é necessário ir além na compreensão de sua gênese; espontaneamente aparecem imagens arquetípicas quando ocorrem acontecimentos, interiores ou exteriores, violentos e ameaçadores que devem ser encarados, configurando-se em um estado de emergência física ou psíquica; e ainda, nos casos de psicose iminente ou aguda, e nos casos de possessão religiosa.

Segundo Stein (2006), o termo ego refere-se ao centro da consciência, à percepção e vivência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação. Assim o ego possibilita à psique ver-se a si mesma e poder tornar-se consciente. O ego é adquirido, empiricamente falando, ao longo da vida. Inicialmente, o ego surge da colisão entre o fator somático e o meio ambiente, e após ser estabelecido com o sujeito continua a se desenvolver em conseqüência de sucessivas colisões com o mundo exterior e o mundo interior.

Para Edinger (1992), o movimento psíquico pode ser percebido desde o nascimento. As pessoas nascem sem ter consciência de quem são e não estabelecem diferença entre elas e o si-mesmo e nem em relação ao restante do mundo. Neste momento o ego vive um estado de inflação identificando-se com o si-

mesmo. Contudo, começam a surgir encontros do ego com a realidade, que frustram as expectativas infladas e provocam um estranhamento entre o ego e o si-mesmo. Isto gera sofrimento para o ego, que então procura voltar à sua condição primária na qual vivia de forma satisfatória. Como exemplos do estado de inflação, temos a motivação para o poder e a identificação com a vítima da divindade – sentimento excessivo de culpa e sofrimento.

Em função desta busca por melhores condições, o ego inicia uma trajetória na qual transcende suas limitações iniciais e caminha em sentido da individuação, isto é, no sentido da formação da personalidade individual integrada na totalidade.

Nestes sentido, a individuação é um processo que faz parte do movimento psíquico. Ela produz um estado em que o ego mantém uma relação com o si-mesmo, sem estar identificado com ele. Estabelece-se uma inter relação e uma comunicação mais direta entre a experiência externa e a experiência interna. Surge a partir disso um sentimento de realidade unitária. Assim, o ego percebe que não tem controle sobre a totalidade da psique, pois este controle cabe a uma realidade maior e mais ampla.

Para Campbell (2008), à medida que o homem empreende uma trajetória em busca de um sentido para sua vida, ele transforma a si mesmo e transforma seu contexto. Isto ocorre em uma relação dialética que tende ao equilíbrio. Para empreender esta busca, o ser humano pode contar com a mitologia, pois ela contém a sabedoria de vida de uma época e cultura específica. A mitologia pode integrar a pessoa na sociedade e a sociedade na natureza, também pode unir o campo da natureza geral à natureza individual de cada ser humano. Portanto a mitologia pode ser considerada uma força harmonizadora.

Em diversas histórias mitológicas em que o ser humano empreende este tipo de trajetória encontra-se o mito do herói e seus caminhos “pouco convencionais”.

Ainda de acordo com Campbell (2008), deve-se fazer uma distinção entre o sonho e o mito. O sonho é uma experiência pessoal que dá suporte às nossas vidas conscientes, e o mito é o sonho da sociedade. Se o mito privado de uma pessoa, isto é, seu sonho individual, coincide com o da sociedade, a pessoa está em bom acordo com seu grupo. Caso contrário, esta pessoa provavelmente irá se envolver em grandes aventuras.

Os mitos trazem ao seres humanos parâmetros referenciais para se guiarem diante de situações complexas, de tal modo que consigam manter-se em acordo

com o ser universal. Os mitos podem levar o ser humano à maturidade, traduzida como auto motivação e auto condução sem perda da harmonia com a totalidade.

Em diversas tradições e religiões é possível encontrar orientações sobre o “caminho” em busca do sentido da vida e de um ideal que transcenda as limitações humanas.

Jung (2008a) encontrou na religião hindu o conceito de “Rita” que mostra o caminho do Tao, ou o caminho certo para não se perder o sentido da vida.

No mundo antigo, mais especificamente na Grécia e no Egito, havia uma forma de orientação de vida, utilizada por alguns estudiosos e homens mais instruídos. Algumas destas orientações, ou doutrinas básicas foram compiladas e transmitidas de mestres a discípulos, e foram conhecidas sob o nome de “O Caibalion”. Eles foram transmitidos inicialmente por Hermes Trimegistro. Neste estudo, serão apresentados alguns dos ensinamentos e dos preceitos do “O Caibalion”, mais diretamente relacionados com os temas abordados.

Neste sentido podemos entender que ao longo da história da humanidade o homem desenvolveu conhecimentos que podem orientar e facilitar sua trajetória na vida. Este conhecimento compõe a cultura da época e do contexto em que estiver inserido.

Ao buscar situações e trajetórias, na atualidade, que possuem características parecidas às encontradas no arquétipo do caminho, encontramos o empreendedorismo, que é uma forma de atuação profissional de certas pessoas, considerados empreendedores, que assumem riscos, levam adiante o seu próprio negócio e exerce considerável influência no contexto social, econômico e cultural.

Drucker (1991) considera que nem todos os novos negócios são empreendedores, para serem assim considerados eles precisam criar algo novo e diferente e, além disso, mudar ou transformar valores. A inovação é o instrumento mais importante para os empreendedores. Eles conseguem explorar as mudanças e identificar nelas oportunidades para um negócio ou serviço diferente.

Silva (2008), em sua dissertação de doutorado “A identidade do empreendedor social”, apresenta um histórico do termo “empreendedor”. De acordo com este autor, o termo empreendedor é derivado do termo francês “entrepreneur”, que significa “aquele que toma em mãos”. Este termo foi originalmente utilizado por economistas, em torno de 1800, para descrever o indivíduo que transfere recursos

econômicos de um setor de menor produtividade para outro mais elevado e de maior rendimento.

No século XX, Shumpeter (1988) acrescenta a esta definição a dimensão da inovação, mostrando que o empreendedor é aquele que promove uma verdadeira transformação da ordem econômica por meio da introdução de novos produtos e serviços. Atualmente o termo “empreendedor” é utilizado para descrever alguém que identifica oportunidades, assume riscos e faz acontecer.

Criar uma empresa inovadora pode ser considerado um desafio que leva a realização pessoal e profissional. Para conseguir sucesso nesta atividade, o empreendedor se envolve em uma trajetória, na qual coloca em prática seus talentos e tenta encontrar seu lugar no mundo. Assim o empreendedorismo mostra o ser humano em busca de um ideal de vida, procurando fazer algo de significativo para si mesmo e para a humanidade.

Um dos estudos mais recentes sobre os aspectos psicológicos do empreendedorismo é o de Salem (2006), em sua dissertação de mestrado “Uma leitura simbólica do espírito empreendedor”. Ele associa o empreendedor atual ao mito do herói. Para este autor o termo “espírito empreendedor” é uma expressão freqüentemente usada no mundo empresarial, denominando uma característica atribuída a pessoas motivadas pela conquista, dinâmicas, realizadoras, trabalhadoras, que transformam o cenário social e econômico. Este autor também apresenta um perfil de empreendedores atuais. Segundo ele:

... Reunimos com isso algumas figuras arquetípicas que habitam a alma do empreendedor e podemos daí identificar algumas de suas características essenciais: do guerreiro ele tem a ousadia, a coragem, a agressividade, a capacidade de pensar estrategicamente, a liderança, a independência, a vontade da conquista, mas também possui a brutalidade e pode até matar por dinheiro. Do mercador ele herdou a capacidade de enxergar e explorar oportunidades, a vontade de buscar novos mercados e fazer redes de relacionamentos, a habilidade de negociar, saber comprar e vender bem seu produto, mas também recebeu uma certa tendência para a trapaça. Do artesão vem a capacidade de criar, inovar e produzir em escala. Do agricultor herdou o conhecimento e a capacidade de ler os movimentos da natureza (entenda-se hoje mercado). Dele puxou também do olho atento, o cuidado, a dedicação, a manutenção e ainda a paciência, a perseverança e a simplicidade. Finalmente, do servo, o empregador carrega a capacidade de servir, de ser útil, oportuno e prestativo, mas também uma tendência de se vender por dinheiro. (p. 27 e 28).

O empreendedorismo mobiliza o ser humano de maneira geral, fazendo com que ele amplie seus conhecimentos e sua consciência sobre o mundo interno e externo. Para ser bem sucedido o empreendedor precisa ter boa visão sobre

mercado consumidor e sobre os materiais envolvidos na fabricação de produtos e prestação de serviços; conhecer a si mesmo, suas potencialidades e dificuldades; desenvolver habilidades e criar novas tecnologias.

Ao concretizarem seus projetos, os empreendedores transformam o mundo, influenciam as pessoas envolvidas, descobrem suas possibilidades e descobrem a si mesmos, em um processo dialético. Nas atividades desenvolvidas e no trajeto percorrido por empreendedores o que fica mais evidente é a capacidade de criação e transformação destas pessoas.

Um dos principais institutos de pesquisa mundial sobre o empreendedorismo é o Global Entrepreneurship Monitor (GEM). Ele foi criado em 1997 e tem por objetivo diagnosticar os elementos que um país necessita para desencadear um processo de desenvolvimento libertador e sustentável. Os relatórios apresentados pelo GEM são instrumentos de análise comparativa, utilizados para a definição de políticas públicas e utilizados como apoio e orientação para aqueles que procuram incrementar atividades empreendedoras. No Brasil o primeiro relatório foi apresentado em 2000.

De acordo com o GEM, para ser empreendedor, é preciso ser perseverante, ter postura otimista e correr riscos calculados; além disso, é necessário reconhecer que há problemas e obstáculos a serem superados.

Os resultados apresentados no Relatório GEM 2007 confirmam a vocação empreendedora do povo brasileiro. O Brasil apresenta uma taxa de atividade empreendedora de 12,7%. Isto equivale a aproximadamente 7,5 milhões de brasileiros; 25% destes empreendedores possuem idades entre 28 e 34 anos; 60 % destes são empreendedores por opção própria. Isto coloca o Brasil em nono lugar entre os países mais empreendedores do mundo.

No Brasil o empreendedor pode contar com o auxílio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Esta instituição fornece diversas formas de apoio aos empreendedores brasileiros, tais como: capacitação, desenvolvimento de pesquisas tecnológicas, apoio financeiro, fornecimento de dados de pesquisas de mercado e serviços de apoio tais com contábil, jurídico e publicitário.

De acordo com os estudos apresentados pelo GEM 2007, há um lado sombrio no empreendedorismo brasileiro atual: 41,6% dos empreendimentos brasileiros não ocorrem voluntariamente, mas por necessidade. O SEBRAE empenha-se em mudar esta estatística, incentivando cada vez mais o empreendedorismo brasileiro gerado

voluntariamente, pois só desta forma poderá ser incentivado o crescimento qualitativo da economia brasileira, o crescimento nacional sustentável e a geração efetiva de riqueza nacional.

É possível constatar que há diversos estudos que procuram enfocar o empreendedorismo sob o ponto de vista econômico, político e social, contudo poucos dão ênfase para os aspectos psicológicos do empreendedor. Estes aspectos atraem minha atenção, pois estão diretamente relacionados com a minha trajetória de vida. Passei boa parte da minha vida envolvida com empreendedores acostumados a defender seus ideais, conquistar seu espaço e “tirar leite de pedra”. Admiro a trajetória destas pessoas, seu senso de responsabilidade e sua capacidade de superação. Com os empreendedores, aprendi a trabalhar e me empenhar para realizar meus sonhos, lidar com desejos e possibilidades. Entendo que este contato exerceu considerável influência em minha personalidade, ampliou minha consciência, me trouxe equilíbrio e discernimento e me levou a entrar em contato com aquilo que entendo ser o “sentido da vida”.

Uma das experiências mais significativas que ocorreram em minha vida, está diretamente relacionada com o empreendedorismo. Aos trinta anos, aproveitei uma oportunidade que surgiu e abri meu próprio negócio. Fui misturando um pouco de tudo que eu sabia e acreditava, mesclando meus ideais com as minhas possibilidades. Surgiram dificuldades e momentos de escuridão em que perdi o foco e muito mais, só não perdi a integridade e a certeza de que sou parte do todo, de que há algo mais elevado e de que todos têm em si a essência desta força maior. A superação e evolução foram ocorrendo paralelamente com as mudanças internas. Assim, este contato com o empreendedorismo me auxiliou a conquistar muitas coisas. As conquistas mais importantes foram o auto conhecimento, pois aprendi muito sobre minhas capacidades e limitações, e maior proximidade com esta força maior existente no universo.

Essas experiências me levaram a refletir sobre a influência do empreendedorismo na vida do ser humano. Percebi que pode haver uma relação entre o arquétipo do caminho e o trajeto percorrido por empreendedores. Este trajeto parece ser um caminho comum à espécie humana, uma trajetória que sempre esteve presente na história da humanidade, em diferentes tempos e culturas.

O objetivo deste trabalho de pesquisa foi fazer uma aproximação entre o arquétipo do caminho e a trajetória de pessoas empreendedoras e identificar aspectos psicológicos que são influenciados por este percurso.

Entendo que este trabalho é importante para conhecer a visão de diferentes autores ligados à psicologia analítica sobre o arquétipo do caminho e as trajetórias dos seres humanos e também para ampliar a consciência sobre os aspectos psicológicos presentes nas trajetórias de pessoas empreendedoras; identificar elementos que podem contribuir positivamente para a formação e atendimento psicológico de empreendedores; fornecer subsídios para rever referenciais atuais e posturas adotadas em situações que envolvem empreendedorismo; e assim promover uma aproximação entre o mundo das possibilidades e o mundo das realizações.

Este trabalho será apresentado de acordo com o seguinte roteiro:

O primeiro capítulo aborda os aspectos teóricos da psicologia analítica que estão relacionados ao arquétipo do caminho. Neste estudo, serão enfocados três aspectos do arquétipo do caminho: o caminho, o caminhar e o caminante.

O segundo capítulo aborda os aspectos teóricos do empreendedorismo, considerando o processo do empreendedorismo, o empreender e o empreendedor.

O terceiro capítulo apresenta o objetivo geral e específico desta pesquisa.

O quarto capítulo apresenta a metodologia de pesquisa qualitativa que será utilizada na pesquisa de campo com indivíduos empreendedores; o perfil dos participantes da pesquisadas; os instrumentos e procedimentos utilizados para coleta de dados e os procedimentos utilizados para análise dos dados coletados.

O quinto capítulo traz os resultados coletados na pesquisa.

O sexto capítulo apresenta uma discussão sobre os resultados.

O sétimo capítulo apresenta as considerações finais, apontando para os resultados obtidos dentro da proposta de estudo, a relevância das constatações feitas e novas facetas possíveis para compreensão do tema.

1. ASPECTOS TEÓRICOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

1.1 O Caminho

O Vento

Vamos chamar o vento
Vamos chamar o vento

Vento que dá na vela
Vela que leva o barco
Barco que leva a gente
Gente que leva o peixe
Peixe que dá dinheiro, Curimã ...

Curimã ê, Curimã lambaio
Curimã ê, Curimã lambaio
Curimã
Curimã ê, Curimã lambaio
Curimã ê, Curimã lambaio
Curimã

Vamos chamar o vento
Vamos chamar o vento

Vento que dá na vela
Vela que leva o barco
Barco que leva a gente
Gente que leva o peixe
Peixe que dá dinheiro, Curimã ...

Vamos chamar o vento
Vamos chamar o vento

Dorival Caymmi

Nos versos desta música o vento é uma força da natureza utilizada pelo homem. O vento impulsiona a vela do barco, leva o homem ao oceano em busca do peixe, do dinheiro, daquilo que ele necessita. O peixe é visto como uma fonte de energia, como alimento, ele é trazido do oceano para a terra, trocado por dinheiro, que é outra energia, e transformado em alimento. E assim o homem e o vento são forças da natureza interagindo em harmonia, dinamizando a vida e modificando o meio ambiente.

Este movimento apresentado nos versos da música “O vento” pode representar poeticamente o movimento psíquico do ser humano, no sentido de empreender uma trajetória em busca daquilo que lhe dá sustento.

¹ - Esta texto se refere à letra da música “O Vento” de Dorival Caymmi

Este movimento apresentado nos versos da música “O vento” pode representar poeticamente o movimento psíquico do ser humano, no sentido de empreender uma trajetória em busca daquilo que lhe dá sustento.

Neste percurso o ser humano parte daquilo que ele conhece conscientemente, simbolizado pela terra; e vai em direção ao desconhecido, em direção daquilo que para ele está inconsciente, simbolizado pelo mar; do inconsciente ele tira sua força vital, seu alimento, seu sustento, simbolizado pelo peixe; e volta para a vida consciente, troca o peixe por dinheiro e movimenta a vida, cumprindo assim seu papel na existência. Tudo isso ocorre com o auxílio do processo psíquico que é simbolizado pelo vento.

O vento, movimento, envolvimento, direcionamento, rumo, destino, decisão ... O que identifica o ser humano? O que é capaz de movimentar o ser humano? O que é que dá sentido à vida humana?

Uma das formas em que a psicologia analítica aborda questões relacionadas ao “movimento” e a esse dinamismo humano, que é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, é o estudo sobre o arquétipo do caminho.

A palavra “caminho”, segundo Ferreira (2001), refere-se à faixa de terreno destinado ao trânsito de um para outro ponto, estrada; espaço percorrido ou por percorrer andando; direção, rumo; maneira de agir, meio.

Neste sentido, o termo “arquétipo do caminho” remete a uma força de ação, movimento e transformação que é inerente ao ser humano. Ele está associado a uma trajetória interior, na qual o ser humano busca o si-mesmo e a harmonia com a Totalidade. Este arquétipo pode aparecer projetado em figuras de linguagem, tais como “o caminho interior”, “encaminhar uma situação” e “ter um rumo na vida”; em termos como “tendências”, “orientação” ou “desorientação”; ou ainda pode aparecer em ações simbólicas, tais como fazer uma peregrinação religiosa ou de caráter transcendente como, por exemplo, trilhar o “Caminho Sagrado de San Tiago de Compostela”. Estas expressões denotam a influência deste símbolo na consciência universal, que parecem estar presentes em toda a humanidade. Elas estão embasadas na realidade do arquétipo do caminho, cujo padrão determina o comportamento originalmente inconsciente do indivíduo que se encaminha rumo ao objetivo de atingir um ideal mais elevado.

Portanto estamos nos referindo à eterna jornada da alma em busca de si mesmo. Neste sentido, é possível entender que “caminho” é um símbolo ligado à característica humana de buscar, através de um movimento, aproximar-se daquilo que considera o fator mais importante em sua vida e assim dar sentido à sua existência.

A alma humana é considerada por Cavalcanti (2004) uma emanção individual da Divindade Universal; essa individualidade é uma potencialidade que deve se transformar em atualidade. Deus e a harmonia do universo estão contidas na alma. O conhecimento desta realidade coloca o indivíduo no caminho de volta para sua seu local de origem. Para esta autora, o primeiro passo para a percepção da dimensão anímica e divina em cada indivíduo é a disponibilidade para o auto conhecimento e para a auto transformação, tanto das inclinações negativas quanto das potencialidades internas. Esse processo requer honestidade, atenção, auto-observação e entrega.

Esta jornada da alma possui importantes características que podem ser reveladas nas mitologias e nos contos de fadas. Segundo Campbell (2007), os incidentes que ocorrem neste caminho são fantásticos, pois representam triunfos da natureza psicológica e não da natureza física. Antes de algo ser realizado na terra é preciso que tenha ocorrido uma passagem pelas profundas camadas do psiquismo, nas quais devem ser superadas obscuras resistências e onde forças esquecidas são revitalizadas e se tornam disponíveis para a tarefa de transfiguração do mundo. Superada esta etapa, a vida, mesmo sofrendo terríveis mutilações, se torna penetrada pelo amor que a tudo contém e pelo conhecimento do seu próprio poder não conquistado. Uma parcela de luz interior, de sabedoria universal, vence as dificuldades e as mutilações, então são realizados grandes prodígios e conquista-se a vitória sobre as barreiras terrenas. Quando isso ocorre, o ser humano transcendeu as limitações de seu mundo interior e as limitações de seu mundo exterior, isto é, ele foi além de todos os conceitos até então propostos.

Segundo Campbell (2008), há uma palavra sânscrita “marga” que significa “caminho” e refere-se à trilha de volta a você mesmo. O termo “marga” remete à questão do “sentido da vida”. Este sentido determina ações, posturas, atitudes e até a visão de mundo, envolve o movimento de ampliação de consciência, transformação e encontro com o si-mesmo ou Self.

Mesmo com o conhecimento oferecido pelas antigas tradições, muitas pessoas dedicam muito tempo para refletir sobre seus bens materiais e sobre os cuidados com sua família. Na maior parte dos casos, isso está relacionado apenas com as condições físicas e falta a elas uma consciência espiritual. O caminho para a felicidade consiste em fazer uma auto análise, concentrando a atenção nos momentos em que se sente mais feliz, descobrir assim o que há nesses momentos que representam a felicidade. A partir de então, através dos mitos, pode-se descobrir quais são os obstáculos que terá de enfrentar quando estiver em busca da felicidade.

Esta busca pela felicidade fica mais evidente nos períodos de transição vividos pelos seres humanos. Stein (2007) considera que estes períodos são “limiares psicológicos” em que o senso de identidade de uma pessoa fica suspenso, “...O ego é uma espécie de ‘já fui’ e ‘ainda não sou’...”. (p.22). O limiar acontece quando o ego é separado de um senso fixo de identidade, origem e destino; quando vaga entre espaços e tempos sem fronteiras definidas; quando perde a identificação com imagens internas que até então lhe davam sentido.

No momento em que ocorre o limiar o Self está pronto para enviar à consciência mensagens com conteúdos arquetípicos vindos do inconsciente. Elas podem chegar por meio de sonhos, intuições, fantasias ou sincronia de eventos simbólicos. A função dessas mensagens é levar o ego adiante, aprofundá-lo nos limites da alma, podendo mais tarde emergir são e salvo. Na experiência limiar uma pessoa tem a oportunidade de reconhecer que é um Self, uma alma, e não apenas uma função, um ego. Para viver esta experiência de forma verdadeira é preciso entrar nela por inteiro, esta é uma atitude irreversível, é uma viagem sem volta. É nessa condição, aparentemente infinita, que surge um arquétipo do Self na forma de um guia ou mensageiro. Ele é representado pelo mito de Hermes, considerado o condutor das almas que se desligam do corpo físico e das identificações do ego, elas são levadas a uma região onde a subjetividade é a única realidade. Nesta região, as almas são imagens vividas e comungam umas com as outras, comiserando-se e refletindo sobre a vida.

Jung (2003) considera que Hermes é o deus originário do vento. Para Brandão (2008), Hermes foi assimilado ao deus egípcio Tot, mestre da escritura, da palavra e da inteligência, além de ser considerado patrono dos magos. Foi também assimilado ao deus romano Mercúrio. Na mitologia grega, Hermes rege as estradas porque usa sandálias divinas de ouro, anda com incrível velocidade, conhece os

caminhos e suas encruzilhadas, não se perde nas trevas e pode circular livremente nos três níveis. Ele tornou-se o mensageiro predileto dos deuses e um psicopompo, isto é, um condutor das almas. Com o nome Hermes Trimegistro, isto é, “Hermes três vezes Máximo” sobreviveu através do hermetismo e da alquimia.

Jung (2003) faz referência a Michael Maier, um alquimista do século XVII, e à famosa “peregrinatio”, que é a viagem mística da alma, na qual encontra uma estátua de Mercúrio, a qual indica o caminho do paraíso. Isto denota, mais uma vez, que o mito de Hermes ou Mercúrio está relacionado à transcendência espiritual e à superação das dificuldades e dos sofrimentos humanos.

Podemos considerar que o mito de Hermes é um elemento de ligação entre o ego e o si-mesmo. Representa o caminho pelo qual a alma encontra o si-mesmo. Hermes traz iluminação e orientação para o caminhante. Isto ocorre devido à capacidade humana de buscar forças maiores que trazem auxílio no trajeto de seus caminhos. Essas forças podem ser encontradas nos mitos. Sendo assim, do ponto de vista psíquico é possível associar o arquétipo do caminho a Hermes, considerado o protetor dos viajantes, deus das estradas e guardião dos caminhos.

Nas antigas tradições, encontramos uma forma de orientação de vida, que foi transmitida inicialmente por Hermes Trimegistro, considerado o pai da ciência oculta, o fundador da astrologia e o descobridor da alquimia. Ele era reverenciado como sinônimo de “Fonte de Sabedoria”. Esses conhecimentos eram transmitidos sob o nome de “O Caibalion”, formando uma coleção de máximas, preceitos e axiomas. Eles constituíam os princípios básicos da arte da alquimia hermética, que se baseia no domínio e transmutação das forças e vibrações.

Os sete princípios em que se baseia a filosofia Hermética, transmitida por Hermes, são os seguintes: o princípio do mentalismo; o princípio de correspondência; o princípio de vibração; o princípio de polaridade; o princípio de ritmo; o princípio de causa e efeito; e o princípio de gênero. (TRÊS INICIADOS, 2008)

O conhecimento maior sobre estes princípios era restrito aos discípulos de Hermes. Neste sentido, na alquimia as lendas da “Pedra Filosofal”, que transformava qualquer metal em ouro, eram alegorias da filosofia do “O Caibalion”. A verdadeira transformação que se poderia obter ocorria no campo psíquico do ser humano, no qual se poderiam transmutar as forças e vibrações mentais. Atualmente, empregamos o termo hermético no sentido de secreto ou fechado de tal maneira que nada escapa. Contudo os preceitos herméticos estão espalhados em todo mundo.

Eles não pertencem a nenhuma seita religiosa e nem a nenhuma nação específica. Segundo “O Caibalion” (2008):

Em qualquer lugar que estejam os vestígios do Mestre, os ouvidos daqueles que estiverem preparados para receber os Ensinamentos se abrirão completamente. (p.17) ... Quando os ouvidos do discípulo estão preparados para ouvir, então vêm os lábios para os encher com Sabedoria. (p.18).

Desta forma os ensinamentos do “O Caibalion” estão abertos e disponíveis para todos, contudo é preciso estar preparado para receber os preceitos que ele transmite.

A figura 01 mostra uma das imagens representativas de Hermes, ou Mercúrio, com seu chapéu de formato especial, o pétaso; segurando um caduceu com duas serpentes entrelaçadas na parte superior; e com asas nos pés.

Segundo Brandão (2008), a imagem do mito de Hermes é representativa de suas qualidades. O chapéu pétaso é um símbolo de identificação, ele representa autoridade, poder e soberania. As asas nos pés, ou as sandálias com asas, são um símbolo de elevação mística e domínio dos três níveis. O caduceu, com as duas serpentes enroladas em sentido inverso uma da outra, representa o equilíbrio entre forças antagônicas. Sendo Hermes o guia dos seres na transmutação, estas características são bem representativas.



“Mercúrio” de Hendrick Goltzius

FIGURA 01

Outra antiga tradição que busca orientar a trajetória de vida dos seres humanos, é o estudo do “Tao”. Ele aparece com maior evidência na antiga filosofia chinesa, na qual o conceito de “Tao” corresponde a “Caminho”. Segundo Wilhelm (2007c), “Tao” significa caminho. Corresponde ao que cada pé pisa, o caminho que resulta justamente do fato de ser percorrido, similar ao conceito moderno de lei natural. Também pode ser associado à idéia de caminho indicado ou um caminho que conduz a um objetivo; tem, ao mesmo tempo, o sentido de falar e guiar.

De acordo com este autor, o “Tao” está no interior de todas as coisas, mas ele próprio não é uma coisa. Está em um nível totalmente distinto de tudo que pertence ao nível dos fenômenos, se baseia em si mesmo, é eterno, imutável e está em constante circulação, sendo que todos os seus movimentos retornam para o interior de si mesmo. O “Tao” age na totalidade das energias invisíveis e atuantes. Estas energias podem transcender todos os antagonismos e anulá-los, pois os antagonismos se compensam mutuamente, convertendo-se cada movimento no seu oposto. Assim, a vida está sempre no todo e não em partes isoladas. O “Tao” não é um conceito teórico e nem pode ser atingido através de intelectualizações. Para chegar a ele, é preciso experimentar a vida e ir cada vez mais para o interior de si mesmo e de cada uma das coisas, até alcançar o ponto de unidade, onde a personalidade individualizada entra em contato com a totalidade cósmica. A partir desse ponto, abre-se a possibilidade de contemplação cósmica. Quem conseguir atingir o “Tao” levará a sua vida como uma pessoa e a máscara do eu não o enganará mais.

Segundo Wilhelm (2007c), o caminho que conduz o ser humano ao “Tao” passa pela aceitação dos opostos no mundo dos fenômenos. Sendo assim, é necessário que o ser humano se liberte das ambições ilusórias, para se libertar do próprio ego. A filosofia do “Tao” está diretamente relacionada a uma trajetória que envolve ampliação da consciência e harmonia com a totalidade. Neste conceito, o “caminho”, o “caminhante” e o “caminhar” se unificam.

Jung (2008a) faz alguns estudos sobre a religião hindu, na qual se encontra o conceito de “Rita”, que mostra o caminho do “Tao”, ou o caminho certo para não se perder o sentido da vida. Segundo este autor:

No conceito de Brama está contido o conceito de Rita (via certa), a ordem mundial. No Brama, como essência criadora do mundo e fundamento do mundo, as coisas chegam pela via certa, pois nela são eternamente

dissolvidas e criadas de novo; do brama resulta todo o desenvolvimento para um caminho ordenado. O conceito de Rita nos leva para o conceito de Tao em Lao-Tse. Tao é o 'caminho certo', o império da lei, um caminho intermediário entre os opostos, separado deles, mas unindo-os nele. O sentido da vida está em trilhar esse caminho do meio e nunca se desviar para os opostos. (p. 123 e 124).

Jung (2007c) considera que o “Tao” traz a idéia de que o cosmo e o homem obedecem às mesmas leis; neste sentido, psique e cosmo comportam-se como mundo interior e mundo ambiente. O homem participa de todo acontecimento cósmico e está ligado a ele, interna e externamente. Para este autor:

O Tao, sentido do mundo, o Caminho, domina, pois, o homem, do mesmo modo que a natureza invisível e visível (céu e terra). ... O significado originário é assim o de um trilho que – sendo estável em si mesmo – conduz diretamente de um começo até a meta. (p.91 e 92).

Neste sentido as características do Tao aproximam-se das características do arquétipo do caminho. Ambos falam da jornada do homem e do sentido da vida. Nestas trajetórias, o homem pode evoluir, transcender suas limitações e tornar-se um agente de mudanças em seu contexto.

Cavalcanti (2004) diz que, segundo todas as antigas tradições orientais e ocidentais, a verdadeira meta do ser humano é a evolução espiritual, o encontro com o si-mesmo, o sentimento de pertencer à Totalidade e de ser participante do Ser. Contudo, atualmente o homem é criado e alienado em uma matriz cultural orientada pelo sistema do ego. Neste sistema, o ser humano se guia pelo princípio da falta, que por sua vez gera sentimentos de desamparo, abandono e medo. A crença na falta produz solidão, privação, desesperança, e assim indefinidamente. Dessa forma, o homem acaba buscando no mundo externo a segurança e tudo aquilo que acredita faltar em si mesmo. As pessoas vivem voltadas para os acontecimentos do mundo físico e externo, alienadas e inconscientes da sua alma e do verdadeiro propósito de suas vidas. Baseado nisso, o ego tende a buscar, de forma compensatória, metas falsas e ilusórias que levam ao estabelecimento de relações predatórias e egocêntricas com o mundo e assim, as pessoas perdem a grande oportunidade do reencontro com sua divindade interna.

Segundo esta mesma autora, o primeiro passo para a percepção da dimensão anímica e divina em cada indivíduo é o auto conhecimento, tanto das inclinações negativas quanto das potencialidades internas. A iniciação-individação começa com a disponibilidade para o auto conhecimento e para a auto

transformação. Esse processo requer honestidade, auto-observação e dedicação. A fidelidade a esse propósito leva à purificação e à superação dos aspectos negativos da psique.

Também podemos pensar que este processo de evolução espiritual é um caminho que leva à individuação, conforme aponta Batista (2008). Para esta autora, falar sobre “caminho”, dentro da seara da psicologia analítica, remete a pensar imediatamente em individuação, que é considerado “... o processo de tornar-se aquilo que se é, ou, o de dar expressão individual ao vir a ser arquetípico”. (pg. 15).

Segundo Jung (2005), o processo de individuação possui dois aspectos fundamentais. O primeiro aspecto refere-se a um processo interno, subjetivo, de integração; o segundo aspecto refere-se a um processo de relacionamento objetivo. Um aspecto não pode ficar sem o outro, mesmo quando algumas vezes um aspecto, outras vezes outro, passa ao primeiro plano.

Este processo de individuação é freqüentemente simbolizado por mandalas. A palavra sânscrita mandala significa “círculo”. Na psicologia, a palavra mandala designa imagens circulares que são desenhadas, configuradas plasticamente ou dançadas. As mandalas remetem ao arquétipo da totalidade, e quando usadas terapeuticamente podem facilitar o processo de integração psíquica (JUNG, 2007a). A figura 02 representa um modelo de mandala.

Com a individuação se alcança o sentimento de Unidade, de Totalidade como foi vivido e descrito por Jung (2006):

As vezes, sinto como se estivesse espalhado por toda a paisagem e mesmo dentro das coisas, e eu mesmo estou vivendo em cada árvore, nos borrifos das ondas, nas nuvens e nos animais que vêm e vão, na seqüência das estações.(p. 198).

Esta percepção de integração com a Totalidade pode ser vivenciada quando se amplia a consciência e se compreende que na estrutura psíquica viva, nada se produz de maneira puramente mecânica, tudo se insere em um conjunto de fatores que se inter relacionam. Tudo responde a uma finalidade e tem um sentido. Mas como a consciência não abarca o todo, não pode compreender o sentido, ela deve constatar os fatos e futuramente analisá-los cuidadosamente para encontrar o seu significado.



Mandala

Figura 02

De acordo com Stein (2006), a individuação é uma necessidade psicológica dos seres humanos, eles buscam estabelecer conscientemente uma profunda unidade interior. Isto ocorre através de um processo contínuo de desdobramento que pode durar toda uma vida. A força impulsora deste processo é o si-mesmo, e o mecanismo pelo qual emerge na vida consciente do indivíduo é a compensação. A relação fundamental entre consciente e inconsciente é compensatória.

A função de compensação consiste em introduzir equilíbrio no sistema psíquico. Este processo se inicia já na primeira metade da vida com o desenvolvimento do ego para fora do inconsciente. O ego é impulsionado por um poderoso instinto para ficar separado do mundo circundante a fim de adaptar-se de um modo mais efetivo ao meio ambiente. Isso resulta numa separação entre a consciência do ego e a matriz inconsciente donde provem.

A tendência do ego é tornar-se unilateral e demasiadamente confiante em si mesmo. Quando isso acontece, o inconsciente compensa a unilateralidade de muitas maneiras – por atos falhos, esquecimentos ou revelações milagrosas; proporcionando acidentes, desastres, ligações amorosas e golpes de sorte; lançando idéias instigadoras e noções levianas que levam ao desastre.

Com o desenvolvimento do ego, muito material psicológico fica fora da consciência. O ego tende a expressar comportamentos e posturas socialmente aceitos, mas que nem sempre condizem com sua verdadeira personalidade. Ele utiliza uma espécie de “máscara social”, denominada persona, que tem por objetivo facilitar a convivência interpessoal. Surge então a necessidade de re - integrar à consciência o material psicológico que ficou de fora. Estes conteúdos inicialmente inconscientes são denominados, na psicologia analítica, de “sombra” – aspectos da personalidade reprimidos e desconhecidos; e também “anima”- aspectos inconscientes e femininos presentes em homens ou “animus” – aspectos inconscientes e masculinos presentes em mulheres.

Embora o ego não gere nem controle o processo de individuação, pode participar dele mais ativamente à medida que adquire consciência desse mesmo processo. Quando o ego está bem ligado ao si- mesmo, há uma boa relação com o centro transcendente, então a pessoa pode ter boa visão das situações em que está inserida e consegue pensar em ganhos a curto e longo prazo. Nestas condições é

como se a pessoa pudesse sempre consultar uma realidade mais abrangente do que mostram as condições práticas e racionais típicas da consciência de ego.

Assim, através do movimento psíquico ocorre o desenvolvimento da personalidade. Quando se fala de personalidade estamos nos referindo aos aspectos da alma e o modo como ela funciona no mundo. Ela tem aspectos conscientes e inconscientes, que estão em um movimento contínuo e incessante, geram transformações e podem levar à integração com a totalidade do mundo.

Segundo Cavalcanti (2004), através do auto conhecimento e da expansão da consciência sobre si mesmo, é possível encontrar um meio para a superação das fixações nos aspectos obscuros da pessoa, e também encontrar um veículo para o reconhecimento da alma e da divindade interna, que é a verdadeira essência do ser humano. Neste processo o indivíduo adquire a consciência de que o ego não é a parte mais importante, e o processo de identificação se desloca do ego para a alma e para o Self. Então o Self passa a guiar a busca do desenvolvimento e as necessidades ilusórias do ego são substituídas pelas necessidades reais do Self. Esta experiência é terapêutica, pois o contato com o Self é capaz de curar todas as feridas e faltas.

Von Franz (2003), Jung (2007) e vários outros autores analisaram os mitos e os aspectos psicológicos de pessoas que vivenciaram uma trajetória de vida que ampliou sua consciência e influenciou seu contexto. Estes autores nos mostram que os processos de desenvolvimento psicológico e de individuação ocorrem de maneiras diferentes de acordo com cada pessoa. Neste sentido, são eventos únicos. Contudo, estes autores mostram também que existem certos aspectos típicos, que são coincidentes, se assemelham e se repetem em todo processo de desenvolvimento ou de individuação. Neste sentido, há certas fases típicas que são ressaltadas de acordo com a consciência nacional coletiva do povo. A seguir, abordaremos algumas características comuns que freqüentemente aparecem no caminhar dos seres humanos em direção às suas verdades maiores e em direção ao Self.

1.2 O caminhar

Andanças²

Vim tanta areia andei
Da lua cheia eu sei
Uma saudade imensa
Vagando em verso eu vim
Vestido de cetim
Na mão direita rosas vou levar

Olha a lua mansa a se derramar (me leva amor)
Ao luar descansa meu caminhar (amor)
Meu olhar em festa se fez feliz (me leva amor)
Lembrando a seresta que um dia eu fiz (por onde for quero ser seu par)

Já me fiz a guerra por não saber (me leva amor)
Que esta terra encerra meu bem-querer (amor)
E jamais termina meu caminhar (me leva amor)
Só o amor me ensina onde vou chegar (por onde for quero ser seu par)

Rodei de roda andei
Dança da moda eu sei
Cansei de ser sozinha

Verso encantado usei
Meu namorado é rei
Nas lendas do caminho onde andei

No passo da estrada só faço andar (me leva amor)
Tenho o meu amor pra me acompanhar (amor)
Vim de longe léguas cantando eu vim (me leva amor)
Vou e faço tréguas sou mesmo assim (por onde for quero ser seu par)

Já me fiz a guerra por não saber (me leva amor)
Que esta terra encerra meu bem-querer (amor)
E jamais termina meu caminhar (me leva amor)
Só o amor me ensina onde vou chegar (por onde for quero ser seu par)

Paulinho Tapajós, Edmundo Souto e Danilo Caymmi

A letra da música “Andanças” mostra as ações, atitudes, emoções, amores e transformações do ser humano em sua trajetória de vida. Podemos perceber que a ampliação da consciência se dá através do “caminhar” que é a própria vivência do ser humano, diante de seus sonhos, conflitos, aspirações, limitações e realizações. Neste caminhar o homem descobre que na vivência é que ele encontra a satisfação de seus desejos, de seus quereres e amores.

² - Este texto se refere à letra da música “Andanças” de Paulinho Tapajós, Edmundo Souto e Danilo Caymmi

Nesta interação com a vida, é possível perceber que o amor é a grande força propulsora e norteadora na eterna trajetória humana. Aqui o amor é o que ensina. O amor ensina a não fazer guerra, ensina a harmonizar, ensina a fazer a união com a totalidade.

Andando, caminhando, cantando, descansando, sonhando, amando, vivendo ... Como se dá este movimento nas pessoas? Como a energia se movimenta ? Como ocorre esta trajetória?

No texto hermético “O Caibalion” (2008), que trata das forças psíquicas e universais, encontramos o terceiro princípio hermético, que é o “Princípio de Vibração – Nada está parado; tudo se move; tudo vibra”. (p.23) Segundo este princípio, o movimento é manifestado em tudo no universo, tudo se move, vibra e circula. As diversas manifestações de matéria, energia, mente e espírito resultam das ordens variáveis de vibração.

Neste sentido, podemos perceber que haverá sempre um movimento, algo que impulsiona o ser humano à evolução e harmonização. Portanto, o movimento ocorre de maneira constante nas pessoas, assim a energia está sempre ativa e interferindo nos processos vitais.

De acordo com Pereira (1998), o movimento e o desenvolvimento humano pertencem a um sistema mais amplo. Há uma relação constante que entrelaça os acontecimentos em uma dança sincronizada através do tempo e espaço, que desafia nossa orientação de causa e efeito acerca da vida quotidiana. O ser humano pertence ao Universo, é ao mesmo tempo distinto do Todo e pertencente a ele, portanto ele faz parte do processo de criação e pode aprender que, além de pensar sobre os acontecimentos, deve ser capaz de delinear caminhos de vida, a partir das várias orientações a que tem acesso através dos arquétipos.

Para Batista (2008), a diferença que existe entre a trajetória de vida de uma pessoa para outra é ‘como’ cada um faz o percurso e que bagagem cada um irá levar. Para o ser humano existe o “destino” enquanto “moira”, portanto, algo que lhe é dado e imutável. No entanto, a atitude que se desenvolve frente a este destino é o que atribui a cada pessoa a individualidade. Este é o nosso livre arbítrio.

De acordo com a mitologia grega, as Moiras controlam o fio da vida dos homens. Elas são três filhas da deusa Necessidade, que é chamada “O Forte Destino”. Os nomes das três Moiras são Cloto, Láquesis e Átropos. Cloto é quem fia

o fio da vida, este é medido pela régua de Láquesis e pode ser cortado pela lâmina de Átropos. (GRAVES, 2004).

Segundo Batista (2008), o exercício do livre arbítrio envolve grande movimentação de energia psíquica. Sobre esta movimentação, esta autora propõe a noção de “centroversão”. Este é um movimento que parte do si-mesmo, ativando arquétipos que promovem o desenvolvimento psíquico e o equilíbrio. Ele mantém a ligação e integração entre o ego e o si-mesmo. Neste sentido, o si-mesmo propõe o movimento e cabe ao ego aceitar ou não a proposta de executar a tarefa e trilhar este caminho de evolução.

A possibilidade de escolha do ego remete à questão da vontade. Para Jung (2002a), o ser humano não vive de modo meramente instintivo e automático. Pois o racionalismo da consciência revela-se um empecilho para a transformação pacífica da energia. A razão tende a aferrar-se compulsivamente aos valores por ela escolhidos.

Neste movimento e neste processo, o ser humano adquire “vontade”, isto é, uma soma de energia à disposição da consciência. A vontade é um fenômeno psicológico decorrente da cultura e da educação moral. Em decorrência disto, o homem se tornou “forte” para o que quiser empreender, pelo menos nos casos ordinários.

A busca pela realização de sua vontade pode levar o ser humano a um estado de “inflação”, ou seja, um estado em que o ego se identifica com a psique coletiva e perde a capacidade de discriminação pela consciência. Neste estado temos o que os gregos chamam de *hybris*, o “pecado” de ultrapassagem do metron, da medida, do interdito. A ação advinda de um indivíduo inflado sugere que ele se acredita o próprio Deus, e não leva em conta os limites do mundo e os seus próprios. O termo “*hybris*” pode ser empregado como sinônimo de inflação psíquica. Em seu uso original está relacionada à violência e à paixão voluptuosas que emergem do orgulho. Também representa a arrogância humana que se apropria daquilo que pertence aos deuses, neste sentido, significa transcender os limites humanos. (EDINGER, 1992).

Segundo Jung (2002a), quando a busca pela realização da vontade humana envolve algo que ultrapassa essa força individual, ou se trata de algo que poderia facilmente não dar certo, o homem lança mão de forças sobre humanas e

procedimentos mágicos ou fantasiosos que possam auxiliá-lo em seu empreendimento.

Segundo este autor, o “eu” pode descobrir que o afluxo dos conteúdos inconscientes vitaliza e enriquece a personalidade, criando uma figura que ultrapassa de algum modo o “eu” em extensão e em intensidade. Assim, o “eu” percebe que não há como vencer as forças do Self, então se rende a ele. (JUNG, 2002b).

A vontade e a possibilidade de fazer escolhas surge no ser humano como um desejo de se aproximar daquilo que almeja, daquilo que ele ama. O amor parece ser o grande agente de mudanças e de evolução nos seres humanos. De acordo com Von Franz (2003),

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida o homem descobriu novos caminhos que o levam para a interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de engendrar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas das nossas feridas e dos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e que estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira. (p. 5).

Jaffe (2002) considera que quando o ser humano está amando sente como se perdesse o controle sobre seu destino. Contudo vê com mais clareza, porque deixa de servir aos “deuses menores de seus complexos” e coloca em ação a plenitude de sua capacidade. Sendo assim, o amor faz o que nenhuma outra coisa pode fazer, ele compromete totalmente o ser humano.

Segundo Carotenuto (2005), a vivência de um relacionamento amoroso permite ao ser humano penetrar mais fundo na sua psicologia. Nesta viagem misteriosa através do amor, no encontro com o ser amado, é possível encontrar a si mesmo. Isto ocorre porque a relação amorosa provoca uma fixação da libido no ser amado, que torna a pessoa “desagregada” e obsesionada pela imagem do outro. A vitalidade que se experimenta quando se ama decorre de uma disposição para a busca, alimentada pelo desejo.

Ainda de acordo com este autor, o amor e o espírito criativo possuem uma inexaurível necessidade de realização de uma obra, na “ilusão” de que ela irá reparar conflitos interiores. Contudo, depois de realizada esta obra nem sempre o

ser humano tem a força necessária para amar e investir sua libido na continuidade de suas criações, possivelmente porque estas não fortalecem o ego, tanto quanto a exigência interior de reparar uma situação de desarmonia.

O amor é considerado por Jung (2002b) um dos principais responsáveis pela movimentação das forças e da energia nos seres humanos. De acordo com este autor:

... O amor parece ser uma força nada desprezível. Ele é o próprio Deus. Por outro lado, 'amor' é um antropomorfismo por excelência e, ao lado da fome, a clássica força motriz psíquica do homem. Psicologicamente falando, ele é de um lado uma função de relacionamento, de outro lado, um estado psíquico carregado de emoção que vemos coincidir, por assim dizer, com a imagem de Deus. (p. 54).

Jung (2005) diferencia a expressão do amor feminino e do masculino. Segundo ele, é da natureza feminina fazer tudo por amor a uma pessoa e é da natureza masculina fazer tudo por amor a uma coisa.

A figura 03 é uma imagem da obra de arte "O Nascimento de Vênus" de Botticelli, ela retrata uma imagem de Vênus ou Afrodite, considerada a deusa do desejo e do amor (BRANDÃO, 2004).

Para Batista (2008), quando uma pessoa está realizando seu caminho individual, constela-se um conflito interior em relação ao amor e o poder. Neste conflito amor e poder estão em pólos opostos. Quando a pessoa tende para o pólo do poder, tende a querê-lo cada vez mais e à medida que consegue sente-se maior e mais valorizado. Nesta situação, exclui-se a noção de parceria e vinculação. O poder faz com que a pessoa se sinta focada em si própria. Quando a pessoa tende mais para o pólo do amor, ela se vê obrigada a sacrificar poderosos aspectos seus, em favor de algo mais poderoso ainda, que é o si-mesmo. Então se dá conta de sua falta de autonomia e tende a adotar uma postura mais humilde. Situações desafiadoras ampliam a consciência do ser humano, pois ele se depara com seus limites e percebe que nem sempre querer é poder.

Este confronto psíquico entre os desejos pessoais e a força do destino, isto é, entre querer e poder, ocorre com mais evidência na juventude, quando o jovem sai do mundo protegido da família e enfrenta dificuldades para conquistar o próprio espaço no mundo. Neste momento, o jovem entra em contato com limites e vai aprendendo, com os fracassos e frustrações, a discriminar desejo e potencia.



“O Nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli

Figura 03

Este processo leva o jovem a tomar consciência das emoções, dos medos, das esquivas, das desculpas, e eventualmente, até mesmo das repressões e defesas. Ao longo da vida, a pessoa pode ir tomando consciência das marcas deixadas por seus embates e assim conhecendo melhor suas dificuldades e potencialidades. Segundo Batista (2008):

Nessa “luta do rochedo com o mar” o adulto vai sendo forjado. A saúde emocional e psíquica do indivíduo estará diretamente relacionada à sua capacidade de lidar com esse binômio. Deve ser capaz de identificar os próprios desejos e baliza-los com suas competências, habilidades, limites; ser capaz de compreender profundamente cada implicação, em sua vida, da conjugação desses pares: “quero e posso”, “quero, mas não posso”, “não quero, mas sei que posso”.(p.26).

Segundo Pearson (1994), seguir seu destino e empreender uma jornada é inerente ao ser humano. Há, portanto, um desejo de se arriscar a agir de maneira diferente daquela estabelecida pelos papéis sociais e encontrar a sua verdadeira identidade. Embora esta atitude possa gerar um sentimento de solidão, ao final da jornada ele é recompensado por um sentimento de comunhão consigo mesmo, com outras pessoas e com a Terra. Quando isso não ocorre, pode surgir um sentimento de se estar entorpecido, alienado e com um grande vazio interior.

Neste sentido, o ser humano não pode jamais se contentar com o curso natural das coisas. De acordo com Jung (2002a), assim como o homem cria as leis e a moral também cria a cultura. Isto ocorre porque o homem possui sempre um excedente de energia com a qual pode obter uma condição mais favorável do que a meramente natural. Este autor considera também que a redução à condição natural não é um estado ideal, pois se assim fosse, o primitivo levaria uma existência invejável e não sofreria atormentado por superstições, temores e compulsões em alto grau. A humanidade se libertou desses sofrimentos através da formação de símbolos que levam o homem à cultura. Neste sentido a cultura e os símbolos do si-mesmo tem caráter unificador.

O símbolo é formado através de um mecanismo psicológico que ativa e transforma a energia psíquica; ele mobiliza o ser humano a trilhar um caminho que pode levar à ampliação da consciência, ao auto conhecimento e à aproximação com o si-mesmo. A maneira como esta energia é conduzida determina o caminho a ser trilhado e o que acontece com o ser humano caminhante.

Segundo Jung (2008a), os símbolos são formados em decorrência da união de forças opostas. Isto ocorre em processo chamado de “função transcendente”. Neste processo, quando o ser humano se vê em situação na qual tem que lidar com conflitos internos e há plena equivalência dos opostos, comprovada pela participação incondicional do eu na tese e na antítese, produz-se uma suspensão da vontade. Já não é possível querer porque todo motivo tem a seu lado um “contramotivo” igualmente forte.

Surge então um represamento da energia vital, que opera uma regressão da libido, esta flui de volta como a torrente que retorna à fonte, isto é, a suspensão e a inatividade da consciência produzem uma atividade do inconsciente que faz emergir novo conteúdo, constelado igualmente pela tese e antítese, e que se comporta compensatoriamente para com ambos, formando uma base intermédia onde os opostos podem unificar-se. Conseqüentemente, irá se formar um conteúdo novo que dominará toda a atitude, acabará com a divisão e obrigará a força dos opostos a entrar num canal comum. E assim, a vida pode continuar fluindo com novas forças e novos objetivos.

Segundo Edinger (1992), o termo “símbolo”, utilizado em psicologia analítica, refere-se aos produtos espontâneos da psique arquetípica. Eles não podem ser inventados conscientemente, são produzidos sempre pelo inconsciente, através da chamada revelação ou intuição. São dotados de um dinamismo subjetivo que exerce uma poderosa atração e um poderoso fascínio sobre o ser humano. Podem ser considerados entidades vivas e orgânicas, que agem como um mecanismo de libertação e de transformação de energia psíquica. Assim, os símbolos transmitem a energia vital que apóia, orienta e motiva o ego. Para que isso seja possível eles penetram no ego, levando-o a identificar-se com eles e a trabalhar com eles inconscientemente; ou são projetados no ambiente externo, levando o ser humano a ficar fascinado com objetos ou atividades usados como alvo de projeções.

De acordo com Pereira (1998), a energia das pessoas se expressa na psique por meio dos símbolos, pois eles articulam energia e sentido, vida e representação. Segundo esta autora, podemos encontrar nos símbolos os mediadores entre mundo consciente e inconsciente; os sinalizadores de novas possibilidades; os germes de uma realidade que ultrapassa a vida concreta e lhe confere sentido; os sinalizadores da presença do não-visível que não se opõe à visão sensível, mas a prolonga.

Quando o ser humano é guiado pelo instinto ou pelo estímulo externo atua movido por uma fantasia inconsciente. Caso consiga conter o impulso, em uma atitude reflexiva, o ser humano desinfla a super estimação de si mesmo e conserva o lugar que lhe cabe na ordem natural das coisas. Neste sentido, o papel da “reflexão” não é confirmar a imagem habitual do ego por meio de racionalizações ou idealismos, e sim lançar luz sobre as lacunas, sobre o potencial ainda não reconhecido de cada situação, questionar os valores absolutos de um padrão, dissolver exclusividades, expandir ao invés de estreitar, fluir ao invés de enrijecer-se. A consciência reflexiva pode encontrar uma conexão entre as várias partes, propiciando, desta maneira, uma ação que seja a expressão de uma ordem natural que luta pela complementaridade entre as várias partes.

Para Batista (2008), esta consciência reflexiva é desenvolvida no arquétipo do caminho e está conectada ao processo de individuação. Percorrer o próprio caminho requer “fletir-se”, olhar para si mesmo no momento presente e também “re-fletir-se”, olhar para trás, rever questões, fazer e entender conexões, lançar perguntas a partir de inquietações, buscar respondê-las.

Neste movimento reflexivo, sobre si mesmo e sobre seu caminhar, o ser humano encontra um significado para sua trajetória. De acordo com Molineiro (2007), nestas circunstâncias a pessoa pode escutar o chamado de uma voz interior que é marcante e significativa. Este chamado pode vir através do reconhecimento da vocação individual e particular de cada pessoa. A vocação é resultante do entendimento e da síntese entre a consciência e o si-mesmo. Ela convida o ser humano a descobrir e realizar seu caminho por uma decisão livre e consciente. Realizar a vocação é uma tarefa para a vida toda, pois ela é um instrumento da psique a serviço do processo de individuação, e do desenvolvimento integral do homem que acontece ao longo de toda a vida. Nessa perspectiva, a vocação é compreendida como processo e não como um objetivo a ser alcançado. Portanto, quando o ser humano encontrar sua vocação ele conseguiu encontrar seu caminho para a auto realização e para a individuação. Isso pode ser expresso em pessoas que se envolvem satisfatoriamente com suas atividades profissionais, encontrando assim uma maneira de se fazerem úteis ao mundo através de seu verdadeiro talento.

Jung (1997) trata da questão da vocação considerando que algumas pessoas são impulsionadas por uma força denominada “designação”, a desenvolver uma personalidade específica, que se diferencia da maioria da sociedade. Essa

“designação” age como se fosse uma voz interior, uma lei de Deus, da qual não se pode esquivar. Ela não é uma prerrogativa das grandes personalidades, também aparece nas pequenas, só que com menor intensidade, mostrando-se então nebulosa e inconsciente. Assim, quanto menor for a personalidade, mais imprecisa será a voz interior, até confundir-se com a voz do grupo social e de suas convenções. Então, em lugar da designação, aparecerão as necessidades da coletividade. A personalidade individual distinta dos demais pela “designação”, também faz parte do povo como um todo e se encontra à mercê do poder que move o todo. Esta personalidade individual foi chamada por aquilo que é o psiquismo super poderoso, aflitivo e geral, que é a sua necessidade e a necessidade do povo. Se ouvir esta voz e segui-la, irá se sentir diferente e isolado, e a princípio poderá ser considerado individualista e indiferente ao meio exterior. Porém, as convenções são em si mecanismos sem alma, tratam de rotinas de vida. As convenções conservam as pessoas inconscientes e geram insegurança e pânico diante de situações imprevisíveis. A vida criadora fica acima destas convenções.

De acordo com Jung (2002a), quando o ser humano realiza esta designação mobiliza processos vitais e energéticos e interfere nas condições do mundo ambiental. Ele propôs que o conceito de “energia”, utilizado em psicologia analítica, fosse designado pelo termo “libido”. Ela pode ser expressa como movimento, força ou ainda como situação ou condição. Quando voltada para a ação, a libido se manifesta nos fenômenos dinâmicos da alma, como por exemplo, as tendências, o querer, os afetos e a produção de trabalho. Quando é virtual se manifesta como condição e aparece nas aquisições, possibilidades e aptidões. Contudo, quando a energia é deixada entregue a si mesma, ela se transforma na linha de seu declive natural, no qual produzem-se fenômenos naturais, mas não trabalho.

Este processo energético ocorre com a natureza e com o homem. Quando entregue a si mesmo, o ser humano vive como um fenômeno natural e não produz trabalho, no sentido próprio do termo. Através da cultura, que é uma invenção profundamente radicada na natureza do homem, pode-se aproveitar o declive natural para produzir trabalho. Segundo este autor,

.... O corpo vivo é uma máquina que transforma a quantidade de energia que recebe em outras manifestações dinâmicas equivalentes. Não podemos afirmar que a energia física se transforma em vida, mas apenas que a transformação é a expressão da vida. ... Da mesma maneira, a cultura humana, enquanto produto natural de diferenciação, é uma máquina; primeiro

que tudo, uma máquina técnica que utiliza condições naturais para transformar a energia física e química, mas também uma máquina psíquica que utiliza condições naturais para transformar a libido. ... Da mesma forma que o homem conseguiu inventar uma turbina e, conduzindo o curso d'água para ela, transformar a energia cinética nela contida em eletricidade, capaz de múltiplas aplicações, assim também conseguiu, com a ajuda de um mecanismo psíquico, converter os instintos naturais – que, de outra maneira, seguiriam sua tendência natural-, em outras formas dinâmicas que tornam possível a produção de trabalho. (p. 50 e 51).

Jung (2007b) considera que quando o ser humano está vivenciando sua designação ela parte em busca por seus ideais mais elevados e pode vivenciar algo próximo ao mito do herói, que empreende uma viagem marítima ao oriente, se depara com a figura do dragão e é engolido por ele. Jung (2002a) analisa este mito associando-o ao movimento da libido, da seguinte maneira:

... a entrada no ventre do dragão, isso representa a direção regressiva da libido. A viagem ao Oriente (a travessia noturna do mar) e os eventos que ocorrem nesta ocasião simbolizam o trabalho e o esforço de adaptação às condições do mundo interior da psique. A circunstância de o herói ser devorado e desaparecer inteiramente no ventre do dragão significa o alheamento completo da atitude com relação ao mundo exterior. O ato de dominar o monstro a partir de dentro representa o esforço de adaptação às condições do mundo interior. A saída do corpo do animal (o ato de escapular-se) com a ajuda de um pássaro, que é igualmente um nascer do sol expressa o reinício da progressão. Característico é que, enquanto o herói permanece engolido, o monstro enceta a travessia noturna pelo mar em direção ao Oriente, isto é, em direção ao nascer do Sol. Isto parece indicar, a meu ver, que a regressão não é necessariamente um retrocesso, uma acepção de uma involução ou degradação. Representa, pelo contrário, uma fase de evolução, onde falta, porém, ao homem a consciência de uma evolução, visto que ele se acha em uma situação compulsiva tal, que nos dá a impressão de que se encontra em estado infantil primitivo ou mesmo embrional, no seio materno. Só se pode falar de involução ou degradação quando o homem permanece neste estado. (p. 45 e 46).

Campbell (2007) faz um estudo sobre a trajetória do herói mitológico e considera que este percurso ocorre da seguinte maneira:

O herói sai de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali, encontra uma presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela, e penetrar com vida no reino das trevas (batalha com o irmão, batalha com o dragão; oferenda, encantamento); pode, da mesma maneira, ser morto pelo oponente e descer morto (desmembramento, crucificação). Além do limiar, então, o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda mágica (auxiliares). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento por parte do pai criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) ou,

mais uma vez – se as forças se tiverem mantido hostis a ele - , pelo roubo, por parte do herói, da benção que ele foi buscar (rapto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoarem o herói, ele agora retorna sob a sua proteção (emissário); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculos). No limiar do retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A benção que ele trás consigo restaura o mundo (elixir). (p. 241 e 242).

Para este mesmo autor, a aventura do homem moderno consiste essencialmente em enfrentar o próprio homem e seu egoísmo. Neste sentido a grande façanha consiste em vencer a degradação gerada pelo orgulho, pelo medo, pela avareza racionalizada e pela incompreensão santificada. Este processo passa pela construção e reconstrução do ego e da imagem social.

Analizando a trajetória de desenvolvimento dos seres humanos, a partir de um estudo sobre os mitos antigos e o homem moderno, Henderson (2008) considera que as pessoas geralmente passam por diferentes fases, em cada uma delas ocorre uma repetição do conflito original entre as exigências do Self e as do ego. Este conflito tende a se manifestar com mais força no período de transição que vai do início da maturidade à idade madura. Nesses períodos críticos, o arquétipo de iniciação é ativado com a finalidade de promover uma transição significativa que ofereça algo rico de sentido espiritual. Para este autor, há uma diferença marcante entre o mito do herói e o rito de iniciação. As figuras típicas de heróis esgotam suas forças para obter o que ambicionam e alcançar sucesso, mesmo que a seguir sejam punidos ou mortos por sua hybris. Na iniciação, ao contrário, o homem deve renunciar a toda ambição e a qualquer aspiração, para depois se submeter a uma prova, aceitando-a sem esperança de obter sucesso. Na verdade, deve estar preparado para morrer. O grau de provação pode variar, algumas vezes é leve, outras vezes mais doloroso. O propósito destas iniciações é sempre criar uma atmosfera de morte simbólica, de onde vai surgir um estado de espírito simbólico de renascimento. Há uma diferença entre os ritos de iniciação masculinos e femininos. No caso das mulheres, há um sacrifício que faz com que se libertem dos laços das suas relações pessoais, e assim, desempenhem mais conscientemente as funções de um indivíduo com direitos próprios. Já no caso dos homens, o sacrifício masculino é uma espécie de “entrega da sua sagrada independência”, isto é, ele fica mais consciente do seu relacionamento com a mulher. Este é um aspecto da

iniciação que aproxima e relaciona o homem e a mulher. Neste ponto o saber do masculino (logos) encontra a relação do feminino (eros). Esta união é representada no rito simbólico do casamento religioso.

Podemos entender que cada ser humano tem sua lei de vida, que lhe é inata. Todos podem tornar-se personalidade e atingir a Totalidade, mas para isso é preciso dizer um “sim” consciente ao chamado interior que lhe é apresentado. A grandeza de cada personalidade consiste no fato de ela optar, livre e conscientemente, em vivenciar a sua designação e traduzi-la em sua realidade individual. O empreendimento de desenvolver a personalidade é um risco que leva a pessoa a vivenciar algo que a princípio está fora do consenso social, portanto não é de se surpreender que poucos se lancem a esta aventura. Em geral, estas personalidades acabam sendo consideradas heróis da humanidade, queridos e adorados por seus feitos, pois, em geral, quando atingem seus objetivos, proporcionam grandes benefícios a si mesmos e compartilham seus dons e suas conquistas com seu meio social e com o contexto geral do qual fazem parte. Veremos a seguir algumas características comuns encontradas nestas pessoas que empreendem esta caminhada rumo à realização de seus ideais.

1.3 O caminhante

A Dona do Raio e do Vento³

O raio de Inhansã sou eu
Cegando o aço das armas de quem guerreia
E o vento de Inhansã também sou eu
Que Santa Bárbara é Santa que me clareia

A minha voz é o vento de maio
Cruzando os ares, os mares e o chão
E meu olhar tem a força do raio
Que vem de dentro do meu coração

A Dona do Raio e do Vento
O raio de Inhansã sou eu
Cegando o aço das armas de quem guerreia
E o vento de Inhansã também sou eu
Que Santa Bárbara é Santa que me clareia

Eu não conheço rajada de vento
Mais poderosa que minha paixão
E quando o amor relampeia aqui dentro
Vira um corisco esse meu coração

Eu sou a casa do raio e do vento
Por onde eu passo é zunido é clarão
Porque Inhansã desde o meu nascimento
Tornou-se a dona do meu coração

A Dona do Raio e do Vento
O raio de Inhansã sou eu
Cegando o aço das armas de quem guerreia
E o vento de Inhansã também sou eu
Que Santa Bárbara é Santa que me clareia

O raio de Inhansã sou eu
E o vento de Inhansã também sou eu
O raio de Inhansã sou eu

Paulo César Pinheiro

Os versos desta música falam de alguém que ilumina, mobiliza e harmoniza, a partir dos relampeios da paixão em seu coração. A partir da paixão e do amor, ela transforma a vida e as pessoas por onde passa. Sua voz é o vento condutor que leva a todos os lugares indefinidamente. Seu olhar traz o brilho de seu coração.

³ - Este texto se refere à letra da música “A Dona do Raio e do Vento” de Paulo César Pinheiro

São as forças da natureza, o vento, o raio, a paixão e o amor, e as forças superiores Inhansã e Santa Bárbara, reunidos na figura heróica da “Dona do Raio”, que mobilizam, transformam o ser humano e transmutam aquilo que esteja em desacordo com a totalidade.

O vento e o raio, o movimento e a estrondosa iluminação ... as forças da natureza e as atitudes dos seres humanos ...

Quem é este ser capaz de enfrentar as a paixão e as armas? Quem é este personagem que mobiliza, modifica e harmoniza? Quem é que determina a ação, clareia a visão e conduz aos caminhos da individuação?

Para Jung (2007b), este personagem é frequentemente apresentado como o herói. Ele é o mais nobre de todos os símbolos da libido, é o ator da transformação de Deus no homem. Frequentemente, é associado ao sol, a símbolos fálicos e a serpentes. Ele se expressa na dinâmica psíquica, em certas circunstâncias, nas quais o homem se vê diante das dificuldades da vida, percebe que há obstáculos que atrapalham a conquista de suas metas e então luta para superá-las.

Batista (2008) considera que a figura do herói também pode surgir, na psique do ser humano, quando ele se lança de livre e espontânea vontade em desafios heróicos, vendo nessa atitude uma possibilidade de transformação efetiva de algo clamante por renovação. Para esta autora “... o homem carrega em si algo espiritual que transcende a matéria, e aponta para além dos referenciais da natureza. O homem é criatura, mas é também criador”. (p. 16).

A figura 4 refere-se ao Herói Clássico, ela mostra uma representação simbólica da imagem do herói. A vestimenta e a lança que aparecem nesta imagem nos remete à postura de luta presente neste mito. Podemos notar também que esta imagem está espelhada: na posição superior, a figura está voltada para dentro; na posição inferior, a figura está voltada para fora. Isto nos leva a pensar que há um enfrentamento tanto de aspectos internos quanto externos. Além disso, identificamos o contraste das cores branco e preto, que nos leva a pensar nas polaridades, nos aspectos de luz e sombra que precisam ser transcendidos no processo de desenvolvimento psíquico.

Segundo Henderson (2008), esta capacidade criativa do ser humano pode ser ativada quando surgem situações de enfrentamento de adversidades; nestas condições o inconsciente pode utilizar o material arquetípico e modificar a sua forma de acordo com as necessidades do momento.



“O Herói Clássico” de J. F. B. O. Jatobá

Figura 04

Henderson (2008) comenta que há várias histórias que tratam de um herói de nascimento humilde e milagroso, ele vence provas com sua força sobre humana precoce, ascende rapidamente ao poder, vence lutas contra as forças do mal, falha ante a tentação do orgulho e declina motivado por uma traição ou por um ato de sacrifício.

Em várias dessas histórias que relatam a trajetória de heróis a fraqueza inicial do herói é contrabalançada pelo aparecimento de poderosas figuras protetoras que lhe permitem realizar as grandes tarefas. Essas personagens divinas são representações simbólicas do si-mesmo, expressas em uma forma que supre o ego da força que lhe falta. Sua função específica lembra que é atribuição essencial do mito heróico, desenvolver no ser humano a consciência do ego. Assim, a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada estágio de evolução da personalidade humana.

Estes estágios de evolução são descritos por Pearson (1994) como seis etapas de transformações. Na primeira etapa, o herói se mostra como um “inocente” que tem total confiança no mundo; na segunda etapa, o herói assemelha-se ao “órfão”, que busca ansiosamente segurança; na terceira etapa, assemelha-se ao “mártir”, que se dispõe ao auto sacrifício em atitude altruísta; na quarta etapa, se assemelha ao “nômade”, que peregrina com atitude exploradora em busca de autonomia e em busca de sua própria identidade; na quinta etapa, o herói assemelha-se ao “guerreiro” corajoso e competitivo; e finalmente na sexta etapa, o herói assemelha-se ao “mago”, que é autêntico e está em harmonia com a Totalidade. Há um desejo de se arriscar a agir de maneira diferente daquela estabelecida pelos papéis sociais e encontrar a sua verdadeira identidade. Embora esta atitude possa gerar um sentimento de solidão, ao final da jornada ele é recompensado por um sentimento de comunhão consigo mesmo, com outras pessoas e com a Terra.

Portanto, quando o arquétipo do herói é ativado, ele impulsiona o ser humano a desenvolver uma tarefa e percorrer um trajeto. No final, a psique se vê metamorfoseada, o ego toma consciência do ocorrido e percebe-se modificado. Esta transformação é possível graças ao potencial de realização e ampliação da consciência do ser humano. Este potencial normalmente está além do que se percebe conscientemente, pois habitualmente o que se vive é só uma fração infinitesimal daquilo que realmente se abriga no interior do ser humano, que é

justamente aquilo que lhe dá vida, alento e profundidade. Assim, a vida pode ser considerada uma espécie de provação por meio da qual o homem se liberta de um tipo de prisão. Esta é uma idéia que deve ter se originado de pessoas com poder e profundidade espiritual, que sentiram que suas vidas eram inadequadas ao aspecto ou dimensão espiritual de seus seres (CAMPBELL, 2008).

Segundo Carotenuto (2005), as pessoas que têm esta percepção sobre suas vidas aceitam sua própria diversidade e vivem uma “existência itinerante” que é sempre dinâmica e está em constante desenvolvimento. Eles não se adaptam a modelos estáticos. Contudo, esta postura de diferenciação deve ser apenas um estágio transitório no percurso para a harmonização das próprias forças. Se houver uma fixação na condição de reação contra padrões de conduta externamente propostos, possivelmente a personalidade estará se fundamentando apenas em aspectos externos, sem dar ouvido aos chamados e desejos interiores. Estas situações de oposições e afirmações, assim como as experiências e os sentidos humanos são limitados por tempo e espaço.

Para Campbell (2008), a essência da vida é o tempo e tudo na esfera de tempo é dual; a essência do tempo é o fluxo, a dissolução do momentaneamente existente. Eternidade é aquela dimensão do aqui e agora que todo pensar em termos temporais elimina. A coisa suprema com a qual o ser humano tenta entrar em contato não é limitada desse modo, ela só é limitada na medida que se pensa nela. A função da vida consiste em experimentar a eternidade aqui mesmo e agora, em todas as coisas, não importa se encaradas como boas ou más. Transcender significa ir além da dualidade e de todas as categorias de pensamento.

A questão da dualidade é tratada no texto hermético “O Caibalion” no “Quarto Grande Princípio Hermético – o Princípio de Polaridade”, este princípio diz que:

Tudo é duplo; tudo tem dois pólos; tudo tem seu par de opostos; o semelhante e o dessemelhante são uma só coisa, os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados. (TRÊS INICIADOS, 2008, p.24).

Podemos entender que a diferença entre as coisas, que se parecem diametralmente opostas, é apenas uma questão de grau. Os estados mentais também estão sujeitos a este princípio, portanto é possível mudar os pólos mentais conforme o desejo, a necessidade e a potencialidade de cada situação.

No caso do mito do herói, ele freqüentemente se depara com oposições de forças externas e com limitações internas. Lidar com oposições é importante para o ego afirmar-se como individualidade.

De acordo com Jung (2007b), quando ocorre o enfrentamento destas oposições a individualidade tende a ser superestimada devido à sua importância prática; os conteúdos do consciente individual podem diferenciar os aspectos gerais da humanidade até o irreconhecível; e o ego pode facilmente identificar-se com a figura do herói, o que pode acarretar uma inflação psíquica com todas as suas conseqüências. O homem, como indivíduo, pode ser considerado um fenômeno que só tem sentido do ponto de vista biológico, como ser coletivo e elemento integrante da massa, o aspecto cultural levou-o à formação da personalidade, o que ocorreu juntamente com o desenvolvimento do culto ao mito do herói.

Em relação aos aspectos culturais, Jung (2002b) considera que os seres humanos ainda são tão pouco educados que precisam de leis e de um mestre disciplinador para saberem o que é bom para poderem agir corretamente. Neste sentido, a confiança nas leis da natureza humana e do caminho humano pode parecer um naturalismo perigoso e não-ético. Contudo, não pode existir moralidade sem liberdade, para poder ser livre, é preciso antes vencer o barbarismo. Isto acontece, em princípio, quando o fundamento e a força motivadora da moralidade são percebidos e sentidos pelo indivíduo como partes constitutivas de sua própria natureza, e não como limitações que vêm de fora.

Para Jung (2005), muitos individualistas consideram que o ser humano é apenas um elemento anárquico, ambicioso e eternamente insatisfeito. Contudo, devemos lembrar que foi o ser humano quem criou as formas rigidamente fechadas da civilização atual, que inclusive são mais fortes do que a grande parte dos fluxos anárquicos. O ser humano “normal” é conservador e moral, ama mais a ordem e a lei do que a desordem, por isso cria as leis e cuida para que sejam cumpridas.

Assim, o herói deve saber viver de maneira equilibrada com seu contexto, inclusive com as leis e ordens estabelecidas pela sociedade da qual faz parte. Ele deve saber viver em uma realidade dinâmica, que reside no ponto de encontro das essências, que lhe foram revelados e o mundo das aparências cotidianas. O verdadeiro herói não é vaidoso, pelo contrário, é um indivíduo cujas ambições pessoais foram integralmente dissolvidas, por isso age desinteressadamente. Ele não tenta viver, apenas vive o seu destino (SALEM, 2008).

O mito do herói e sua trajetória parecem estar ligados a esta mudança de estado mental, isto é, o herói tende a empreender uma tarefa que resulta na alteração de sua condição, partindo de uma situação considerada desfavorável para outra mais adequada e satisfatória. Este é um drama inconsciente que só aparece nas projeções e surge contestando certos aspectos da ordem social presentes em seu contexto. Cabe ao herói transcender certas limitações internas e outras limitações estabelecidas no meio externo, criando novas possibilidades e maneiras de ser e viver. Ele tem que encontrar uma forma de unir seus interesses pessoais e os interesses da sociedade da qual faz parte. Nestes sentido, este mito pode ser considerado aquela figura dotada de força mágica que torna possível o impossível. Psicologicamente é um arquétipo do si-mesmo, participante da natureza divina. É também um símbolo que faz o caminho intermediário, no qual os opostos se unem em um movimento novo.

Neste sentido, Stein (2006) atribui ao mito do herói o papel de criador da consciência. Pois o ego procura alcançar uma autonomia relativa de sua condição original de totalidade. Este arquétipo exige o abandono de atitudes infantis e passivas, ele insiste que se aceite e enfrente ativamente a realidade da vida, assumindo as responsabilidades de modo adulto. Isto é necessário para que o indivíduo seja capaz de se relacionar com seu ambiente adulto. A vivência deste mito pode proporcionar a ampliação da consciência, porém para garantir esta libertação, é necessário manter e desenvolver, de modo significativo, essa consciência. Caso seja bem sucedido na manutenção desta consciência o homem poderá viver uma vida útil, guardando a sua individualidade dentro da sociedade. Graças à competência para a aceitação deste desafio é que os seres humanos puderam sobreviver ao longo de centenas de milhares de anos.

Quando o arquétipo do herói é ativado ele impulsiona o ser humano a desenvolver uma tarefa e percorrer um trajeto em busca de sua verdade maior, em busca de si-mesmo. No final a psique se vê metamorfoseada, o ego toma consciência do ocorrido e percebe-se modificado.

O arquétipo do caminho, o arquétipo do herói, a ampliação da consciência e o desejo de superação dos limites parecem estar sempre associados de alguma forma. Eles possibilitam que o ser humano conheça suas limitações circunstanciais e seus talentos criativos. Neste sentido, Cassirer (2005) entende que o homem está em constante busca de si mesmo, sempre investigando e examinando as condições de

sua existência. Para este autor o sentido e o valor da vida humana consistem nessa atitude crítica para com a vida.

A seguir, abordaremos o tema do empreendedorismo, enfocando as características comuns nesta trajetória e em seus protagonistas, assim como suas ações e posturas empreendedoras. Trata-se de trajetórias de desenvolvimento de pessoas que vivenciaram a busca pela sua verdade maior, por aquilo que consideram fundamental em suas vidas, encontraram diversas limitações e à medida que seguiram adiante, foram se transformando e transformando o seu contexto. Os empreendedores podem ser representativos de vivências atuais relacionadas ao arquétipo do caminho e ao arquétipo do herói.

2. ASPECTOS TEÓRICOS DO EMPREENDEDORISMO

2.1 O empreendedorismo

Os Argonautas¹

O barco, meu coração não aguenta
 Tanta tormenta, alegria
 Meu coração não contenta
 O dia, o marco, meu coração, o porto, não
 Navegar é preciso, viver não é preciso
 Navegar é preciso, viver não é preciso
 O barco, noite no céu tão bonito
 Sorriso solto perdido
 Horizonte, madrugada
 O riso, o arco, da madrugada
 O porto, nada
 Navegar é preciso, viver não é preciso
 Navegar é preciso, viver não é preciso
 O barco, o automóvel brilhante
 O trilho solto, o barulho
 Do meu dente em tua veia
 O sangue, o charco, barulho lento
 O porto silêncio
 Navegar é preciso, viver não é preciso
 Navegar é preciso, viver não é preciso

Caetano Veloso

A letra desta música parece falar das emoções vividas em trajetórias de vida. O barco em sua trajetória noturna nos lembra o mito do herói, que empreende uma jornada marítima e noturna rumo ao seu destino e à sua realização pessoal (CAMPBELL, 2007). Este herói vive tormentas e alegrias, vive o barulho e o silêncio, o coração não aguenta e não contenta, assim “navegar é preciso, viver não é preciso”. Isto nos leva a pensar que a arte da navegação, tão antiga na história da humanidade, parece ser mais precisa e exata do que a arte de viver a vida, esta não parece ser nada precisa e nem exata. Principalmente quando se sai dos parâmetros e das convenções estipulados pela sociedade. Nestas situações fica-se entregue às forças supra humanas e à destinação.

O empreendedorismo representa uma destas situações da vida em que identificamos esta destinação, com suas forças, desafios e mobilizações características.

¹ - Este texto se refere a música “Os Argonautas” de Caetano Veloso.

Mas o que é este empreendedorismo? O que o caracteriza e o diferencia de outras atividades? Como surge o empreendedorismo na vida das pessoas?

O GEM, que é uma pesquisa social dirigida a indivíduos, considera que o empreendedorismo é um fenômeno complexo que se baseia essencialmente no comportamento de certas pessoas que abrem e gerenciam seus próprios negócios, tendo características inovadoras para o contexto social, econômico e cultural. Estas pessoas são os agentes primários nos movimentos de instalação, iniciação e manutenção de novos empreendimentos.

Segundo o Relatório GEM 2007, as atividades empreendedoras estão intrinsecamente relacionadas às características institucionais e demográficas, à cultura empreendedora e ao grau de bem estar econômico do país.

Estas atividades empreendedoras se dividem em dois tipos de empreendedorismo. Um é aquele que se inicia por necessidade, no qual o trabalhador excluído do mercado de trabalho busca uma alternativa de obtenção de renda, procurando assim saídas para as adversidades da pobreza e da exclusão; outro tipo de empreendedorismo é aquele que se inicia por uma atitude voluntária. Considera-se que o empreendedorismo voluntário é aquele genuinamente motivado por uma oportunidade, neste caso a pessoa persegue um motivo por interesse em ter independência ou aumento da renda pessoal. Considerando os empreendedores brasileiros, 39% deles podem ser enquadrados neste perfil.

Minarelli (1995) considera que a empregabilidade, que é a capacidade de dar emprego ao que se sabe, é sustentada pela adequação vocacional, a competência profissional, saúde física e mental, reservas financeiras, fontes alternativas e relacionamentos. Segundo este autor, quem procura e detecta problemas descobre oportunidades, como consequência, acha trabalho e dinheiro. Assim, o homem se faz útil a si mesmo, obtendo renda para sua sobrevivência e sendo útil aos outros, auxiliando-os a solucionarem seus problemas. Uma das maneiras de se estabelecer esta atividade é criar uma empresa, que funciona e cresce em função da necessidade do mercado e da habilidade do empresário.

O sucesso ou fracasso do empreendimento é diretamente influenciado por determinadas condições nacionais, entre elas destaca-se: o apoio financeiro; as políticas e os programas governamentais; a educação e capacitação dos empreendedores e profissionais envolvidos no empreendimento; as pesquisas e

desenvolvimentos associados à transferência de tecnologia acessíveis aos empreendedores; a infra estrutura nacional comercial e profissional; os acessos ao mercado consumidor; o acesso a infra estrutura física; as normas sociais e culturais; e a proteção aos direitos de propriedade intelectual (RELATÓRIO GEM 2007).

Para Serafim (2008), a orientação da ação empreendedora é também influenciada pelas relações interpessoais, que podem propiciar recursos econômicos, sociais e informacionais; e por aspectos culturais, como a aprovação do grupo a determinadas atividades econômicas, e a aceitação de valores e princípios comunitários.

Outro fator que influencia a ação empreendedora é a dinâmica de negócios gerada pela globalização, que coloca em risco permanente a sobrevivência das pessoas e das empresas, exigindo dos empreendedores coragem e criatividade para enfrentar a grande velocidade das mudanças tecnológicas, econômicas e de mercado. O ponto fundamental para o desenvolvimento empresarial consiste em ter um diferencial (PASSOS, 2008).

Os fatores que influenciam os empreendimentos afetam todas as pessoas envolvidas, sejam eles empresários, funcionários, prestadores de serviços ou fornecedores. Sendo assim, as organizações e o que elas representam têm um papel importante no processo de vida das pessoas.

Segundo Cortez (2007), o ideal é que as empresas ou empreendimentos possibilitem aos trabalhadores uma oportunidade para manifestar suas capacidades, ofereçam desafios, criem condições para o desenvolvimento e colham as recompensas através do retorno econômico.

Quando o trabalhador está plenamente consciente de si mesmo e da organização, ele percebe os aspectos bons e ruins tanto de si mesmo quanto da empresa e sendo assim, não tem a organização como sua referência primordial. Desta forma ele pode trilhar um caminho de desenvolvimento a partir da integração dos opostos que se apresentarem. O resultado deste processo é a individuação do trabalhador e conseqüentemente da própria organização.

Podemos entender que o trabalho e o empreendedorismo, que é uma forma de atuação no trabalho, influenciam na formação da personalidade e no processo de individuação, proposto pela psicologia analítica. Portanto, o indivíduo, em sua trajetória de trabalho profissional, trilha um caminho produtivo, de criação e evolução,

que leva à ampliação da consciência. Neste sentido o empreendedor relaciona-se diretamente com o arquétipo do caminho.

O empreendedorismo está relacionado a um processo que envolve realizações de idéias; harmonização de interesses de diversas pessoas; aproximação de sonhos e realidades, desejos e possibilidades. Através do empreendedorismo é possível trazer para o mundo concreto aquilo que estava no plano abstrato; isto mobiliza as pessoas envolvidas e demanda entusiasmo, determinação, reflexão e transformação.

2.2 O empreender

Vento de Maio²

Oi você, que vem de longe
Caminhando há tanto tempo
Que vem de vida cansada
Carregada pelo vento
Oi você, que vem chegando
Vá entrando, tome assento

Desapeie dessa tristeza
Que eu lhe dou de garantia
A certeza mais segura
Que mais dia, menos dia
No peito de todo mundo
Vai bater a alegria

Oi, meu irmão, fique certo
Não demora e vai chegar
Aquele vento mais brando
E aquele claro luar
Que por dentro desta noite
Te ajudarão a voltar

Monte em seu cavalo baio
Que o vento já vai soprar
Vai romper o mês de maio
Não é hora de parar
Galopando na firmeza
Mais depressa vais chegar

Torquato Neto

A letra desta música nos fala de trajetória árdua, de alguém que segue carregado pelo vento, buscando uma condição melhor para si mesmo. Nesta trajetória há dificuldade, mas também há firmeza e esperança. Assim também é o empreender, muitas vezes parece assustador, outras encantador. Empreender é fazer parte da totalidade, é ouvir o chamado interior, é encontrar e dar sentido ao desígnio de cada ser humano.

Como uma pessoa faz para empreender? Como não se perder em meio a forças, tentações, possibilidades e dificuldades? E se isso acontecer, como encontrar o caminho de volta para seu objetivo inicial?

Para Dornelas (2002), muitas vezes, as pessoas são levadas a empreender devido à competição na economia e à rapidez das mudanças tecnológicas.

² - Este texto se refere a letra da música Vento de Maio de Torquato Neto

A partir disso, os empreendedores são forçados a adotar paradigmas diferentes; identificar e avaliar oportunidades; desenvolver o plano de negócios; determinar e captar recursos necessários; e gerenciar a empresa criada. Estas etapas do processo envolvem fatores pessoais, sociológicos, organizacionais e ambientais. Estas etapas do processo envolvem fatores pessoais, sociológicos, organizacionais e ambientais.

Ainda de acordo com Dornelas (2002), é possível ensinar uma pessoa a ser empreendedora ou aperfeiçoar suas habilidades naturais de empreendedor. Este ensino deve envolver aspectos técnicos, habilidades gerenciais e características pessoais e ainda dar ênfase à capacidade de comunicação, relacionamento e inovação.

Atualmente, no Brasil, um dos principais trabalhos que procuram desenvolver e dar suporte aos empreendedores é o do SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo, que, segundo Melo (2003), tem por objetivo criar condições para que o empresário ou futuro empresário se desenvolva. No SEBRAE destaca-se o “Empretec”, que é um programa executado pelo Sistema SEBRAE, em parceria com o PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e com a ABC/MRE – Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores.

O método utilizado no “Empretec” tem suas origens na década de sessenta, quando o psicólogo David McClelland, da Universidade de Harvard (EUA), identificou em empresários de sucesso um elemento psicológico marcante denominado por ele de “motivação da realização”. A partir daí, desenvolveu o treinamento da “motivação para a realização”, cujo objetivo era melhorar esta característica e torná-la aplicável no ambiente empresarial. A configuração definitiva do método e o lançamento oficial do “Empretec” ocorreram em 1988.

Uma dos aspectos mais importantes para o sucesso da trajetória empreendedora é a criatividade. De acordo com Chér (2008), para empreender é importante pensar criativamente. Isto supõe uma atitude que leva a procurar idéias e a manipular conhecimentos e experiência. Esta atitude envolve reflexão, questionamento e quebra de padrões. No empreendedorismo a criatividade pode ser considerada um processo que resulta no surgimento de um novo produto, serviço ou comportamento, aceito como útil, satisfatório ou de valor em algum momento. Neste

sentido, onde houver um padrão e um costume haverá possibilidade de inovação; onde houver conhecimento será possível inovar, a partir de seu rearranjo.

Outro aspecto considerado muito importante na trajetória empreendedora é o relacionamento interpessoal. De acordo com Minarelli (1995), uma das condições fundamentais para uma pessoa empreender e manter-se atuante no mundo do trabalho é estabelecer bons relacionamentos com as pessoas. Este autor recomenda que se faça um registro de todos os relacionamentos que estabelecer, criando assim um banco de dados que será utilizado para estabelecer um “marketing de relacionamento”. Paralelamente a isso, é necessário que o profissional mantenha uma postura idônea, uma aparência saudável e informações atualizadas, principalmente ligadas a sua área de atuação.

Outros aspectos importantes e que não podem ser negligenciados na trajetória empreendedora são: manter boas condições financeiras, competência profissional, boa visão do mercado, habilidade comercial; cumprir o que propõe aos clientes; administrar a contabilidade, o recolhimento de impostos e as aplicações financeiras; e ainda atualizar-se constantemente em seu ramo de atividades em aspectos relacionados ao mercado consumidor.

Portanto, para empreender com sucesso é preciso cuidar de vários aspectos, entre eles destacam-se a criatividade, a liderança, a habilidade no relacionamento interpessoal e habilidade com estratégias administrativas. Além disso, é importante cuidar dos aspectos relacionados à liderança das pessoas envolvidas. Pois, para empreender é necessário administrar um negócio e também liderar pessoas.

Hersey e Blanchard (1986) consideram que a liderança ocorre sempre que alguém procura influenciar o comportamento de um indivíduo ou de um grupo, qualquer que seja a finalidade, visando objetivos pessoais, de terceiros ou organizacionais. A administração é um tipo especial de liderança em que é fundamental a consecução de objetivos organizacionais. A administração envolve planejamento, organização, motivação e controle.

Sendo assim, para que a liderança exercida em um empreendimento seja bem sucedida é fundamental que o empreendedor tenha uma visão histórica; conheça mecanismos que facilitem a implantação de mudanças; mantenha certo planejamento, previsibilidade e controle sobre acontecimentos futuros; promova a motivação de todas as pessoas envolvidas e desenvolva suas habilidades de liderança.

Hersey e Blanchard (1986), seguindo modelo de desenvolvimento organizacional proposto por Larry E. Greiner em seu livro “Evolution and Revolution as Organization Grow” publicado em 1972, postulam que as empresas em fase de crescimento passam por cinco períodos de evolução relativamente calmos, caracterizado pelo estilo de administração dominante; cada um dos quais terminando com um período de crise e revolução, caracterizado pelo problema administrativo dominante. Estes períodos estão apresentados na figura 05.

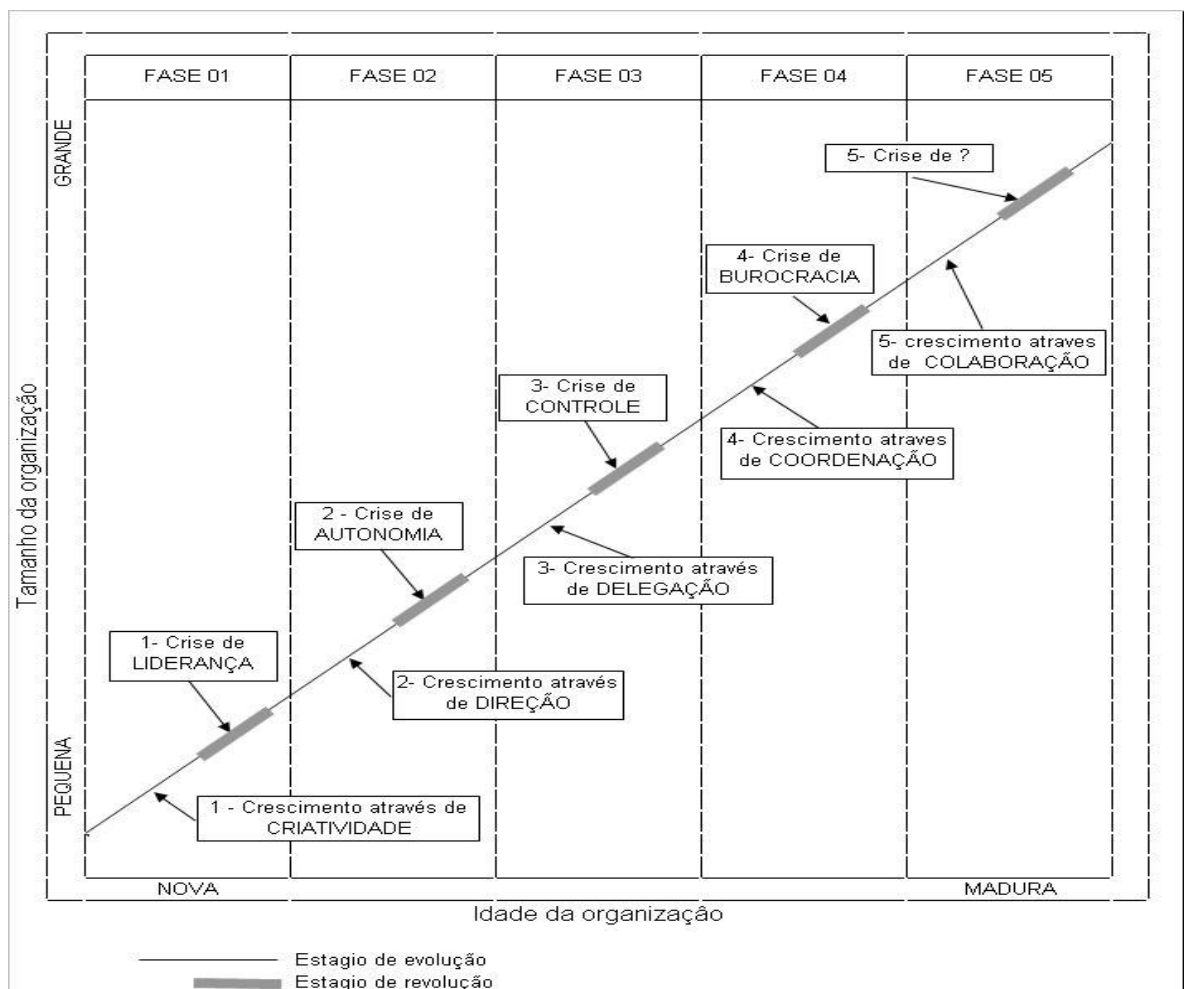


Figura 05

Conforme esta figura indica o primeiro estágio do crescimento organizacional chama-se “criatividade”, ele é dominado pelos fundadores da empresa e a ênfase é dada à criação de um produto e seu mercado. À medida que uma organização cresce os fundadores se vêem sobrecarregados com responsabilidades administrativas e conflitos entre as pessoas envolvidas, exige-se mais do que

comunicação informal e empenho pessoal. É neste ponto que surge a “crise de liderança” e começa o primeiro período revolucionário. A solução para estes problemas consiste em identificar e nomear um gerente eficaz, que seja aceito pelos funcionários e mantenha a organização unida. Com isso, se chega ao período evolucionário “crescimento através da direção”, nessa fase o gerente e sua equipe direta assumem sozinhos a maior parte das responsabilidades. Quando os demais funcionários, subordinados a esta gerência e sua equipe, começam a exigir maior autonomia, chega-se ao período revolucionário “crise da autonomia”. A solução para esta crise é delegar mais responsabilidades aos subordinados; este é um período considerado difícil, pois gera insegurança por parte da alta administração, e exige crescimento das habilidades profissionais por parte dos subordinados que não estão acostumados a tomar decisões por conta própria dentro da empresa. Superadas estas dificuldades alcança-se o estágio “crescimento através da delegação”, então começa a se desenvolver uma estrutura descentralizada, que aumenta a motivação nos níveis inferiores.

Com o passar do tempo, a alta direção da empresa começa ter a sensação de perda de controle diante da diversificação das atividades e então surge a “crise de controle” que pode fazer a empresa retroceder à antiga centralização e gerar ressentimentos e hostilidades por parte da equipe de profissionais ligados à empresa. Caso a empresa supere esta crise entrará no próximo período evolucionário que é o “estágio de coordenação”, que se caracteriza pelo uso de sistemas formais para se conseguir maior integração, com a alta direção no papel de “vigia”. Este sistema tende a gerar a “crise da burocracia”, que ocorre quando a empresa se tornou demasiadamente grande e complexa para ser administrada por sistemas rígidos e formais. A solução desta crise consiste em passar para a “fase de colaboração”, que enfatiza maior espontaneidade na administração, mediante grupos de trabalho e muita habilidade no confronto das diferenças interpessoais. Nesta fase, o controle formal é substituído pelo controle social e auto disciplina. Possivelmente isto acarretará em nova crise, pois poderá gerar uma exaustão física e emocional aos funcionários, em decorrência da intensidade do trabalho de equipe e pela contínua pressão por soluções inovadoras. A solução para esta e as demais crises apresentadas é a “liderança situacional” que se baseia na inter relação entre a quantidade de orientação e direção que o líder oferece, na quantidade de apoio

sócio emocional dado pelo líder e no nível de prontidão dos subordinados no desempenho de uma tarefa.

Independentemente dos cuidados que o empreendedor tem com seu negócio, e da forma que ele administra sua trajetória, segundo Oliveira (1995), os empreendedores se relacionam com seus negócios e realizam sua saga pessoal de acordo com uma das sete trajetórias modelares, que ele denominou da seguinte maneira: Edificadora, Desestabilizadora, Consolidadora, Recuperadora, Pelejadora, Incubadora e Exploradora. As principais características destas trajetórias empreendedoras são discriminadas abaixo:

Edificadora: nesta trajetória o empreendedor monta seu empreendimento para aplicar uma idéia para um negócio, formulada por ele. Esta pode ser uma idéia original, ou não. Nesta trajetória, poderão ocorrer momentos difíceis de intenso trabalho, que resultarão no crescimento da empresa, que passará a necessitar de dirigentes profissionais, dedicados e habilitados a tocar o negócio com lucratividade.

Desestabilizadora: esta trajetória é semelhante à trajetória edificadora, contudo ela ocorre em um período bem mais curto, isto é, em um terço ou um quarto do tempo médio, isto equivale a aproximadamente dez anos.

Consolidadora: nesta trajetória o empreendedor assume a direção de uma empresa já existente, que tem apresentado resultados satisfatórios, mantém o mesmo ramo de negócios, mas modifica a empresa por completo, reformulando seu conceito, seus métodos e estratégias. Isto dá à empresa um vigoroso impulso, que a coloca em um patamar muito maior e melhor.

Recuperadora: nesta trajetória o empreendedor assume uma empresa já existente que está em decadência, faz nela grandes transformações, recupera-a totalmente e coloca-a em posição de destaque no seu ramo de negócios.

Pelejadora: neste tipo de trajetória o empreendedor parte de um meio social difícil, agarra qualquer oportunidade de negócios que lhe apresentem e vai aprendendo na prática a fazer escolhas melhores e a tomar decisões mais estratégicas. Nesta trajetória o empreendedor, tentando de tudo, ora acerta ora erra. Mesmo depois de fazer sucesso e conquistar uma situação financeira mais favorável, continuará investindo tempo, esforço e dinheiro para elevar mais ainda sua condição social e econômica.

Incubadora: nesta trajetória o empreendedor é especialista em um tipo específico de negócio. Ele tem facilidade para iniciar um tipo de empresa e torná-la

lucrativa. No entanto, ele não aprecia administrar este negócio depois de consolidado, então tende a vendê-lo e iniciar novamente um empreendimento semelhante, que quando estiver consolidado será vendido.

Explorador: esta trajetória é semelhante à estratégia incubadora, contudo o empreendedor não se mantém no mesmo ramo de negócios, ele tende a mudar de ramo e atuar de modos diferentes.

Independentemente da forma como o empreendedor se relaciona com seu negócio, segundo o Relatório GEM 2007, normalmente o processo empreendedor passa por três fases. A primeira fase é a de idealização e concepção do negócio, na qual o empreendedor formula seu plano de ação, busca informações e capacitações para viabilizar seus projetos. A segunda fase é a de gestação ou processo de nascimento da empresa, nesta etapa é que efetivamente e concretamente começa o empreendimento, que se torna visível e participativo da economia e do modo de vida das pessoas envolvidas. Um dos critérios para se estabelecer o nascimento de uma empresa é o pagamento de salário por mais de três meses para uma pessoa, mesmo que ela seja o proprietário da empresa. Caso este empreendimento continue pagando salários por mais de quarenta e dois meses será considerada uma empresa “nova”. Caso continue pagando salários por mais de três anos e meio é considerada uma empresa “estabelecida” que persistiu e sobreviveu ao “risco da novidade” e adentrou na terceira fase do empreendedorismo.

Podemos perceber que o empreendedorismo é freqüentemente associado a uma atividade criativa, arrojada e independente. Contudo, todas estas características e estratégias envolvidas no empreendedorismo precisam estar em equilíbrio com as demandas sociais e culturais, com as condições econômicas e políticas e tecnológicas. Pois segundo Salem (2006), o empreendedorismo é uma atividade de prestação de serviços, que é colocada à disposição da sociedade, para servi-la, auxiliá-la e aperfeiçoá-la, de acordo com as necessidades e desejos apresentados pelas pessoas desta sociedade. Se por acaso o empreendedor deixar de prestar um bom serviço, ou oferecer um bom produto com o menor custo possível, ele poderá sofrer perdas e ser substituído por outro empreendedor que estiver melhor atento e sintonizado com os clientes e com o mercado consumidor em geral.

Para Cavalcanti (2004), o ser humano é uma parte do universo, limitada no tempo e no espaço. Ele percebe a si mesmo como “alguma coisa” separada do resto – uma espécie de ilusão de ótica de sua consciência. Vivendo nesta ilusão o ser

humano pode ficar restrito a desejos pessoais e afeição a umas poucas pessoas, o que conseqüentemente o leva a sentimentos negativos de apegos, falsa auto imagem e identificação com aquilo que ele não é. Nestas circunstâncias o indivíduo está sujeito a entrar em desequilíbrio, perder de vista seu ideal, seus principais objetivos e aspirações. Muitos são levados ao consumo desenfreado, às drogas, ao distanciamento das pessoas amadas, à exploração desmedida e desequilibrada de recursos humanos e naturais ou a diversas outras formas de alienação. Assim, o ser humano tem a tarefa de libertar-se desta prisão, alargando o círculo de compaixão para envolver todas as criaturas vivas e o todo da natureza.

Neste sentido, podemos considerar que para empreender é necessário manter o equilíbrio entre o impulso de realização pessoal e aumento de renda do empreendedor e a efetiva contribuição social. Assim, o caminho pessoal não pode estar em oposição aos caminhos coletivos. O empreendedorismo vincula o desejo de realização pessoal e a contribuição para a sociedade, estabelecendo desta forma um compromisso do empreendedor consigo mesmo, com seu grupo social e com a coletividade.

2.3 O empreendedor

Disparada³

Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar
 Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
 Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
 Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
 E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo
 Estava fora do lugar, eu vivo prá consertar

Na boiada já fui boi, mas um dia me montei
 Não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse
 Que qualquer querer tivesse, porém por necessidade
 Do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte
 Muito gado, muita gente, pela vida segurei
 Seguia como num sonho, e boiadeiro era um rei
 Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
 E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando
 As visões se clareando, até que um dia acordei

Então não pude seguir valente em lugar tenente
 E dono de gado e gente, porque gado a gente marca
 Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente
 Se você não concordar não posso me desculpar
 Não canto pra enganar, vou pegar minha viola
 Vou deixar você de lado, vou cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei
 Não por mim nem por ninguém, que junto comigo houvesse
 Que quisesse ou que pudesse, por qualquer coisa de seu
 Por qualquer coisa de seu querer ir mais longe do que eu

Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
 Já que um dia montei agora sou cavaleiro
 Laço firme e braço forte num reino que não tem rei

Geraldo Vandr  e Theo Barros

A letra desta música relata a trajetória de um homem e a ampliação de sua consciência, conquistada através de seu empreendimento no campo, lidando com gado e com gente. Ele passa por diversas etapas de desenvolvimento em um mundo que ele considera que tem “tudo fora do lugar”. Ele foi boi e foi boiadeiro, lidou com gado e com gente, se tornou dono de gado e de gente. Então, no auge de seu poder, as “visões foram se clareando” até que um dia acorda e percebe que não se pode

³ - Este texto se refere à letra da música “Disparada” de Geraldo Vandr  e Theo Barros

lidar com gente da mesma forma que se lida com gado, percebe a essência humana e toma consciência de seu lugar no mundo, não se vê superior aos demais e sim, um cavaleiro de laço firme e braço forte, em um reino que não tem rei. Ele é capaz de perceber a que veio e qual seu papel no mundo, de que forma pode atender às suas próprias aspirações e às necessidades de seu meio e da totalidade. Portanto, trata-se dos aspectos psíquicos deste homem, como ele se sente e se vê em sua trajetória, como ele foi se transformando ao longo dela e o que ela representa para ele. Há aspectos nesta trajetória que são muito particulares desta pessoa, outros são similares aos processos de desenvolvimento de diversas outras pessoas.

Quem são estas pessoas que corajosamente se envolvem nestes processos empreendedores? Quais são suas características mais comuns e relevantes? O que é preciso para ter sucesso como empreendedor?

De acordo com estudos do SEBRAE/SP (2004) o empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões, portanto pode ser considerado um agente de mudanças. Para que ele seja bem sucedido e supere as dificuldades é importante que ele desenvolva determinadas características relacionadas com suas práticas profissionais. Segundo o SEBRAE/SP (2004), as características a serem desenvolvidas são: busca de oportunidade e iniciativa; correr riscos calculados; exigência de qualidade e eficiência; persistência; comprometimento; busca de informações; estabelecimento de metas; planejamento e monitoramento sistemático; persuasão e rede de contatos; independência e auto confiança.

Ainda considerando as características pessoais necessárias para o sucesso do empreendedorismo, Dornelas (2002) destaca: ser visionário, dinâmico, determinado, dedicado; saber tomar decisões, explorar oportunidades e transformar a realidade; manter bons relacionamentos; assumir riscos calculados; possui capacidade de criar valor para a sociedade, tais como geração de empregos, dinamizar a economia e melhorar a vida das pessoas. Para este mesmo autor, os empreendedores são motivados essencialmente por um espírito de independência e pela oportunidade de criar algo novo e ganhar dinheiro.

De acordo com Melo (2003), para ser empreendedor é necessário, além de iniciar um negócio próprio, fazer “algo a mais”. Ele precisa ter iniciativa, vontade, garra, dinamismo e proatividade. Além disso, também é fundamental ter conhecimento do que é uma empresa, manter-se informado sobre tudo o que acontece, acompanhar as mudanças políticas, econômicas e o mercado. Assim ele

consegue ter visão estratégica, planejar bem e sem improviso, manter a obstinação e o rumo.

Oliveira (1995) analisou a biografia de diversas pessoas mundialmente conhecidas e reconhecidas como sendo verdadeiros empreendedores, tais como: Bill Gates, McDonald's, Walt Disney, Soichiro Honda, Dimas de Melo Pimenta, Norberto Odebrecht, Ricardo Semler e Assis Chateaubriand. Fez também um estudo de diversos autores sobre o tema empreendedorismo, e considera que há diferentes visões sobre o perfil de um empreendedor. Esta variação sobre a definição de o que é ser um empreendedor envolve principalmente três aspectos: o âmbito em que o empreendedor atua, ou seja, considera-se que uma pessoa é empreendedora quando sua atuação ocorre apenas no mundo dos negócios ou em um âmbito mais geral, como por exemplo, em questões religiosas ou políticas; o perfil pessoal do empreendedor, ou seja, define-se que uma pessoa é considerada empreendedora por suas características pessoais, ou por suas realizações ou por ambos; o raio de influência do empreendedor na sociedade, isto é, pode-se considerar apenas os grandes empreendedores, apenas os pequenos ou ambos.

Este mesmo autor define o empreendedor como o indivíduo que, estando na qualidade de principal responsável pelas decisões dentro de uma empresa, conseguiu formar um novo negócio ou desenvolver negócios já existentes, elevando seu valor patrimonial, várias vezes acima da média esperada das empresas congêneres no mesmo período e no mesmo contexto sócio-político-econômico, conseguindo com isso prestígio perante a maioria das pessoas que conhece essa empresa. Estas pessoas são formadas por suas habilidades e talentos pessoais e também por seu contexto social, econômico e político. São também fortemente influenciados pelo desenvolvimento tecnológico e pelas questões migratórias e de empregabilidade.

Chér (2008) comenta a história de Alfred Bernhard Nobel, o criador do "Prêmio Nobel". Segundo este autor, Nobel foi um grande empreendedor de seu tempo, possuidor de mais de trezentas patentes, inventou inclusive a dinamite. Após algum tempo deste invento ter sido lançado no mercado, foi publicada, erroneamente, a notícia de sua morte nos jornais. Esta notícia vinha acompanhada de uma biografia dele, cuja conotação negativa, enfocando os danosos riscos para a humanidade proveniente de seu legado, não agradou Nobel. A partir de então, Nobel procurou reverter a situação e empenhou-se em incentivar e premiar importantes

estudos científicos e realizações em favor da humanidade. Seu objetivo foi alcançado e hoje em dia seu nome é mais freqüentemente associado à ciência e a paz do que à indústria de explosivos.

De acordo com este mesmo autor, para dar suporte a uma auto biografia satisfatória, não é recomendável confiar no acaso; é preciso dedicar-se ao processo de auto conhecimento e de auto criação que leva à definição da visão de futuro; identificar adequadamente boas oportunidades de negócios (nichos de mercado); agir de maneira criativa e ainda estabelecer boas relações com clientes e fornecedores. Além disso, é necessário ter uma visão de futuro idealizada e revisada permanentemente; elaborar e cuidar do planejamento e adotar uma postura ativa e pró ativa. Segundo este autor:

Mergulhar em sua visão de futuro faz você biógrafo de você mesmo e todas as grandes empreitadas da vida serão decorrência do desenho que fizer em sua mente, sobre como será a história dessa existência. De sua existência! Qual é o desenho na tampa da caixa do quebra-cabeça?. (p.26).

Isto nos leva a pensar sobre o que se passa no mundo interno destes empreendedores. O que ocorre com o empreendedor que o leva a trilhar caminhos não convencionais?

Segundo Campbell (2008), ocorre algo interessante com muitos visionários e mesmo líderes e heróis. Para ele, essas pessoas:

São pessoas que se afastaram da sociedade que poderia protegê-las e ingressam na floresta densa, no mundo do fogo e da experiência original. A experiência original é aquela que ainda não foi interpretada para você; assim, você tem que construir sua vida por você mesmo. Você pode encará-lo, ou não, e não precisa afastar-se demais do caminho conhecido para se ver em situações muito difíceis. A coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas – é essa a façanha do herói. (p. 43 e 44).

Conforme já foi mencionado anteriormente, de acordo com o Relatório GEM 2007, considera-se que uma das principais característica do perfil do povo brasileiro é ser bastante empreendedor. Cerca de 12,7% da população brasileira desenvolve alguma atividade empreendedora, esta porcentagem vem crescendo nos últimos anos. Esta característica pode estar associada ao fato do povo brasileiro ser constituído essencialmente, segundo Ribeiro (2004), da confluência e do

entrechoque entre invasores portugueses, índios silvícolas e campineiros, e negros africanos, sendo que os dois últimos foram em grande parte aliciados como escravos. Estas matrizes formadoras do povo brasileiro foram fundadas em um tipo de escravismo e em uma servidão continuada ao mercado mundial, aliada a alegria e espantosa vontade de felicidade e, aliada também a proletariado externo decorrente da expansão econômica européia.

De certa forma, o empreendedorismo parece ser uma resposta aos aspectos formadores da nação brasileira, na qual identificamos um desejo de libertação associado à coragem, força de trabalho, criatividade, técnica e visão comercial.

Quando uma pessoa é considerada empreendedora, são atribuídas a ela algumas qualidades, tais como: ser dinâmica, realizadora, ativa e arrojada. Considera-se que ela se dispõe a colocar seus talentos em prol da concretização de algo de difícil execução e que envolve seu meio externo. O caminho percorrido por estas pessoas empreendedoras pressupõe um olhar para o futuro, uma construção que se dá no seu dia a dia em busca de algo significativo que lhes proporciona ampliação da consciência.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho de monografia é fazer uma aproximação entre o arquétipo do caminho e a trajetória de empreendedores considerando o enfoque da psicologia analítica e de seus seguidores.

3.2 Objetivos Específicos

Investigar qual o sentido e o significado pessoal da trajetória do empreendedorismo para os empreendedores.

Investigar como os empreendedores se sentem em suas atividades empreendedoras.

Investigar qual a imagem que os empreendedores tem de si mesmos em sua trajetória.

4. METODO

4.1 Método Qualitativo

Esta pesquisa foi feita utilizando-se o método qualitativo, que se caracteriza como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos; na qual busca-se significados e finalidades, considera-se o contexto em que os fenômenos estão inseridos e também os aspectos objetivos e subjetivos relacionados a eles. (PENNA, 2004).

Este método tem como objeto de estudo as pessoas ou comunidades em sua fala e em seu comportamento. O alvo de interesse deste estudo é o sentido e o significado que as coisas ou fenômenos da natureza ganham e a intencionalidade que as acompanham, para um indivíduo em particular ou um grupo determinado. De acordo com este método de pesquisa, ela deve ser realizada em ambiente natural para a pessoa pesquisada, isto é, com todos as situações, eventos e pessoas influenciando o modo em que se vive e trabalha. (TURATO, 2000).

O pesquisador que utiliza este método é co-participante da pesquisa, isto é, faz parte da realidade a ser pesquisada. Ele colhe, organiza e interpreta os dados e, além disso, adota uma atitude de acolhimento dos aspectos emocionais da pessoa em estudo, valoriza as trocas afetivas mobilizadas na interação pessoal, observa o conjunto global da linguagem corporal e comportamental no sentido de complementar, confirmar ou desmentir o falado pela pessoa pesquisada. (TURATO, 2000).

Fontanella, Campos e Turato (2006) recomendam que, em pesquisas qualitativas, as entrevistas devem ser não-dirigidas, sendo assim, o investigador não deve controlar as variáveis emocionais, cognitivas e comportamentais. Os resultados destas entrevistas devem iniciar, reformular, redirecionar e clarear teorias.

De acordo com Pereira (1999), o relato das ocorrências deve conter descrições detalhadas dos eventos, situações, pessoas, interações e comportamentos observados, sendo assim, o que for dito pelo pesquisado deve ser citado na íntegra sem que seja efetuado pelo pesquisador qualquer tipo de julgamento. Além disso, neste tipo de pesquisa deve-se considerar dois pressupostos: o primeiro é de que os fenômenos só podem ser compreendidos

dentro de uma perspectiva holística, que considere os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas; e o segundo pressuposto é que conhecedor e conhecido estão sempre em interação e a influência dos valores é inerente aos problemas da investigação.

Segundo Penna (2004), os diversos aspectos do método de investigação psicológica, propostos por C. G. Jung, tem muitos pontos de aproximação com a metodologia qualitativa de pesquisa. De acordo com esta autora:

Do ponto de vista metodológico, o caminho pelo qual o conhecimento é alcançado e viabilizado é o processo simbólico, que se dá a partir dos parâmetros da causalidade, da finalidade e da eventual sincronicidade, presentes nos eventos simbólicos. A compreensão dos fenômenos – símbolo – abrange as etapas de tradução, interpretação, elaboração e integração do desconhecido à consciência conhecedora. A função psicológica que compreende os símbolos opera por associação, comparação, analogias e pela busca de sentido e integração do desconhecido na consciência. O processamento simbólico visa a elucidar, enriquecer, ampliar e aprofundar os significados ocultos do símbolo, a fim de atingir sua integração na consciência. (p.91).

A experiência de totalidade passa a se concretizar na medida em que o pesquisador é capaz de trabalhar entre as informações conhecidas e a linguagem da imaginação, com este trabalho a energia é encaminhada para o desconhecido e é possível criar e dar forma a algo novo. (PEREIRA, 2001).

4.2 Participantes da Pesquisa

Participaram da pesquisa quatro empreendedores, três homens e uma mulher; todos são brasileiros; suas idades estão entre 33 e 61 anos; todos são casados e possuem filhos; possuem grau de escolaridade variável entre Ensino Superior Incompleto e Pós Graduação. Todos desenvolvem atividades empreendedoras a mais de quatro anos. Os nomes dos entrevistados, assim como das suas empresas foram omitidos nos relatórios para que suas identidades fossem preservadas.

DADOS PESSOAIS							DADOS PROFISSIONAIS	
ENTREVISTADOS	SEXO	IDADE	NACIONALIDADE E NATURALIDADE	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS	GRAU DE INSTRUÇÃO	RAMO DE ATIVIDADE EMPREENDEDORA	TEMPO DE ATUAÇÃO COMO EMPREENDEDOR
A	Feminino	33 anos	Brasileira Paulistana	Casada	1	Superior Incompleto	Confecção e comércio de roupas infantis femininas	04 anos
B	Masculino	38 anos	Brasileiro Paulistana	Casado	2	Pós Graduação Completa	Indústria e comércio de embalagens plásticas	20 anos
C	Masculino	59 anos	Brasileiro Paulistana	Casado	3	Pós Graduação Completa	Assessoria e consultoria em contabilidade, controladoria e planejamento estratégico	12 anos
D	Masculino	61 anos	Brasileiro Jauense	Casado	1	Superior Completo	Projetos na área de infra estrutura de transportes rodoviários e ferroviários	14 anos

Na análise dos resultados serão apresentadas mais informações sobre o perfil de cada um dos participantes desta pesquisa.

4.3 Procedimentos para Coleta de Dados

Adotou-se como procedimento de pesquisa a entrevista individual, semi-dirigida. Este instrumento foi escolhido por permitir, ao entrevistado e ao entrevistador, captar os principais pontos a serem investigados, sem limitar o surgimento de outros aspectos relevantes para a pesquisa.

O questionário utilizado nestas entrevistas foi elaborado com base nos estudos teóricos, visando explorar aspectos psicológicos importantes para elucidar, ampliar e aprofundar significados relevantes à pesquisa. Desta forma o entrevistado tem a possibilidade de refletir sobre si mesmo e suas vivências de uma forma estruturada e que atenda aos seus interesses.

Inicialmente foi feito um contato da pesquisadora com os entrevistados, por telefone, convidando-os a participarem desta pesquisa. Foi apresentado aos entrevistados a importância e a metodologia deste trabalho e a forma como serão realizadas as pesquisas. Foi informado aos participantes que, caso desejassem, a entrevistadora poderia apresentar-lhes os resultados obtidos nesta pesquisa. Após aceitarem o convite foi feito um agendamento de horário para a realização da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho dos entrevistados, ou seja, em suas empresas, em local reservado.

Ao iniciar a pesquisa, a pesquisadora explicou novamente aos entrevistados os pormenores do trabalho. Os entrevistados leram e assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, autorizando o uso e divulgação dos dados obtidos durante a entrevista. Este termo assegura a eles a preservação de sua identidade e de seu empreendimento, sendo-lhes atribuído nomes fictícios.

Após a assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ver Anexo B), foram apresentadas, aos entrevistados, as questões propostas no “Roteiro de Entrevista” (ver Anexo A). Estas questões foram elaboradas considerando alguns aspectos importantes encontrados na pesquisa teórica.

O conteúdo das entrevistas foi gravado e foram anotadas as características de comunicação e expressões corporais apresentadas pelo entrevistado. Isto foi feito com o consentimento prévio dos entrevistados.

4.4 Procedimentos para Análise de Dados

Após a realização das entrevistas, elas foram ouvidas, transcritas e analisadas separadamente.

Para preservar o sigilo em relação à identidade dos participantes os nomes dos entrevistados foram substituídos por letras, conforme tabela apresentada no item 4.2 - Participantes da Pesquisa.

A fim de estruturar e organizar os resultados da pesquisa foram criadas três categorias. O referencial de elaboração das categorias, utilizadas na análise dos dados das entrevistas, foi aquele detalhado no corpo teórico do trabalho. As três categorias são:

Categoria 1 - O caminho

Essa categoria inclui o sentido e o significado psicológico que os entrevistados atribuem ao seu processo de empreendedorismo.

Categoria 2 – O caminhar

Essa categoria inclui a percepção que cada entrevistado tem de seu envolvimento com sua trajetória de empreendedorismo.

Categoria 3 – O caminhante

Esta categoria inclui a percepção que o empreendedor tem de si mesmo no processo de envolvimento com o empreendedorismo e a imagem associada a este envolvimento.

5. RESULTADOS

Entrevista 01

“A” é proprietária de uma confecção e de uma loja de roupas artesanais infantis, na qual comercializa apenas roupas para meninas. A loja fica localizada em um bairro nobre e comercial da cidade de São Paulo e a confecção fica em local distante da loja, em um bairro afastado do centro na cidade de São Paulo.

A entrevista ocorreu na loja, em um escritório reservado que fica em um mezanino acima da loja. O ambiente é sofisticado e muito bem organizado.

Durante a entrevista “A” se mostrou muito simpática e disposta a falar sobre seu envolvimento com o empreendedorismo. Preocupou-se em responder todas as questões de maneira ampla e detalhada, colocou-se à disposição para maiores informações e demonstrou interesse no resultado final deste trabalho de pesquisa.

A entrevista durou aproximadamente duas horas e ocorreu de maneira descontraída. “A” pareceu falar de maneira espontânea, na maior parte do tempo, seu tom de voz foi calmo, seus gestos foram comedidos e sua fisionomia foi bastante expressiva. “A” enfatizou as dificuldades psicológicas e financeiras pelas quais passou em seu envolvimento com o empreendedorismo. Ela comentou que tem refletido sobre sua trajetória profissional e está avaliando a possibilidade de continuar ou não com seu negócio.

Categoria 01 – O caminho

Esta entrevistada parece se encaixar no grupo de empreendedores que desenvolvem o empreendedorismo voluntário (RELATÓRIO GEM, 2007). Ela relatou que se envolveu com o empreendedorismo por opção própria. Quando começou seu negócio ela estava buscando uma atividade remunerada, com liberdade de ação e horários flexíveis, que lhe possibilitasse boas condições para se dedicar aos cuidados de sua filha. Neste sentido também podemos perceber que “A” procurou atender seus desejos pessoais de exercer a maternidade e ao mesmo tempo atender ao desejo de ser uma profissional bem sucedida. Ela parece estar em busca de algo que dê sentido a sua vida e a aproxime daquilo que considera

verdadeiramente importante. Isto nos leva a pensar que, para esta entrevistada, o empreendedorismo representa um caminho para atender estes desejos e assim dar sentido à sua vida, portanto pode ser considerado um caminho arquetípico (BATISTA, 2008). Segue abaixo um dos seus relatos em que ela comenta sobre estes aspectos:

Bom, eu busquei ser empreendedora porque eu tive minha filha, ela nasceu e eu não estava em um bom momento profissional. Acho que minha atividade profissional estava super desgastante e eu não estava muito satisfeita com algumas coisas que estavam acontecendo e também com algumas coisas da minha vida pessoal que contribuíram. Acontece que eu terminei um noivado em Janeiro e em Abril eu conheci meu marido e em três meses depois eu estava grávida, então foi assim, uma mudança na minha vida pessoal muito rápida e aí eu tive minha filha e decidi iniciar uma nova atividade que eu pudesse ter mais tempo pra ela, quer dizer, exercitar a maternidade e ter um rendimento fixo financeiro. Então com a ajuda do meu marido, ajuda financeira e o apoio emocional, agente ingressou, a gente conseguiu fechar um negócio em um out let e a gente começou a comprar roupa e depois revender.

Parece que ser uma pessoa produtiva e mãe de uma menina é o que dá sentido à vida de “A”. Ela não se imagina vivendo de maneira improdutivo e sem uma certa liberdade. Ao falar sobre seu desejo de trabalhar fora de casa ela aumentou seu tom de voz, tornou-se bastante enfática e categórica em afirmar que não suportaria se sentir cerceada. Parece que ela associa a atividade profissional à liberdade de ação. Sendo assim, o empreendedorismo simbolizava para ela um caminho para viabilizar e unir interesses que a princípio estavam em oposição, isto é, como meio de aproximá-la mais do contato com sua filha e ao mesmo tempo manter-se produtiva e com um rendimento financeiro satisfatório. O empreendedorismo, neste caso, pode ter cumprido a função transcendente do símbolo, fazendo a união de desejos ou forças psíquicas que se encontram em aparente oposição (JUNG, 2008a). Sobre estes aspectos ela faz os seguintes comentários:

Quando nós abrimos o negócio, isso partiu de mim. Eu queria ter tempo pra exercer a maternidade, ter tempo pra acompanhar minha filha se ela tivesse uma febre, queria ter tempo para ir nas reuniões da escola, e se eu estivesse trabalhando em uma empresa provavelmente isso não seria possível. Eu queria ter liberdade de horário. Enquanto ela era pequena eu precisava disso, dessa liberdade de horário, eu queria cuidar da minha filha, eu queria estar disponível pra ela. É fundamental pra mim, estar disponível pra minha filha. A minha vida orbita em volta de estar disponível, eu orbito em volta pela maternidade. Tudo bem, minha filha fica tempo integral na escola, fica, mas quem vai levá-la e buscá-la sou eu, quem arruma a mala dela sou eu, quem vai às reuniões da escola sou eu, quem vai às festinhas da escola sou eu.

Eu nunca pensei em ficar sem trabalhar fora. Nem pensar! Nem pensar! Eu vou vender brigadeiro na rua, faço qualquer negócio, mas ficar sem trabalhar nem pensar, isso pra mim é um castigo. Esse valor é muito forte em mim, estar trabalhando, fazendo algo (...) Eu não consigo nem pensar em ficar cerceada. Eu nunca pensei nisso, em ficar sem trabalhar, nem em fantasia. As fantasias que eu tinha é 'Vou ter o meu negócio, vou ser super bem sucedida, vou fazer e acontecer, mas vou trabalha.

A escolha da área de negócios feita por “A” não foi aleatória. Esta escolha tem um significado especial para a entrevistada, pois ela escolheu trabalhar com roupas femininas infantis, por sentir inspiração e grande prazer em lidar com o universo feminino infantil. Ela parece que projeta sua criança interior em suas confecções, conforme relata a seguir:

Eu acho que representa a minha criança, porque quando eu faço uma roupa eu me vejo criança vestida nela e isso, pra mim, é muito legal. Me dá um prazer assim danado. E eu pego as minhas fotos de quando eu era pequena e faço aquelas roupas, eu quero fazer aquelas roupas. Eu acho super bonitinho roupa de criança. Eu sou louca por meninas, eu sempre quis ter uma menina, eu acho fantástica aquelas coisas fofinhas de menina. Sabe, pra mim, o universo feminino é muito estimulante, muito presente.

Categoria 02 – O caminhar

A entrevistada percebe que ao longo de sua trajetória no empreendedorismo passou por bons e maus momentos. Nesta trajetória houve momentos em que se entusiasmou e excedeu seus limites, mesmo contando com ajuda financeira, sofreu as conseqüências disso e enfrentou grandes dificuldades. Parece que até hoje ela sente os reflexos dos excessos cometidos, pois no momento sente que suas dificuldades são muito grandes e estão acima de sua capacidade de suportar. Isto nos leva a pensar que “A” não avaliou adequadamente seus limites, ultrapassou suas possibilidades humanas e acreditou que poderia arcar com muito mais responsabilidades financeiras do que realmente era capaz. Isto nos remete à situação de inflação psíquica proposta por Edinger (1992). Seguem abaixo trechos do relato da entrevistada sobre sua trajetória como empreendedora:

Bom a loja teve bons momentos, momentos em que eu conseguia pagar todas as contas, momentos em que eu não conseguia, o banco me ajudou. Eu consegui um lance de capital de giro com o banco. Meu marido sempre acreditou na loja e em muitos momentos eu queria desistir, sabe, porque as pessoas sempre gostaram muito do que eu fiz, (...), mas o preço que eu tava pagando, que eu pago hoje ainda, é alto. (...) Antigamente eu ainda estava combativa, eu dizia 'Vamos, vamos, vamos, vai dar certo, vai dar certo!'. E tinha meses que realmente dava certo e o faturamento subia. Sabe o ano de 2007 foi um ano super ascendente, sabe eu pequei algumas clientes no atacado e ganhei dinheiro até, este foi melhor período da loja, eu vendi super bem. No Natal de 2007, foi maravilhoso, eu consegui pagar três meses de loja, pagar tecido, pagar tudo, tudo zeradinho. Eu falei, naquele momento: "Puxa, meu negócio deu certo!" E aí, eu fiz um estoque de tecido, comprei mais de dezesseis mil reais em tecido, e não era necessário fazer isso, por mais que eu tivesse conhecimento já de rendimento (...). Como eu achei, eu me iludi, eu pensei puxa agora eu vou vender pra caramba eu comprei um monte de tecido e pensei agora é só produzir e vender, e não foi o que aconteceu. De março de 2008, foi um horror, foi muito ruim, eu perdi duas clientes do atacado, (...) e associado a isso, aquele shopping foi vendido e nos deram um mês para sair de lá. (...) Eu estou aqui, neste local, desde julho de 2008 e a loja não está se pagando. Eu tentei promover alguns eventos, para promover a loja, mas eles não deram certo. Eu não derramei nem uma lágrima. E aí, desde o começo do ano eu estabeleci um prazo pro meu negócio dar certo, que é julho desse ano. (...) Eu também estou trabalhando no (nome de um ponto comercial sofisticado), nos finais de semana, mas devendo dez mil pro banco, tendo que pagar aluguel e duas funcionárias. E se eu saio de casa tenho que pagar estacionamento, pagar o meu almoço, a gasolina do meu carro, e esse desgaste eu não agüento mais, está muito pesado pra mim.

A entrevistada relata que não se preparou previamente para desenvolver atividades empreendedoras e nem para trabalhar com confecção e comércio. Ela diz que foi aprendendo tudo na prática, conforme as necessidades foram surgindo. Contudo, atualmente se surpreende com os resultados financeiros de seu negócio. Isto denota uma postura ingênua, pois age conforme determinam suas fantasias, sem confrontá-las com dados concretos e limitações pessoais, assim não mede adequadamente as conseqüências de suas ações e age impulsivamente. Este comportamento aponta para uma atitude similar ao que ocorre com o mito do herói em seus primeiros estágios de desenvolvimento, nos quais o herói age com certa inocência e se lança corajosamente na busca de seus objetivos (JUNG, 2002a). Seguem abaixo alguns trechos dos relatos de "A" a este respeito:

Sabe o que aconteceu, nesta trajetória do empreendedorismo, eu fui fazendo as coisas conforme elas apareciam. Eu peguei o facão e fui entrando na mata.

Eu não conhecia nada de costura, nem moda e nem conhecia nada sobre negócios. Eu não fiz nenhum curso preparatório para ingressar nesta área.

Eu não fiz nada, nada. E hoje eu consigo conversar com uma costureira e ela achar que eu sou formada em moda. Eu sou super “hands on”, qualquer coisa que você pedir pra eu fazer, eu vou descobrir e vou até o fim e vou fazer. Se for fazer uma faxina, que eu já fiz, eu vou e faço. Bem ou não eu faço. (...) Fazendo um parêntese, nessa época em que eu abri minha lojinha, as minhas referências financeiras eram pequenas, mil reais. Porque eu ganhava mil e oitocentos e o meu mundo girava em torno de mil e oitocentos reais, minhas dívidas que eu tinha que eu gastava mais do que podia, mas não extrapolava dois mil reais. De repente esses números começaram a ficar maior no meu negócio, eu tinha um aluguel de setecentos, estava dentro do meu universo e de repente um aluguel de dois e trezentos. (...) Meu marido foi meu sócio investido, ele injetou muito dinheiro neste negócio.

... Nem imaginava que hoje eu estaria nesta situação. Porque pra mim, lá no começo, eu ia ter líquido pelo menos o salário que eu recebi no meu emprego. E eu não to tendo nada. Se eu tiro cem reais da loja já faz falta. Eu não estou me fazendo de coitada, se eu precisar eu tiro dinheiro da loja pra gastar, e se eu precisar eu compro uma sandália pra mim.

A entrevistada adota um comportamento arriscado em relação a questões administrativas de seu negócio, descuidando da área fiscal da empresa, da área financeira e de questões relacionadas à liderança. Ela acredita que este comportamento faz parte de sua natureza e encara com certa naturalidade. Ao empreender sua jornada, parece sentir um forte desejo de arriscar-se e agir de maneira diferente da maioria das pessoas, mas de acordo com o que ela acredita ser sua designação (JUNG, 2002a). Este comportamento que se afasta da situação de segurança estabelecida pelas normas da sociedade com o objetivo de alcançar algo mais elevado também se assemelha ao que Campbell (2008) define em relação ao mito do herói. Seguem abaixo alguns de seus relatos sobre estes assuntos:

Sabe o que aconteceu, nesta trajetória do empreendedorismo, eu fui fazendo as coisas conforme elas apareciam. Eu peguei o facão e fui entrando na mata.

O que acontece hoje é que a área fiscal da empresa é totalmente negada, eu nego essa parte. Às vezes, quando alguém pede, eu emito nota fiscal, mas não declaro. Eu tenho o CNPJ e a Inscrição Estadual e só. (...) Então, em relação à área fiscal da minha empresa, ela é nula. Isso é uma coisa atípica, a maioria das pessoas morre de medo e eu não tô nem aí. Porque é a minha natureza mesmo. Eu ando no dia do rodízio, eu se eu tenho uma coisa que fazer eu vou e faço. Eu sou assim, não é o ideal. Não sei se é o ideal ou não, mas é minha natureza.

Bom a questão da liderança, ela está implícita no empreendedorismo. Então assim, nunca fui líder. Então essa coisa de tratar com funcionário sempre foi algo delicado. Porque eu parto do princípio de que as pessoas são livres e que eu não tenho o direito, mesmo que eu pague o seu salário de dizer pra você ‘Você faz ou você não faz’. Se você diz pra mim que seu filho ta doente, então se não vai vir pra minha loja, pra vender pra mim, se vai ver seu filho que está doente. Se você está mentindo o problema não é meu, é seu. Então

houve situações que as pessoas pegaram o meu jeito e tentaram usar isso e aí eu tive que me posicionar e dizer que não dava.

Eu achei que meu negócio não estava indo bem porque eu não tinha conhecimento técnico, então eu fui fazer cursos. Fiz um curso de fluxo de caixa, que foi fantástico, maravilhoso, me deu uma visão financeira fantástica. Mas eu não consigo usar, porque minha vida é muito agitada, eu corro o dia inteiro, pra cima e pra baixo e não consigo usar, não tenho tempo pra nada. Eu falei, “Quer saber, eu vou delegar isso pra minha funcionária”. E ela se dá super bem com essas contas. Muitas coisas eu vou deixando, eu passo por cima.

A entrevistada percebe algumas de suas limitações e atribui boa parte do sucesso de suas atividades empreendedoras ao fato de poder contar com a ajuda de diversas pessoas, principalmente de seu marido. Parece que ela não percebe o valor de suas realizações como empreendedora. Ela tem enfrentado dificuldades comuns aos novos empreendedores brasileiros e, assim como eles, ela procura manter seu negócio da melhor forma possível, mesmo que para isso precise contar com apoio financeiro de outros ou ficar fora daquilo que é estipulado pela legislação tributária. (RELATÓRIO GEM, 2007). Além disso, podemos pensar que ela percebe que não está sozinha e faz parte integrante de uma Totalidade (CAVALCANTI, 2004). Conforme relatos a seguir:

Eu não sei porque as pessoas sempre me ajudam, acho que é uma coisa de empatia, eu não sei porque, mas eu tenho essas coisas, as pessoas gostam de mim e vão me ajudando. Sabe é uma coisa assim, eu digo ‘Por favor, me ajuda, eu estou perdida, não sei o que fazer.’ E quando é uma pessoa do bem ela me ajuda, se não ela desvia o caminho, então eu adoto outra postura e vou embora. Então nessa trajetória eu fui adotada por algumas pessoas.

Mas sabe que hoje em dia eu acho que quem houve essa história pode até pensar que ela tem um quê de legal e de romantismo, mas tudo isso não seria possível se eu não tivesse apoio financeiro de meu marido. Então são dados de realidade que eu gosto de passar pras poucas pessoas que conhecem essa história, são só minhas amigas íntimas, mas é sempre importante, eu sempre digo que isso não seria possível, isso não é romântico, não tem nada de romântico nisso, porque tem alguém me dando suporte. Quando eu chego desesperada e digo a casa caiu ele me apóia. Então isso é possível em função disso, senão não seria, lá trás o negócio teria minguado já na primeira loja. O meu marido foi quem me ajudou muito.

“A” parece se incomodar com a ajuda recebida por seu marido, pois sente que em alguns momentos está “prestando contas” para ele. Ao comentar sobre estes assuntos adotou um tom de voz grave e enérgico. Parece que ela está vivendo um

momento em que se depara com uma das grandes façanhas do mito do herói que é lidar com seu orgulho e com o seu medo do fracasso (CAMPBELL, 2008). Conforme relatos a seguir:

... Aí eu tinha essa coisa de muito envolvimento com a loja e tinha também a cobrança de meu marido. Ele dizia que o negócio precisava dar certo e me perguntava sempre o que eu estava fazendo pro negócio dar certo e tal. Aí eu me senti meio que prestando contas pra ele.

O peso emocional de manter este negócio, a loja e a confecção, pra mim é muito grande, você imagina alguém te ajudando a vida inteira. Pera aí! Ele não é meu pai! Ele me deu uma oportunidade e eu estou mostrando os dados reais pra ele. Se a loja estivesse pelo menos pagando as próprias contas, eu estaria muito mais tranqüila e satisfeita. Pra mim é insustentável! (...) Pra mim é insustentável pensar que eu tenho que pagar quinhentos reais pra um condomínio e eu tendo que pagar coisas básicas e eu não tenho coragem de pedir. Por orgulho sim, por orgulho! Sou uma leonina orgulhosíssima, mas também aprendi a ser muito mais racional!

A trajetória de empreendedorismo desta entrevistada nos remete a Jung (2002a), quando ele descreve a trajetória do herói que empreende uma viagem marítima, rumo ao oriente, em busca de algo sagrado. Podemos pensar que a fase em que “A” se encontra nesta trajetória de empreendedorismo é similar à etapa em que o herói é engolido pelo dragão, pois ela precisa que se adaptar às condições do mundo interior ou superar suas limitações. Nestes sentido, ela está fazendo um movimento de regressão que não significa retrocesso. No momento, ela parece estar vivendo um momento de reformulação de seus objetivos e estratégias de vida, assim ela faz um movimento de reflexão ou re-flexão (PEREIRA, 1998 e BATISTA, 2008). Ela reflete sobre sua trajetória no empreendedorismo, reflete sobre si mesma, amplia sua percepção e constata suas limitações e também identifica seus talentos e afinidades. Ao falar sobre isso ela ficou bastante alterada, demonstrou nervosismo em seu tom de voz que aumentou significativamente, o que denota o grande impacto emocional que ela está vivenciando. Conforme seus relatos a seguir:

Bom, então eu pensei bem e decidi terminar meu curso de psicologia. Atualmente estou super envolvida com a faculdade. Enfim eu preciso de uma atividade intelectual e a loja não me proporciona isso. A faculdade tem me proporcionado a rotina que eu não tinha desde que comecei com meu negócio, rotina de encontrar meus amiguinhos, não tão amiguinhos assim, porque eles tem um histórico, eles já estão há quatro anos juntos e eu é que entrei agora pro grupo deles. Só que é gostoso sentar e ver todo mundo junto e trocar histórias. Então hoje se você perguntar pra mim, ‘Você prefere ler um livro ou vender uma roupa?’ Eu vou preferir ler um livro. Isso tem gerado um

impacto fortíssimo na minha vida pessoal, em casa. Quer dizer, meu marido acredita na loja, ele acha que tem que continuar.

... É engraçado que minha marca já está ficando conhecida, eu tenho clientes antigas, que sempre voltam e compram e reconhecem minha marca na rua. Quando elas vêem alguma criança usando uma roupinha que foi feita por mim ela fala 'Isso é (nome da loja)'. Muitas, não muitas. Três pelo menos, duas especialmente. Já me fizeram proposta pra comprar minha loja e eu disse 'Calma, não sei se vou vender.' Porque eu tenho apego a isso, a minha loja. É um pouco de vaidade, mas não é uma vaidade iludida, sabe. Eu olho com muito receio essa coisa do elogio, sabe. Em tudo, sempre foi assim desde criança e isso se reflete no meu trabalho também.

Hoje, o que tem me feito feliz, é saber que eu to mais segura com o meu negócio, no sentido de poder fechar! (...) Posso fechar com segurança, mas vou ter que agüentar uma pressão que eu não sei qual é. Sabe é como um dique que vai se romper, que eu não sei, que é de âmbito pessoal, mas eu estou preparada pra isso. Sabe o negócio precisa ser muito bem estudado, por tudo no papel, estudar o ponto, fazer pesquisa de mercado, ver o que você quer, estudar o seu negócio pelo menos um ano antes, facilita o seu caminho. Talvez, mas eu não sei se isso funciona, porque agente aprende tantas coisas na pratica. (...) Hoje eu estou revendo, eu estou em um momento de rever. Engraçado, pode parecer bobagem, mas quando você se apropria dessas virtudes de verdades você fica uma pessoa mais lúcida.

Categoria 03 – O caminhante

A entrevistada se percebe como uma pessoa com uma certa tendência a ser “aventureira”. Acredita que sua vivência com o empreendedorismo, o casamento e a maternidade ampliaram seu senso de responsabilidade e racionalidade e com isso acha que evoluiu muito. Ao falar destes aspectos, novamente ela se exaltou em seu tom de voz, o que denota grande impacto emocional em sua vida. Parece que, do ponto de vista consciente, ela tende a valorizar mais as características da racionalidade e da responsabilidade, em detrimento das características “aventureiras” de sua personalidade. Conforme ela comenta nos trechos a seguir:

Essa trajetória do empreendedorismo, o casamento, a maternidade, me trouxeram pra uma responsabilidade e pra uma racionalidade que eu desconhecia, que eu não sabia que eu era capaz de exercer isso com tamanha lucidez. Eu estou muito mais racional. Muito mais responsável, infinitamente mais responsável, por esses três aspectos, maternidade, casamento e negócios. São virtudes que pra mim, ninguém vai tirar de mim, que eu não mais ser como eu era antes e nem quero talvez. Quando eu faço uma comparação, nem é cabível de comparação, não dá mais pra comparar. Não dá! Não dá! Por outro lado eu tenho uma característica muito aventureira. Bota uma sacola de roupa nas costas pra vender em uma feira. Puts é uma delícia! Adoro conversar. Essa coisa do comércio, essa malícia que o

comércio exige, também, não aprendi ainda. Porque é uma coisa que você tem que introjetar e eu não consegui ainda. Evoluí muito, muito!

De acordo com a entrevistada, através de sua trajetória no empreendedorismo, ela descobriu muitas coisas sobre si mesma, em relação a suas habilidades, talentos e características de personalidade. Apesar de suas características aventureiras ela passou a valorizar a rotina e o planejamento financeiro. Neste sentido, podemos dizer que a atividade empreendedora ampliou seu senso de responsabilidade e sua consciência (STEIN, 2006). Parece que ela ainda não sabe como pode conciliar suas características de personalidade com as atribuições necessárias ao empreendedorismo (DORNELAS, 2002). “A” parece ter uma trajetória de empreendedorismo edificadora conforme estipulado por Oliveira (1995) e no momento percebe que precisa de uma liderança eficaz, que não encontra em si mesma, neste sentido ela está vivendo uma “crise de liderança” em sua empresa (HERSEY E BLANCHARD, 1986). Segue abaixo uma das colocações de “A” a este respeito:

Eu descobri nessa trajetória do empreendedorismo, nesse caminho, sobre mim é que eu aprendi muito a meu respeito, que eu sou uma pessoa que precisa de rotina, eu preciso ver as mesmas pessoas todos os dias, eu preciso ter o meu planejamento financeiro, eu não sou líder nata, eu sou braço direito, eu sou super fiel, eu sou super honesta. Então essas coisas muitas vezes são incompatíveis com a guerreira que você tem que ser pra vender as suas coisas e pra fazer o seu negócio acontecer. Eu não tenho esse pulso, eu tenho pulso pra aprender, eu não tenho pulso pra fazer acontecer. Acredito que paralelo com o empreendedorismo houve meu desenvolvimento pessoal.

A entrevistada nota que o envolvimento com o empreendedorismo a tornou mais exigente em relação ao comportamento e à postura de outras pessoas. Ela entende que as pessoas em geral devem ser tão racionais e responsáveis, quanto ela acha que é no momento. Ao mesmo tempo, ela acredita também que se tornou mais sensível em relação às dificuldades alheias. Isso denota que, de certa forma, ela está vivendo um momento egocêntrico e pouco diferenciado, pois não aceita que outras pessoas sejam diferentes daquilo que ela considera adequado (EDINGER 1992). Contudo, está buscando uma ampliação de sua percepção em seus relacionamentos interpessoais. Estes aspectos são evidenciados nas seguintes colocações que ela faz:

Então quando eu me torno mais racional, eu acho que as pessoas precisam ser mais racionais também, mais responsáveis. À medida que eu me transformo eu acho que o outro precisa se transformar também. Eu estou mais exigente e mais sensível aos equívocos de vida dos outros. Sabe, lamento mais, sou mais solidária, muito mais solidária aos erros, aos percursos que poderiam ter sido feitos de outra forma, sou muito mais solidária, dou mais atenção a isso. Minha escuta está muito mais sensível.

Nota-se que a entrevistada percebe que sua consciência tem se ampliado cada vez mais, segundo ela isso ocorreu por causa de seu envolvimento com o empreendedorismo. Isto nos remete ao processo de individuação e ampliação da consciência (JUNG, 2005). Ela se vê mais atuante e sensivelmente mais envolvida com aspectos concretos e materiais do mundo em geral, conforme relata a seguir:

Se eu for comparar minha percepção do mundo hoje, depois de ter passado por todas essas coisas que envolvem ter um negócio próprio e ser uma empreendedora, com a percepção e a visão que eu tinha antigamente do mundo eu acho que mudou muito minha visão, minha percepção. Eu acho que o mundo pra mim hoje é mais pratico, é um espaço pra ser conquistado, explorado. Saí um pouco da fantasia de que algo aconteça. Eu ainda tenho isso, mas acho que em uma intensidade muito menor. O mundo hoje pra mim é muito mais prático, mais concreto, mais, sei lá. Mais sensível até. É meio paradoxal isso até. Hoje eu me preocupo em ser uma boa mãe, estar preocupada, ser cada vez mais responsável, no sentido de cuidar do meu negócio e tentar agregar mais valor pro meu negócio, no sentido de não gastar tanta água, procurar usar uma embalagem mais ligada a essa coisa do ser sustentável e auto sustentável.

Ao falar sobre a questão da auto imagem a entrevistada adotou uma postura descontraída, seu tom de voz foi suave e sua fisionomia risonha. A imagem que a entrevistada acredita ser representativa de si mesma, em seu envolvimento com o empreendedorismo, remete à trajetória do mito do herói (CAMPBELL, 2007). Ela elegeu a imagem de um caixeiro viajante, um comerciante que faz um trajeto de ida e volta e é bem sucedido em seus negócios, isto é, quando ele volta para sua origem está trazendo riquezas, para si e para sua família. Sobre esta questão a entrevistada fez o seguinte comentário:

Acho que a melhor imagem para me representar em minha trajetória no empreendedorismo seria um caixeiro viajante, um vendedor de tecidos, assim antigo, sabe aquela pessoa boa, mas que faz bons negócios e que leva dinheiro pra casa, aquele árabe, aquela coisa assim. Eu tenho a parte boa do comércio, acho que são essas referências, acho que arquetípicas mesmo. Acho que o vendedor de tecidos, de tapete, ou o vendedor de especiarias. Uma pessoa de excelente relacionamento, bem quista e que sempre faz bons negócios. Ele parte mas volta, e sempre volta com dinheiro, com o bolso cheio.

Entrevista 2

“B” é proprietário de uma empresa de médio porte. A empresa tem duas fábricas, uma próxima a São Paulo e outra próxima ao Rio de Janeiro.

Em todos os contatos que foram feitos com “B”, para agendamento e para entrevista, ele agiu de maneira simpática e cordial.

Antes de iniciar a entrevista “B” fez questão de mostrar sua fábrica, próxima à cidade de São Paulo, na qual há salas de escritórios, galpões, locais onde são servidas refeições para os funcionários, locais reservados para o lazer dos funcionários, tais como campo de futebol e salão de jogos. Há também uma enfermaria e uma clínica odontológica. O local é amplo, arborizado, e bem cuidado, de modo geral as instalações são sóbrias e funcionais. Nota-se que tudo é limpo e organizado. Há muitos funcionários circulando e trabalhando, ao todo nesta unidade são 620 funcionários. Todos com quem mantive contato vestiam uniformes e se mostraram solícitos e prestativos.

A entrevista durou cerca de uma hora e meia e ocorreu em uma sala de reuniões reservada e em local distante das outras pessoas.

Durante a entrevista, foi possível notar que “B” demonstra ser uma pessoa comunicativa e afetiva. Ele falou de maneira informal e descontraída, foi claro em suas colocações, suas expressões faciais denotam alegria e tranquilidade, seus gestos foram contidos e sua postura respeitosa.

“B” pareceu falar abertamente e sem constrangimento sobre seu envolvimento com o empreendedorismo. Ele demonstrou segurança em suas afirmações e mostrou disponibilidade para esclarecer pontos que eventualmente tenham ficado confusos. Em alguns momentos da entrevista seus comentários eram mais pausados e sua postura mais reflexiva.

No final da entrevista, “B” comentou que foi interessante participar desta pesquisa, pois ao responder às questões propostas refletiu sobre sua trajetória e percebeu aspectos sobre si mesmo que não havia notado antes. Colocou-se à disposição para outros contatos que eventualmente fossem necessários, para esclarecer algum ponto da pesquisa.

Categoria 01 – O caminho

De acordo com as colocações de “B” o sentido de sua trajetória como empreendedor está ligado a seu desejo de liberdade e autonomia, segurança e conforto material e também a seu desejo de reconhecimento e evolução pessoal. Ele acredita que com esta trajetória suas possibilidades de desenvolvimento pessoal são melhores. Ele se percebe como uma pessoa persistente no sentido da busca desta melhoria. Em seus relatos, “B” demonstrou acreditar que o sucesso em sua trajetória se deve ao seu esforço para realizar sua vontade e seus desejos. Podemos associar estas colocações ao mito do herói e às pessoas que seguem sua designação (JUNG, 2002a). Seguem abaixo comentários de “B” a este respeito:

Conforme o tempo vai passando vai ficando mais claro pra mim o sentido de minha trajetória como empreendedor. No começo é isso, é uma independência. E depois com o passar do tempo, com família, ter estabilidade, ter uma condição de vida boa. Depois vem os filhos, então poder dar conforto para os filhos e uma condição boa de vida. Particularmente pra mim é talvez uma busca de melhoria, até como pessoa. Não sei você se torna um, o tempo vai passando e essa questão de buscar coisa material, ser uma pessoa bem vista pela família, pela esposa e pelos filhos. A vontade não termina nunca e a persistência também é algo que fica.

Hoje eu acho que é importante colocar as minhas opiniões, aquilo que eu acredito, ser independente, controlar aquilo que eu faria e da forma que eu faria. E é mais fácil fazer isso como empresário, mesmo eu tendo sócio, é mais fácil ter que conversar com o sócio do que com o patrão. É mais fácil fazer acontecer como patrão, como empregado tem mais concorrência é mais desleal..

Parece que outro fator determinante da trajetória deste entrevistado é o sentimento de amor e grande admiração que ele tem por seu pai, ele o vê como modelo. É possível notar que, para este entrevistado, ser bem sucedido nesta trajetória de empreendedorismo significa algo muito importante, pois possibilita ser amado por seus familiares e visto por eles como um exemplo de pessoa bem sucedida, assim como ocorre entre ele e seu pai. Neste caso podemos associar a postura deste entrevistado ao que Jung coloca sobre o amor, como sendo uma força movimentadora da energia psíquica (JUNG, 2002b). Sobre estes aspectos o entrevistado faz os seguintes comentários:

Então você ser empreendedor é você buscar isso, não tem como. Nem tanto ser bem visto pela sociedade em si, mas ser pra família, esposa e filhos, um exemplo.

Talvez pelo fato de ser apaixonado pelo meu pai e ele ter sido um exemplo pra mim eu queira que meus filhos também me amem da mesma forma. A vontade de ser visto como exemplo. A vontade, a satisfação pessoal de poder fazer o que você quer, sem pedir nada pra ninguém. Eu não sei exatamente qual é o sentido, acho eu tem a ver com ser independente e conseguir o que eu sempre quis e fazer algo que eu gosto muito, poder viajar, passear. Hoje em dia eu me sinto um cara realizado, isso é bom. Me sinto um cara realizado, em tudo que eu queria. O que eu queria? Eu queria ter um negócio, ter uma família, eu queria ter uma independência e essas coisas todas eu fui buscando, eu fui conseguindo, fui fazendo o negócio evoluir e crescer.

Categoria 02 – O caminhar

O entrevistado tem uma longa trajetória como empreendedor, ele desenvolve este tipo de atividade há vinte anos, passou por diversas fases e atualmente possui uma empresa estabelecida e bem estruturada. Ele começou sua trajetória de maneira informal e seguindo um desejo pessoal. Parece que tem grande envolvimento emocional com sua trajetória no empreendedorismo, pois ao relatar sobre suas realizações seu tom de voz foi alegre e entusiasmado. Isto nos leva a pensar que ele podia estar seguindo um chamado interior atendendo a uma proposta do Self (JUNG, 2002a). Segue abaixo um dos trechos da entrevista em que ele comenta sobre isso:

Eu comecei a trabalhar mesmo com 17 anos. Antes disso eu tinha um tipo de um negócio próprio de fazer e vender pipa, com linha e cortante. Eu fazia um negócio completo e o pessoal gostava e comparava bastante, foi bem legal! (...) Aí depois, com 17 anos eu entrei na faculdade. Abri com um sócio, abri não, comecei com um sócio uma sociedade de uma empresa de venda de embalagens plásticas pra açougue. (...) Naquela época eu não sabia nada, nada, nada disso. Eu peguei uma bobina de saco plástico, com o pai da minha namorada, que tinha uma pequena indústria de embalagens plásticas, dessas que se usa em comércios como açougues. Fui em um açougue e perguntei ao dono de lá quanto ele pagava na bobina e então fui no vendedor e perguntei quanto ele pagava e fui perguntando tudo, fui assim que eu fui aprendendo. Observando e fazendo conta. Eu sempre fiz muita conta. Eu e meu sócio começamos a comprar e revender as embalagens, tudo informalmente, sem nota nem nada. Eu logo de cara ganhei muito dinheiro. Mas eu fazia tudo também. Eu ia lá no fabricante buscar as bobinas carregava minha caminhonete e ia revender e entregar e tudo. Até colocar nas prateleiras dos comércios eu punha, tenho cicatrizes no braço até hoje de carregar aquelas bobinas, aquele negócio é pesado pra caramba! O meu sócio saiu logo no começo, mas eu fiquei com esse negócio durante quatro anos, só na compra e representação de embalagens plásticas. (...) Em 92 eu me associei com mais quatro outras pessoas, abrimos uma indústria de embalagens, comecei a produzir além de vender. Aí, com o tempo, alguns sócios foram saindo. Depois de 10 anos, em 2002, eu estava com dois sócios e nós fizemos uma associação com esta (nome da empresa), ficamos em

cinco sócios novamente. Mas esses sócios antigos não quiseram continuar, eu fiquei com dois sócios novos e estou com eles até hoje nessa sociedade, nesse negócio que tenho hoje, que é uma indústria de embalagens plásticas.

“B” relata que começou seu negócio próprio sem saber nada sobre o ramo de atividade que escolheu para trabalhar. Foi aprendendo através de estudos e da prática, pesquisando e perguntando para pessoas mais experientes. Uma das primeiras dificuldades que enfrentou parece ter sido a questão de manter seu negócio aberto de maneira formal, isto é, estando de acordo com a legislação do país. Ele parece seguir o modelo de trajetória empreendedora edificadora (OLIVEIRA, 1995). Podemos pensar que esta trajetória exigiu dele grande empenho e canalização da libido (JUNG, 2002a). Segue abaixo um de seus comentários sobre este aspecto:

Bom o início foi mais tranquilo, apesar de eu não saber nada, tudo era informal. Eu fui obtendo informações, fui aprendendo no dia a dia, perguntando e aprendendo de um jeito informal. Eu ia lá e perguntava pro fornecedor, pro dono do açougue, um falava uma coisa, outro falava outra, também pegava literatura, eu estava na faculdade e aí eu fui aprendendo. (...) Foi assim até 92 quando eu abri empresa e comecei a ter que mexer com impostos, então foi aí que eu conheci toda essa parte contábil. Apesar de sermos em cinco sócios, esse negócio foi idealizado por mim, mesmo tendo sócios eu assumi a parte de produção, a parte financeira e de vendas e compras, eu assumi grande parte dos negócios. Meus sócios eram mais investidores. Eu tinha 21 anos e eu tinha que entender o que eu estava fazendo. Eu ia perguntando, me informando e aprendendo. Antes eu não sabia nada aí eu fui aprendendo. Fazia contato com os órgãos públicos, ia à CETESB, na secretaria do meio ambiente, fazia todos os projetos sem saber como, ia perguntando e aprendendo. Ligava em escritório de contabilidade pra saber como funciona. Esses serviços eram muito caros e na época eu não tinha dinheiro. O que tivesse que gastar eu ia e negociava o valor. Mas tudo eu fui pesquisando e até enchendo as pessoas pra saber como funciona.

“B” percebe que houve momentos em que se excedeu em suas possibilidades como empreendedor. Em decorrência disso, sofreu graves consequências emocionais negativas. Uma das maiores dificuldades que enfrentou em sua trajetória parece ter sido em relação a manter o equilíbrio em momentos de crescimento. À medida que a empresa cresce em termos de rendimento, ela também gera mais despesas, além disso, está mais sujeita a contratempos, imprevistos, falhas e prejuízos. Caso o empreendedor não consiga manter um controle adequado de suas ações, de seus investimentos e de seu negócio ou não consiga estabelecer um equilíbrio adequado entre suas seus ganhos e despesas ele poderá se exceder em

suas possibilidades e então ter que enfrentar as conseqüências materiais e psicológicas decorrentes deste excesso. Pode ser que “B” tenha se deixado levar pelo excesso de confiança em sua capacidade de administração de seu negócio. Podemos pensar que nestes momentos ele pode ter se deixado levar pela “hybris” e assim ter ultrapassado as medidas ou o “metron” (EDINGER, 1992). Ao perceber seu equívoco e a repercussão disso, precisou do apoio de seus sócios e de grande habilidade de negociação para retomar o equilíbrio e solucionar os problemas da melhor forma possível, para todos os envolvidos. Sobre este assunto ele faz os seguintes comentários:

Passei por momentos bem difíceis de encarar. Houve uma ocasião em que eu estava bem endividado com a compra das máquinas e o aumento da empresa que foi crescendo e eu não estava acostumado com aquilo tudo. Ainda por cima houve um problema com grande lote da produção, que deu o maior prejuízo, prejudicou a produção do meu cliente e eu tive que arcar com o prejuízo dele, que é uma empresa bem grande e com o meu também. Entrou o departamento jurídico deles e eu tive que negociar. (...) Eu fiquei bem abalado, fiquei abalado porque eu pensei agora ferrou tudo, agora não tem mais o que fazer. Eu fiquei bem nervoso, no começo, quando eu vi o que era. Eu via empresa fechando e se eu fosse pagar a dívida toda, ia ficar a vida toda pagando e ainda assim não sei se ia conseguir. Eu que nunca fumei, peguei um cigarro e fumei até o final, quase engoli o cigarro. Mas eu tinha sócios que me diziam pra ter calma e negociar. Então eu fui deixando a coisa meio, empurrando com a barriga, fui vendo, fui resolvendo, ficando mais confiante e vendo que é assim mesmo, tem que negociar. Eu tinha que ser político e bom negociante. Não fechei uma porta e fui negociando. Eu fui vendo que podia resolver, fui ficando calmo e confiante. Depois de alguns meses eu fiz um acordo baixo, paguei 5% da dívida, uma coisa bem pequena. Eu fui flexível e ao mesmo tempo político, já com o objetivo de tentar contornar e evitar toda essa conta, e fui levando.

Podemos perceber que para “B” conseguir ser bem sucedido em seus objetivos precisou enfrentar e superar grandes dificuldades pessoais e circunstanciais. Outra grande dificuldade que “B” enfrentou está ligada aos seus relacionamentos interpessoais, “B” percebe que ficou abalado ao ter que lidar com estes problemas e também acredita que estas situações exerceram considerável influência e contribuíram para modificar sua maneira de ser e de viver. Ele precisou aprender a lidar com a agressividade nos relacionamentos e com questões afetivas de outras pessoas. Contudo, à medida que foi enfrentando estas dificuldades superou algumas de suas limitações e ampliou sua capacidade de compreensão sobre o comportamento de outras pessoas. Parece que estas vivências lhe proporcionaram mais empatia, habilidade no trato com as pessoas, auto confiança em suas colocações e posturas. Podemos pensar que com esta mudança de postura, “B”

conquistou o respeito de pessoas que o viam com desconfiança e o agrediam diretamente. Ao falar sobre estas questões, ele mostrou-se tranquilo e relatou os fatos ocorridos com muitos detalhes. Comentou que se sentiu bem em poder falar sobre isso, de maneira aberta, sem restrições e julgamentos. Seguem abaixo alguns dos trechos de suas colocações a respeito deste assunto:

Um dos momentos mais difíceis que eu passei foi quando eu entrei nesta nova sociedade que eu estou até hoje. Esta sociedade forma uma empresa bem maior do que aquela que eu tinha antes, tudo é em escala maior. Aconteceu que até então eu sempre tive uma sociedade, de certa forma, bem participativa e acreditei que essa nova sociedade também ia ser, mas eu acabei percebendo que os meus novos sócios tinham um comportamento totalmente diferente, agiam individualmente pensando muito em si próprios, não se falavam pessoalmente. Então naquele momento, quando eu percebi isso o elo foi rompido (...) eu tive que agüentar dois sócios bem diferentes de mim no comportamento. Eu não tinha essa experiência de vivenciar esse tipo de situação. Então pra mim isso me deixou emocionalmente abalado, pelo fato de eu tentar fazer uma coisa boa pro negócio e estar sendo visto pelo sócio como alguém que está atrapalhando. Eles falavam na minha frente uma coisa e depois fazia outra. Então isso me deixava doido. Eu tentei por um ano e pouco mostrar o que eu queria fazer, mas só que, mesmo eu sendo um cara paciente eu vi que isso não ia adiantar e então desisti. Eu pensei, 'Quer saber de uma coisa, eu vou trabalhar de acordo com aquilo que eu acredito, tenho uma área pra cuidar e vou cuidar, vou fazer o que eu quero e o que eu acho certo'. Eu parei de tentar uma aproximação, de querer ter uma parceria. Eu me apeguei a mostrar fatos e dados, que contra isso não tem discussão, não tem argumento, isso pra mim é real. Então foi dando certo assim, porque só na conversa não estava dando, ficava só na discussão mesmo, e chega na hora de agir, não saía nada. Essa foi uma fase muito ruim pra mim, mas até que eu aprendi bastante sobre conhecer as pessoas e lidar com elas.

Eu não estava acostumado a lidar com pessoas que levavam tudo pro lado pessoal e tive que aprender a lidar com isso. Eu não entendia o que se passava com meus novos sócios, mas depois entendi (...). Além disso, eles agiam como se a empresa fosse a casa deles e eles faziam o que queriam, não importando se estava certo ou não, se ia dar resultado ou não. (...) Naquele momento é como se eu tivesse um sócio, que é um estranho, que não está preocupado com o negócio e sim com o feudo que ele criou no negócio, e isso pra mim é inadmissível. Isso me afetou muito e eu não conseguia entender, depois eu entendi.

Um sócio mal educado, arrogante e o outro não participativo. Eu já sou da opinião que se estamos no mesmo barco, não importa qual é o obstáculo, se estamos juntos então vamos embora. Com estes sócios não foi assim, na frente dos outros, de fornecedores, funcionários, quem quer que seja, eles ficavam discutindo e um acusando o outro e me envolviam nisso também. (...) Em geral eu preferia tratar os assuntos com o sócio mal educado, porque pelo menos ele agente chegava num resultado, coisas sensatas pelo menos, do que com o outro que era só emoção. Então era só emoção e chorava e coisa e tal e foi complicado, depois eu fui entender que na verdade eu estava mexendo em uma área que ele era apaixonado pelo negócio, que ele cuidou durante quinze anos, isso afetou ele, então ele ficou um pouco estranho. Minha intenção não era destruir ele, mas mesmo não sendo essa a intenção

eu estava fazendo isso, eu estava desmontando muita coisa que ele havia criado. Eu comecei a mexer no negócio baseado em informações que eu recebia do outro sócio que dizia que tinha coisas que precisavam ser melhoradas e que não estavam bem, então eu fui fazendo, propondo mudanças e depois é que eu fui entendendo que um estava meio contra o outro e eu estava no meio disso tudo.

No começo um dos sócios gritava comigo e eu não revidava, e isso foi me machucando, me machucando. Eu comecei a ter que revidar, isso me doía, eu ia pra casa tenso e nervoso. Aí começamos a brigar, eu falei 'Se for para bater vamos bater, se for pra brigar vamos brigar e se ele vir pra cima de mim e vou revidar!'. Fui percebendo que a partir do momento que eu comecei a brigar a enfrentar e revidar comecei a encarar de frente, começou a melhorar. Também eles são mais velhos do que eu, eu sou mais novo e sempre tive aquele respeito, sabe como é pessoa mais velha. Eu tinha aquele respeito com pessoas de mais idade. Eu estava me sentindo humilhado e quando comecei a reagir a isso e enfrentar as coisas começaram a mudar e eu conquistei um certo respeito perante eles.

O entrevistado acredita que em seus momentos de maior dificuldade, o que o ajudou a superar os obstáculos, foi a crença de que sempre há uma solução para tudo. Estas soluções, ele encontrou através da observação do comportamento de outras pessoas, principalmente do comportamento de seu pai. É possível notar que em diversos momentos da entrevista "B" cita seu pai e demonstra ter grande admiração por ele, e de certa forma, o tem como um dos principais modelos de conduta. Isto nos leva a pensar em uma identificação com a figura paterna. Também podemos pensar que, nesta atitude observadora, "B" mantém contato entre o mundo exterior e seu mundo interior, com isso estabelece um diálogo entre suas percepções conscientes e suas reflexões internas. Reflete sobre os valores estabelecidos e sobre a repercussão das ações. Esta atitude amplia sua consciência e o aproxima de uma harmonia com a Totalidade (CAVALCANTI, 2004). Ao comentar sobre isso sua postura foi bastante reflexiva e foi possível notar que ele se emocionou muito, além disso, ele se surpreendeu ao concluir que é uma pessoa bastante observadora e que esta característica tem sido muito importante em sua vida. Seguem abaixo alguns trechos de seus relatos sobre este assunto:

O que me fortaleceu nos momentos difíceis desta trajetória foi o seguinte, que pra tudo tem um jeito, a gente não pode se deixar levar pelo primeiro impacto. (...) O que eu sempre fiz na minha vida foi observar. É, eu sou um cara realmente observador! Eu sempre observei as pessoas, o meu pai! O que eu sempre fiz foi observar o certo o errado, o que as pessoas estão fazendo de certo e de errado. Isso sempre me ajudou e através disso eu pude aprender. Eu acho realmente que observando você consegue aprender rapidamente e aí você já sabe lidar com a situação ou com as pessoas, porque aí você descobre como cada uma age e isso você acaba usando a seu favor, porque

you have the information, you know how to deal with it, this can help in some moments. In the world of business I think that this is very useful!

Categoria 03 – O caminhante

O entrevistado acredita que seu envolvimento com o empreendedorismo o tornou mais sério, firme e criterioso. Isto aponta para a ampliação da consciência e capacidade de discernimento que ocorrem quando uma pessoa passa por uma trajetória como ocorre no mito do herói (JUNG, 2007b). Ele parece preocupar-se com o fato de ser responsável por muitas pessoas, o que denota ter senso de coletividade e percepção da Totalidade (CAVALCANTI, 2004). Em diversos momentos da entrevista “B” mencionou que a trajetória do empreendedorismo o tornou mais seguro e confiante, o que pode ser associado ao que ocorre com pessoas que passaram por processo de ampliação de consciência, conforme ocorre no mito do herói (CAMPBELL, 2008). Segue abaixo alguns comentários de “B” sobre estes aspectos:

Non sei bem, mas eu acho que pelo setor, pela área, por ter que mandar gente embora que eu não queria mandar, por essas brigas, pode ser que eu tenha ficado um pouco mais sério, um pouco mais firme também. Meus amigos comentam que eu muito mais de falar besteira de brincar e agora, eles dizem, que eu estou mais quieto e tal. Antes eu era mais extrovertido, eu falava besteira, brincava e tirava sarro, isso foi perdendo, fui ficando um pouco mais sério, um pouco mais rígido e mais exigente, não aceitando ouvir qualquer coisa, fui ficando mais perfeccionista, sei lá, acho que mais exigente mesmo.

Neste caminho do empreendedorismo eu fiquei mais seguro e confiante. Isso por ter que enfrentar todas essas situações, ter que tomar decisões, assumir esses riscos todos do negócio e com todas as pessoas envolvidas e coisa e tal. Quando você é empresário você tem uma visão ampla de tudo que acontece na empresa, fora dela, com a vida das pessoas da empresa, com a vida dos clientes, com política e economia e tudo do país. Tem que ter porque você é responsável por muitas pessoas. Tem que saber o que o funcionário está passando na vida dele e como isso vai influir no trabalho, mesmo assim tem que tomar algumas decisões que não gostaria. Algumas vezes tem que mandar embora, mesmo sabendo que ele tem família e filhos, mas é que não dá mais para segurar se ele não estiver dando conta do trabalho dele, e se deixar vai comprometer o resto e pode até prejudicar todo mundo, o setor, a empresa e aí fica todo mundo sem trabalho mesmo. Empresário tem que decidir por todo mundo, o que vai ficar melhor para todo mundo envolvido.

... Então eu noto que ser empresário, ser empreendedor fez com que o meu raciocínio fosse ficando mais estendido. Isso pra lidar com pessoas, na família, em casa, com esposa, com filhos. A pessoa está falando um assunto e eu já estou enxergando o final. Acaba sendo natural, passa a ser natural. Não é algo que você quer pensar, vem. (...) Então é algo que já mostra como

vai ficar aquilo. As informações já vêm na cabeça, tudo de uma vez só e então minha cabeça já vai no final e eu analiso se é bom ou ruim aquela situação. Isso pra mim é muito bom, isso vem na hora, é muito rápido isso aí, eu não fico muito tempo pensando.

De acordo com as colocações do entrevistado, ele acredita que sua trajetória no empreendedorismo lhe trouxe uma posição de destaque e poder no meio social. Ele procura usar este poder para fins positivos, considerando o que ele acredita ser “o melhor para todos ao seu redor, isto é, seus familiares, funcionários, parceiros e clientes. Neste aspecto, o entrevistado parece estar tentando equilibrar a questão do poder e do amor (BATISTA, 2008). Isto é, procura utilizar o poder que tem em sua posição de empresário, e os benefícios decorrentes desta posição, para atender necessidades de outras pessoas. Ele demonstra ter uma visão generalista voltada para a Totalidade, o que denota que está buscando manter-se em equilíbrio e harmonia com a Totalidade. Parece ser cauteloso em relação à questão do poder e ter certa preocupação em relação às conseqüências de suas ações (CAVALCANTI, 2004). Ao falar sobre isso adotou um tom de voz sério, sereno e reflexivo. Seguem abaixo uma das colocações de “B” na qual ele fala sobre estas questões:

Ah, muita coisa mudou com o empreendedorismo, até um certo poder que se tem. Por mais que você fale, ‘ah não eu sou um cara simples’, é diferente, é diferente, você vai num lugar, tem um certo status, por ser empresário, mesmo que for pequeno ou grande, tem uma diferença de tratamento. Se vai num banco, se tem uma, se é mais bem tratado. (...) Eu me sinto bem com isso, me sinto bem. Claro que é muito bom ser bem tratado. Com isso eu procuro usar isso pro bem do negócio e pro bem da minha realização pessoal, que é estar sempre equilibrado, estar com a vida tranqüila e estar bem relacionado com as pessoas. Não usar isso como ‘eu tenho a força, eu mando e acabou’. Mas tentar usar a força e o poder que eu tenho hoje sobre o meu negócio para um lado bom. Poder viver bem, ou pelo menos tranqüilo, com as pessoas que trabalham comigo, ou pelo menos tomar decisões que eu tenho que tomar pra que tudo dê certo pra todos.

O entrevistado percebe que ao longo de sua trajetória no empreendedorismo houve algumas transformações em sua postura. Ele acredita que no começo de sua trajetória ele era egoísta, pensava só em si mesmo e usava as pessoas em benefício próprio. Contudo, à medida que foi crescendo e conquistando uma situação financeira mais favorável, ele passou a querer ajudar as pessoas, proporcionar benefícios sociais e agir de maneira mais solidária. Isto nos leva a pensar que “B” encontrou uma maneira de relacionar-se com o mundo de forma mais equilibrada, isto é, não tão egoísta e de forma mais harmônica com a Totalidade (JUNG, 2006).

Além disso, ele parece ter superado algumas fixações e se libertado de certas ilusões do ego. No momento, ele procura atender aos chamados do Self (CAVALCANTI, 2004). Ele ficou bastante emocionado ao falar sobre estes assuntos, principalmente quando comentou sobre os cursos que criou em sua empresa para seus funcionários, entre eles destacam-se os cursos do Ensino Fundamental e diversos cursos profissionalizantes. Podemos notar estes aspectos nas seguintes colocações feitas por “B”:

Sabe o que acontece, eu acho que quando você começa a ser empreendedor, no começo normalmente, ou pelo menos pra mim, você age como age como egoísta, pelo menos pra mim, acho que a pessoa age como egoísta. Conforme se vai evoluindo, crescendo, você começa a, eu pelo menos comecei a dar uma amolecida e mudar um pouco, ajudar mais as pessoas.

O egoísmo é em querer crescer, usar as pessoas para o seu crescimento, pagar salário baixo para poder ter mais lucro, então no começo você atropela todo mundo, você tem que usar as armas que você tem pro negócio evoluir, muitas vezes você não acaba não sendo justo eticamente. Em algum momento você acaba sendo ruim, você acaba tendo que tomar uma decisão de mandar alguém embora, de brigar com alguém, de ameaçar entrar com processo contra alguém e entrar mesmo, muitas vezes isso acaba queimando alguém ou outra empresa, ou sei lá, mandar alguém embora que a pessoa acaba passando por dificuldades. Pra ser dono da empresa, eu não vejo muito outra forma, tem hora que tem que fazer essas coisas. No mundo capitalista, pra vencer no mundo dos negócios, tem que fazer essas coisas, tem que tomar decisões. Mas sabe, depois com o tempo o negócio começa a dar certo e o negócio vai ficando um pouco mais, vai passando aquela fase toda de conhecimento e euforia e você vai conseguindo ter um capital um pouco maior pra você e pra sua família, pra você poder pensar em poder trabalhar menos, você começa a pensar, eu pelo menos comecei a pensar em tentar ajudar um lugar, tentar participar mais do mundo e da sociedade, pagar um salário maior pros empregado, sei lá, montar uma creche, fazer uma coisa mais social, sei lá, você começa a ir pra um lado mais social. Pelo menos eu estou caminhando pra isso. Quando eu paro pra pensar, percebo que como empresário faço parte de uma pequena parte da população que tem uma condição melhor de vida. Então a vida foi boa pra mim, tenho uma família boa, filhos que estão bem, estou em uma condição que não me falta nada. Então eu começo a perceber, eu vejo por que eu não posso melhorara as coisas? Eu sinto cada vez mais essa necessidade de melhorar as coisas, isso é uma coisa que parte de mim mesmo. Eu observo meus gastos, vou a um restaurante gasto trezentos reais e tem um cara que ganha quatrocentos e cinquenta por mês. Pô, o que custa eu fazer alguma coisa de bom, pra ajudar ele”

Eu percebo que hoje em dia eu fico muito feliz em poder ajudar alguém de alguma forma. Eu não gosto daquele caso de você dar uma moeda, dar um real, sabe. Não é isso, isso pra mim eu não gosto, dar dinheiro pra alguém que pede dinheiro no farol, eu não gosto disso. Eu gosto de ver o sorriso de alguém que conseguir obter seu certificado de ensino fundamental através da minha empresa, com as aulas que eles tem lá. Lá nós fizemos uma escola e as pessoas podem concluir seus estudos e pegar seus diplomas. Quando isso acontece eles tem um sorriso de satisfação. Então isso é importante, um negócio tão simples, pegar um diploma da oitava série, mas para alguém com quarenta anos, quarenta e cinco anos, é bacana, eu acho isso bonito, eu me

emociono com isso. Isso pra mim é legal e me deixa satisfeito em poder ajudar a conseguir isso, e fico satisfeito com as pessoas que trabalham comigo poderem estudar, crescer e melhorar de vida. Por mais que eu seja duro em dar aumento, quando eu dou, eu fico contente quando eu dou, porque é difícil eu dar. Eu dou quando houve um merecimento da pessoa, eu não dou por dar, assim sem mais nem menos. Tem que ter um critério, um parâmetro. Quando eu dou eu fico feliz que aquela pessoa evoluiu.

De acordo com as colocações de “B”, ele percebe que a atividade empreendedora torna o empresário um tanto quanto solitário. Isto parece ocorrer em função do tempo dedicado ao trabalho e a ausência de auxílio público em situações de dificuldade. Segundo Campbell (2008) e Jung (1997), o sentimento de solidão é comum a pessoas que preferiram se arriscar, saindo de condições socialmente seguras, em busca de sua identidade. Seguem abaixo alguns comentários de “B” a este respeito:

Eu percebo que meu trabalho na empresa afetou bastante as minhas amizades. Pelo fato de sempre trabalhar em horário prolongado eu acabei diminuindo a quantidade de amigos. Eu tenho muitos amigos, nem sempre eu tenho contato com eles, às vezes ficamos anos sem se ver, mas quando chega é como se estivesse se vendo todos os dias. E por conta disso tudo eu percebo que estou mais apegado a minha família, no convívio com minha esposa e filhos está cada vez mais próximo. Eu sempre fui um cara caseiro, apegado a família, com de uns tempos pra cá, por não ter muito tempo de se dedicar aos amigos, fui ficando mais próximo de minha família.

Empresário no Brasil, ta sozinho, é muito sozinho. Não tem governo e nem legislação que ajuda. O estado, a receita federal, bombeiro, vigilância sanitária vai lá pra fiscalizar, pra te exigir coisas, pra te fiscalizar. Então independente do problema que agente tenha tem que enfrentar, mesmo que for pra perder, pra quebrar a cara, tem que ir em frente, faz parte do negócio. Tem que tomar decisões o tempo todo. Com o passar do tempo isso vai ficando cada vez mais natural e a gente vai tendo cada vez mais confiança. A experiência e as decisões passadas que eu tive que tomar forma me deixando mais confiante, mas no começo eu ficava inseguro e até nervoso.

O entrevistado associa sua imagem na trajetória do empreendedorismo a uma escada ascendente, com degraus móveis e escorregadios. Podemos notar que para “B”, a trajetória de empreendedorismo está associada a um processo em constante movimento que leva à transcendência de limitações e evolução pessoal. Isto nos remete ao mito do herói (CAMPBELL, 2007) e também ao processo de individuação (Jung, 2005). Sobre esta questão ele faz o seguinte comentário:

Bom, uma imagem, deixa eu ver. Acho que uma escada com os degraus com círculos em baixo, bolas, soltos. Subindo e sempre bamba, vai pra cá e vai pra lá e sempre se equilibrando e subindo e subindo, se equilibrando e vai subindo, subindo devagarzinho uma escada longa. Eu não sei onde vai dar

essa escada, mas cada dia é uma novidade, é uma evolução, cada dia é uma coisa diferente, uma coisa que melhora, uma coisa que piora. Esses degraus você pode escorregar. Eu digo que é bamba porque é sempre variável, o momento, as condições do país, as condições do mercado, um monte de coisa. Mas a busca, eu vejo a escada porque ela tem os níveis de altura, e eu me vejo sempre, por mais que eu tenha que voltar alguns degraus, eu me vejo sempre subindo e crescendo.

Entrevista 3

“C” é proprietário de uma empresa de assessoria e consultoria. Ele tem um escritório comercial no qual reúne sua equipe e atende seus clientes. O local todo é amplo, silencioso, confortável e decorado de maneira sóbria e cuidadosa. Ele fica localizado em um bairro nobre da cidade de São Paulo, em uma região em que há grande concentração de escritórios comerciais.

A entrevista durou cerca de uma hora e meia, foi realizada em uma sala reservada de seu escritório.

Durante a entrevista “C”, se mostrou simpático, disponível e interessado em colaborar com a pesquisa. Agiu de maneira descontraída, casual e muito cortês. Sua linguagem foi clara, seu tom de voz enfático, sua fisionomia sorridente, seus gestos harmônicos e seu olhar atento. Demonstrou ser afetivo, comunicativo e direto em suas colocações.

No começo da entrevista, enfatizou aspectos práticos e conceituais do empreendedorismo, depois falou mais abertamente sobre seu envolvimento psicológico com suas atividades profissionais. Durante a entrevista, demonstrou certa resistência em falar sobre suas dificuldades e sobre os momentos menos favoráveis de sua vida, nos quais passou por algumas complicações financeiras.

Em diversos momentos da entrevista, “C” salientou a importância do auto conhecimento no processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Mostrou interesse na pesquisa sobre empreendedorismo e no resultado final deste trabalho.

Categoria 01 – O caminho

Para o entrevistado, o sentido de sua trajetória no empreendedorismo é a busca da felicidade. Ele considera que esta felicidade se compõe de vários aspectos, sendo que o principal deles é a paz e a harmonia no convívio com outras pessoas. Sendo assim, a busca pelo amor e pela harmonia nos relacionamentos age como um agente de mudanças e pode ser considerado um propulsor de atitudes (VON FRANZ, 2003). É possível identificar estes aspectos nas seguintes colocações feitas por este entrevistado:

Eu acho que o que me motivou a ser empreendedor foi a busca de uma convivência no mundo de maneira mais tranqüila e harmônica. Eu busco esse amor universal que eu tenho dentro de mim, mas ainda não consigo compartilhar. Eu queria olhar todo mundo com o mesmo amor que eu tenho pela minha família. Eu queria envolver todo mundo nos meus projetos de sucesso, expandir meu círculo de amor e amizade pro mundo inteiro, mas ainda não consegui fazer isso.

De acordo como os relatos de “C”, é possível notar que ele busca no empreendedorismo liberdade e autonomia para tratar dos negócios e das atividades profissionais à sua maneira, seguindo seus valores e conceitos éticos. Além disso, ele acredita que sendo um empreendedor independente não terá que conviver com pessoas que tem valores diferentes dos seus. Conviver com pessoas que ele considera desonestas, é para “C” tão insuportável que ele prefere abrir mão de algumas atividades profissionais, possivelmente mais lucrativas, para manter-se afastado daquilo que ele considera desonesto. Ele percebe em si mesmo uma certa rigidez de valores. Isto nos leva a pensar que ele confere grande importância aos valores socialmente estabelecidos por sua cultura e às leis e regras de conduta social (JUNG, 2002b). Neste sentido parece que ele entende que para manter-se em harmonia com a Totalidade, representada pelos padrões morais, ele precisa manter certa distância de empresários que adotam comportamentos “desonestos”. Seguem abaixo alguns relatos de “C” a este respeito:

Eu não consigo conviver em um ambiente de desonestidade. Se há, no ambiente, alguma coisa fora do meu padrão de valores, algum comportamento fora disso e se eu sair fora do meu padrão de valores, eu sofro muito, eu não consigo conviver. Se eu tiver que colocar meus valores de lado, pra mim não dá certo, eu não vou conseguir fazer um bom trabalho, então eu to fora, eu tenho uma certa rigidez com isso. Eu não sei lidar com mentira, eu não sei lidar com mentiroso, eu sofro muito, eu tenho uma certa dificuldade. Eu entendo, as vezes, a razão da pessoa. Hoje em dia eu estou muito mais maduro, eu entendo a razão e a dificuldade da pessoa. Eu tento trabalhar pra consertar, mas meu limite está aí. Então trabalhar de maneira independente me faz bem. Seu eu tivesse que dividir meu espaço com outra pessoa que todo dia está fazendo rolo, está mentindo, falando mal de alguém, isso me deixa maluco. Eu não quero e não preciso disso. Eu não estou disposto a sacrificar essa paz que eu busco tanto pra conviver com um cara que é safado.

Eu sou franco, às vezes em excesso, estou aprendendo a moderar, isso faz parte do processo de educação e evolução. Talvez por isso eu tenha vindo trabalhar sozinho. Aqui pra mim é um paraíso, eu tomo minhas cabeçadas, eu fico duro, eu perco dinheiro, eu ganho dinheiro, e tal. Mas eu tenho que me resolver comigo, eu estou no meu caminho.

Nos relatos de “C”, podemos notar que ele entende a atividade empreendedora de consultoria e assessoria como uma oportunidade de transmitir valores humanos às pessoas com quem trabalha, principalmente aos seus clientes em suas atividades profissionais. Parece que ele vê nisso uma possibilidade de agregar mais pessoas ao seu círculo de relacionamento, desta maneira poderia aproximá-las das leis e das normas sociais (JUNG, 2005). Conforme relatado nos trechos abaixo:

Eu prezo muito a satisfação dos meus valores pessoais, isso pra mim é importante, porque isso vai trazer paz, essa paz é o principal fator de felicidade. Então a minha meta com o empreendedorismo é ver esse conjunto satisfeito, ter uma família organizada, ter um negócio, porque eu gosto de realizar negócios, de trabalhar, de fazer, mas eu gosto muito de trabalhar com pessoas e de orientá-las, talvez por isso eu faça consultoria e nem tanto pelo o dinheiro em si. Se fosse pelo dinheiro talvez eu já tivesse parado. Então a junção de duas coisas, trilhar o caminho, fazer com que as pessoas vejam o caminho, com os pés no chão, que as vezes agente não tem. Agente fala para os outros e as vezes agente não consegue fazer. Mas agente sabe onde é o lugar de colocar os pés, acho que isso é um ponto importante.

Categoria 02 – O caminhar

Este entrevistado se percebe, em sua trajetória como empreendedor, como uma pessoa em processo de constante melhoria, sob todos os aspectos, principalmente no relacionamento interpessoal. Ele parece se empenhar na busca deste aperfeiçoamento, considerando que ainda está distante daquilo que considera ideal. Ele associa esse ideal a personagens históricos que se destacaram por diversos motivos, sendo que o principal fator de destaque destes personagens foi a capacidade de amar. Conforme comenta Jung (2002b), o amor é uma grande força movimentadora de energias nos seres humanos. Seguem abaixo alguns trechos em que o entrevistado fala sobre isso:

Eu acho que a beleza das pessoas vem de dentro pra fora sempre, ponto. A beleza externa é importante lógico, mas a de dentro é mais importante. Estar bonito por dentro é um trabalho de todo dia, porque todo dia você faz. Ninguém é calmo cem por cento do tempo. Ninguém faz as coisas pensando sempre em todo mundo. Alguns poucos fazem, alguns como Jesus, São Francisco de Assis, esses são ícones demonstrativos, eles são do departamento de marketing e nós somos departamento de produção. Põe agente no campo, se der defeito, vai corrigindo no dia a dia. É o conceito de melhoria contínua, todo dia você pode fazer uma coisa melhor.

Melhorar todo dia é uma meta. Sob todos os pontos de vista, inclusive moral e ético. Se você pegar as coisas que eu faço e as entidades que eu pertencço,

os objetivos sempre são 'Conheça-te a ti mesmo e evolui'. Sempre eu fui muito ligado a isso. Eu tenho pra mim que muito daquilo que eu tenho está muito ligado com minha filosofia religiosa e ela tem uma influência muito forte em mim. Acho que não é só a minha, acho que a do ser humano em geral. Eu tenho muito claro que eu estou nesse mundo pra realizar um caminho, um trabalho pessoal de crescimento, de evolução e auto aperfeiçoamento.

O entrevistado nota que sua trajetória de empreendedorismo passou por certas dificuldades, e nestas circunstâncias ele cometeu alguns erros. Pareceu não querer falar sobre isso, chegou a pedir para “pular este assunto”. Entretanto comentou sobre certa ocasião em que estava em um momento difícil de sua vida, enfrentando problemas financeiros e familiares, quando percebeu que para ele, sua família vem em primeiro lugar, preferindo abrir mão de valores materiais em benefício de uma convivência mais harmônica com sua família. Ele se percebe como uma pessoa muito grata e dependente da família para a realização de sua trajetória empreendedora. Podemos pensar no amor à família como força propulsora para a realização de empreendimentos (CAROTENUTO, 2005). Além disso, parece que, para “C”, o amor é uma força que o liberta de sua visão limitada e mostra o significado que os relacionamentos familiares tem para ele (JAFFE, 2002). Ao relatar estes fatos, ele ficou emocionado e pediu para que a gravação fosse interrompida por alguns momentos. Quando isto foi feito, ele contou maiores detalhes do ocorrido e então retomamos as gravações. Ao final, ele disse que foi bom ter falado sobre isso, e que ele mesmo não havia percebido, até então, o quanto isto tinha sido significativo em sua vida. Seguem abaixo trechos de seus comentários que ele permitiu que fossem gravados e publicados:

Esse assunto é um pouco complicado, eu abrir uma loja de atacados. Aliás, foi uma das maiores cagadas que eu fiz na vida e que foi uma das melhores coisas que aconteceram. Porque a vida é uma grande lição dependendo da forma como se olha, todos os conceitos que eu uso para dar consultoria, principalmente quando o cara está em dificuldade e a sensibilidade pra entender desde lá, porque eu literalmente quebrei. Eu saía de manhã com dez reais e anotava aonde eu gastei, eu nunca havia discutido com minha mulher e nós chegamos a gritar um com o outro aí esse foi o momento mais legal na minha vida. Aí eu falei 'Para! Nós nunca brigamos!' Nesse momento nós decidimos deixar tudo o resto pra trás porque nós ficamos juntos. E esse é o conceito de família. Volta e meia acontece alguma coisa eu penso 'Agora vou perder tudo!' E eu olho ao redor e vejo que quem fica comigo, naquele círculo de pessoas que ficam comigo tem minha família e meus amigos. Esse círculo é restrito, não porque eu queira. Ele é restrito ou porque eu não tenha qualidade ou capacidade para ampliá-lo. Meu desejo é que todos nesse mundo sejam meus amigos, mas muitos não são não por causa deles, por causa minha. Eu fico triste por causa disso, eu não consigo ampliá-lo e do tamanho que eu estou muitos não conseguem entrar, são duas as

complicações. Essa percepção começa à medida que o tempo passa e agente ta realmente nessa vida em uma ilusão porque em geral damos importância para certas coisas que na verdade não são importantes. Na minha opinião esse discernimento é o amadurecimento, talvez isso seja criado pela individualidade e pela consciência. Mas agente só consegue isso vivendo, não tem jeito.

Eu acho que minha família sempre foi muito unida e isso permitiu eu suportar todas as coisas, todas as dificuldade que eu vivenciei na minha trajetória do empreendedorismo. Eu acho que a família viabilizou tudo isso. O empreendedorismo ajudou a perceber essa união. Eu ficava fora de casa muito tempo, viajando e trabalhando e quem ficou em casa segurando todas as barras foi minha família. Então eu acho que ninguém faz nada sozinho. Então se eu não tivesse esse conjunto, se eu não tivesse essa união, essa qualidade de união nada disso seria viável. Acho que ninguém vive solto no espaço, nem absolutamente desconecto, todos precisam de uma conexão e uma conexão de qualidade, pra mim a família é uma conexão de qualidade. É um ponto em que eu sempre volto, eu vou faço as minhas coisas na vida e volto, na família eu encontro a minha segurança e a estrutura pras coisas que eu faço. Pra mim eu tenho esse conceito, eu fui criado nele e eu sinto ele forte na prática. Talvez eu não seja tão independente, talvez eu seja extremamente dependente de alguém. O fato de ter um ponto de referência é fundamental pra que eu possa desenvolver tudo. Talvez alguém consiga substituir a família por uma comunidade onde todo mundo se gosta, são os amigos, ou seja lá o que for. No meu caso a família tem um papel fundamental porque eu me importo com ela, eu acho que ela viabiliza todas as aventuras que agente faz, queira ou não quando a gente viaja, nós viajamos juntos, só que é uma viagem de balão. Você põe a família em um balão e vai embora, então as vezes agente faz cada baita bobagem juntos, mas é legal estar junto, com esse elo e com esse suporte. Porque talvez fazer essa viagem sozinho seria muito difícil. Eu sinto muito prazer nessa união, eu faria tudo que eu fiz de novo e casaria com a mesma mulher com quem estou casado.

Categoria 03 – O caminhante

Em alguns momentos da entrevista, “C” comentou que se sente um pouco solitário em sua trajetória no empreendedorismo, principalmente nos momentos em que encontra dificuldades e não tem a quem recorrer. Isto nos remete ao que Campbell (2008) coloca sobre a trajetória de pessoas que decidiram seguir seu próprio destino e se desviaram das “condições seguras” propostas pela sociedade. Segue abaixo um dos trechos em que “C” comenta sobre este assunto:

O empreendedorismo alterou a maneira de eu lidar com as dificuldades, porque as vezes eu estou sozinho e não tenho com quem falar, como quem é funcionário e tem que resolver um problema, se ele não conseguir ele vai lá e fala com o chefe e o chefe é que vai resolver o problema. Eu aqui estou sozinho, eu mesmo é que tenho que resolver.

Conforme as colocações de “C”, ele nota que o seu envolvimento com o empreendedorismo o fez “crescer como pessoa”. Paradoxalmente, ele percebe que o empreendedorismo o tornou mais humilde e flexível, no sentido de aceitar que tem certas limitações pessoais, e, portanto não será capaz de resolver sozinho alguns problemas que eventualmente surjam. Ele acredita que quando nota que aparecem estas limitações, é preferível para ele, pedir ajuda e abrir mão de certos conceitos ou até mudar de estratégia do que continuar tentando agir de maneira rígida e acabar se prejudicando. Isto fica evidenciado no seguinte comentário feito por “C”:

Isso me lembra uma historinha de um jogador de futebol que quando estava indo mal no jogo, ele abria uma caixinha que ele carregava com ele e olhava dentro e fechava e continuava a jogar. Dentro dessa caixinha tinha um papel escrito o seguinte ‘Eu passo’. Então eu aprendi que tem certos problemas que não dá pra resolver então tem que passar. Eu não desisto da atividade do empreendedorismo, mas não sou teimoso e não fico persistindo com um negócio que não estou conseguindo levar, nessas situações eu busco ajuda ou entrego os pontos. Eu aprendi a abrir mão, negociar. Antes eu era mais teimoso e queria tudo do meu jeito, agora eu tenho mais flexibilidade, criatividade, persistência, tem que ter poder mais aguçado de avaliar a situação. Então eu fui crescendo como pessoa.

Segundo este entrevistado, a trajetória de vida no empreendedorismo alterou a forma como ele se relaciona com as pessoas em geral. Isto é, com esta trajetória ele passou a dividir as pessoas com quem se relaciona em dois grupos. Ele considera que um grupo é formado por amigos, estas são pessoas que ele estima e que ele acredita que gostam dele verdadeiramente; o outro grupo é formado por pessoas de quem ele não gosta, mas de quem precisa para fazer negócios. Ele procura demonstrar cortesia para com todas as pessoas, mesmo que não goste delas. É possível notar que ele percebe uma certa dissimulação de opiniões, isso o torna desconfiado em relação ao sentimento e à intenção das pessoas em relação a ele. Sua postura passa a ser um pouco defensiva e reservada, conforme relata abaixo:

Com a trajetória do empreendedorismo minha relação com as pessoas mudou um pouco. Hoje em dia eu separo, eu tenho uma lista de network e uma relação de amigos mais próximos e verdadeiros. Na lista de network tem aquelas pessoas que eu preciso fazer aquele contato porque posso precisar deles. A lista de network é uma lista de interesses, em que há uma certa falsidade. Acontece assim, eu encontro uma pessoa e digo ‘Oi tudo bem, que felicidade te encontrar!’, mas por dentro você estou dizendo ‘Seu panaca, como é que eu posso ganhar dinheiro com você’. Mas eu continuo com o contato com esta pessoa porque preciso dele. Isso é uma coisa que mudou em mim, antes eu tinha um caderninho de contatos que era só de amigos, agora não tem que ter contato com todo mundo, então eu começo a olhar toda essa aldeia global como uma grande rede de relacionamentos de

network. Isso contamina as pessoas e determina comportamentos, não sei o quanto cada um resisti a isto. Eu também não sou burro, então eu sei quem é amigo de verdade e quem não é, quem gosta de mim e quem não gosta, eu procuro saber isso. Amigos verdadeiros são raros e difíceis de serem encontrados e na verdade tem mais um problema o julgamento do que é ser amigo. Você gosta das pessoas muitas vezes não pelo que ela é e sim pelo que você acha que ela é.

Este entrevistado associa sua auto imagem na trajetória do empreendedorismo à imagem do mito de Hércules (GRAVES, 2004). Ele acredita que em sua trajetória, ele foi forte o bastante para procurar e encontrar conhecimentos que eram necessários em diversos momentos. Isso nos remete ao mito do herói (CAMPBELL, 2007). É interessante notar que, mesmo o entrevistado considerando-se uma pessoa bastante afetiva e que valoriza as questões relacionadas ao amor, ele menciona Afrodite, deusa do amor, como a inimiga de Hercules. Ele menciona também o auxílio que Palas Athena, deusa da sabedoria e protetora do masculino, proporciona a Hércules. Neste sentido, podemos levantar a hipótese de que ele procura agir e resolver suas questões através da razão, e nem tanto através de habilidades de relacionamento. As questões relacionadas ao amor parecem ser grandes desafios para ele, são também caminhos para encontrar e vivenciar a harmonia com a Totalidade (CAROTENUTO, 2005). Em relação à imagem que tem de si em sua trajetória no empreendedorismo o entrevistado faz o seguinte comentário:

Quando eu penso em mim mesmo nesta minha trajetória no empreendedorismo me vem a imagem do Hercules, porque o cara apesar de todos os confrontos que teve com sua poderosa inimiga Vênus ou Afrodite na época, e a ajuda de sua grande protetora que era a Palas Athena, a deusa da sabedoria, ele sendo filho do homem, do campeão que era Zeus, ele enfrentou tudo aquilo com força e coragem, ele não desistiu. Eu acho que passei por alguns momentos muito difíceis e eu tive força e não desisti, não ganhei todas as batalhas, mas não desisti, eu estou aqui e tenho aquela força maior. Eu acho que nessas atividades de empreendedorismo eu cresci muito como pessoa, cresci também em conhecimento, conhecimentos que eu tive que ir buscar e eu tive força de ir buscar esses conhecimentos. Apesar de ser meio vagabundão eu tive a força de ir buscar o conhecimento que eu precisei e continuo procurando um caminho para ter aquilo que eu quero, aquela paz, com só mais um pouquinho de tranquilidade.

Entrevista 4

“D” é proprietário de uma empresa de projetos na área de infra estrutura de transportes. Ele tem um escritório localizado em um bairro de classe média alta, na cidade de São Paulo. O local é distinto e bem organizado, as instalações são confortáveis e funcionais.

A entrevista foi realizada em uma sala de reuniões neste escritório e teve duração de aproximadamente uma hora e meia.

Durante a entrevista, “D” se mostrou sério, falou de maneira tranqüila, demonstrou cuidado com suas colocações, procurando escolher a melhor maneira para se expressar. De maneira geral, sua postura pareceu ser sóbria e reservada. Seu tom de voz foi firme e seus gestos comedidos. Entretanto, ao falar sobre suas atividades profissionais, seu tom de voz se tornou mais empolgante, sua fisionomia ficou mais expressiva e houve um detalhamento maior em suas colocações. Isto denota afinidade com sua carreira profissional e cautela ao expor aspectos particulares de sua vida pessoal.

Em diversos momentos da entrevista, “D” salientou a importância de alguns aspectos de sua personalidade, tais como honestidade, lealdade e comprometimento. Além disso, também enfatizou que sua fé e sua crença em Deus são aspectos fundamentais em sua trajetória no empreendedorismo.

Categoria 01 – O caminho

De acordo com as colocações de “D”, ele teve uma origem humilde e considera que o sentido de sua trajetória de empreendedorismo tem sido, desde sua juventude, conquistar uma situação financeira confortável, tanto para si mesmo quanto para sua família. Depois de vencer grandes desafios parece que ele atingiu seu objetivo. Atualmente é fundamental, para ele, manter a sua imagem de empresário honesto e leal para com seus clientes, parceiros e fornecedores, prestadores de serviços e funcionários. Sendo assim, podemos notar que “D” valoriza seus relacionamentos pessoais e profissionais e empenha-se em promover melhorias à vida das pessoas com quem convive. Segue abaixo um dos comentários de “D” a este respeito:

Eu venho de família pobre, que sempre buscou vencer com muita fé em Deus e eu me mantive sempre me movimentando e procurando me manter profissionalmente. O objetivo que eu sempre tive desde os tempos da minha juventude era alcançar uma situação mais confortável para mim e minha família. Hoje em dia o que eu procurei atingir é, sem dúvida, manter sempre a minha imagem de um bom empreendedor, embora com empresa de pequeno porte, porém mantendo a boa imagem conseguida ao longo do tempo.

O entrevistado percebe que se sente motivado a viver e trabalhar de maneira mais livre e dinâmica, assumindo grandes responsabilidades em suas ações e projetos. “D” demonstra querer se livrar das convenções e agir de acordo com sua designação interior, assim como acontece com grandes personalidades históricas consideradas figuras heroicas (JUNG, 1997). Isto também denota que “D” está vivendo seu processo de individuação de forma mais consciente (JUNG, 2005). Ele comentou sobre isso de maneira entusiasmada em diversos momentos da entrevista, o que denota que atribui importante significado à sua atividade profissional. Seguem abaixo trechos da entrevista no qual ele faz comentários sobre estes assuntos:

Eu tenho prazer de trabalhar nesta área de transporte, porque a gente começa do zero. Pega desde o começo e vai desenvolvendo todas as partes. É uma série de atividades, uma puxando a outra. Mas o que eu acho bacana é pegar o negócio desde o começo e desenvolver todas as etapas até o final. É muito motivante pra mim, é impressionante, porque não tem dia, não tem hora certa, cada momento que eu trabalho nessa área tenho a maior satisfação em trabalhar nela. Quanto mais eu conheço essa área de transporte, mais eu gosto dela.

Já a área de projetos em transportes é mais dinâmica, não precisa ficar calculando o tempo todo, pode ir a campo, ir de um lugar pro outro. O mais importante e interessante é o planejamento dos projetos, fazer as coisas caminharem, separar cada atividade e fazer com que elas trabalhem juntas no sentido de realizar um projeto específico. Para isso precisa lidar com vários especialistas de cada uma das áreas. Então precisa ter boa visão do projeto para fazer a coordenação.

O interesse do entrevistado pela área de projetos surgiu quando ainda era um jovem estudante de um conceituado colégio técnico em Jaú, sua cidade de origem. Desde esta época, ele percebeu que tinha afinidade com projetos. Isto parece ter influenciado sua trajetória de vida, pois a partir desta percepção ele tem persistido na busca de seu aperfeiçoamento e conquistado posições cada vez mais importantes em sua área de trabalho, especialmente como empresário da área de projetos ligados a transportes. Ser um empresário bem sucedido na área de projetos e transportes parece significar, para este entrevistado, um prestígio e um

reconhecimento público de seu talento e de seu valor profissional. Parece que “D” tem grande amor por sua profissão e faz de tudo por ela. Isto nos remete ao que Jung (2005) nos fala sobre o amor masculino e sua força movimentadora. Seguem abaixo alguns trechos da entrevista de “D” em que ele fala sobre estes aspectos:

Mas nessa escola que eu estudei, o grande destaque nesta escola é que eu me sobressaia com desenho e projetos, eu já tinha essa tendência para trabalhar com desenhos e projetos. E era muito elogiado por meus desenhos e projetos. (...) Aí eu tinha essa intuição também de que eu tinha que trabalhar com desenho e com projeto. Os professores elogiavam e falavam que eu era muito levado, mas fazia as coisas. Tinha um professor que falava que eu aprontava, mas fazia direito. Ele chegava na classe e pedia pra gente fazer umas coisas meio doidas. Ele falava ‘Vamos fazer um projeto diferente hoje, vocês imaginem o vento, o vento entrando aqui pelos corredores, o vento vuuuuu, eu quero esse projeto’. Quem era mais ligado com a área de projeto, assim como eu sempre fui, percebia o que ele queria. Veja ele queria mostrar que alguma coisa, através do vento, pode ficar pairando ou se deslocando no espaço.

Isso na época era difícil porque agente tinha que ser criativo. Eu sou mais técnico e não sou muito criativo. Busco aprendizado através da experiência, através da persistência. Eu sou muito persistente e muito técnico. Eu escolhi fazer engenharia justamente porque é uma área muito pura, depende fundamentalmente da matemática e de um treinamento constante para se aperfeiçoar, assim é a busca da experiência. Cada vez que a gente faz uma coisa fica mais qualificado para fazer melhor da próxima vez.

Eu sempre tive um objetivo de um dia ter minha empresa de projetos e aí na primeira oportunidade que eu tive eu abri a empresa e comecei a trabalhar como diretor da empresa e foi na época que eu estava saindo de uma empresa como gerente. Eu já tinha sido gerente por vários anos e também já tinha ocupado cargo de liderança em outros lugares em outras empresas, aí eu queria ter mais liberdade, fazer as coisas da minha maneira. Até porque eu sentia segurança em trabalhar de maneira independente. Eu sempre fui muito caprichoso então me falavam pra abrir meu negócio.

Categoria 02 – O caminhar

Este entrevistado relatou que o início de sua trajetória como empreendedor foi difícil. Ele era valorizado como profissional em sua área de trabalho e, como reconhecimento por sua capacidade, ocupava cargos de liderança, nos quais assumia muitas responsabilidades. Contudo, quando abriu seu negócio, precisou enfrentar dificuldades com as quais não estava acostumado. Ele comenta que sua área de trabalho é muito dinâmica, é “cheia de altos e baixos”. Com isso, percebeu que é mais adequado manter uma estrutura funcional mínima, sem grandes despesas e nem compromissos financeiros, pois desta forma poderá mantê-la e

honrar mais facilmente seus compromissos. Isso denota que ele adotou uma postura humilde, modesta e responsável. Parece já ter passado por períodos de “inflação psíquica” (EDINGER, 1992), ter sofrido as conseqüências deste estado e já ter encontrado seu equilíbrio interior. Ele se mostrou um tanto quanto reservado nestas questões e fez apenas alguns poucos comentários de maneira objetiva. Seguem abaixo alguns destes comentários:

O início das atividades como diretor de empresa foi bastante cansativo considerando que minha competência técnica e gestora eram conhecidas nos meios profissionais, mas a minha empresa ainda no início, não era conhecida e não possuía ‘Acervos Técnicos’ para participar de concorrências. Então no começo nosso trabalho se resumia em terceirização repassada por outras empresas. Ao longo do tempo fomos adquirindo acervos em nome da empresa e tornando mais conhecidos como empresa. Obviamente as receitas foram também aumentando o suficiente para tornarmos um empreendedor, menos preocupado e mais confiante no meio empresarial.

Entre erros e acertos eu percebi que é importante manter sempre uma estrutura mínima necessária, que é o mínimo suficiente para atender as necessidades de produção internas e outras externas que são as sub contratadas, ou terceirizada. O ideal seria ter pelo menos sete funcionários, eu procuro manter esta estrutura.

De acordo com as colocações de “D”, é possível notar que ele gosta de se manter em atividades dinâmicas, realizar projetos e coordenar atividades ligadas a ele. Parece que ele procura agir mais com a razão do que com a emoção e adotar uma postura modesta e impessoal. Isto denota uma aproximação com o mito do herói “verdadeiro”, segundo as colocações de Salem (2008). Estes aspectos podem ser percebidos na seguinte colocação feita por ele:

Eu gosto de ser coordenador, coordenar estas atividades todas evidentemente deixar que cada profissional faça sua parte. Não é por uma questão de vaidade pessoal, nem nada disso. Eu penso mais no contexto geral do projeto. Tudo que a gente puxa muito pro lado pessoal não dá certo, então eu penso mais no contexto geral.

Categoria 03 – O caminhante

Este entrevistado nota que sua trajetória no empreendedorismo o tornou mais seguro e confiante em si mesmo. Ele acredita que o fato de se tornar um empresário em sua área profissional o torna mais qualificado e prestigiado. Em diversos momentos da entrevista ele comenta sobre a questão da honestidade e da lealdade

profissional, parece que ele passou por situações em que foi necessário ter muita habilidade nos relacionamentos e conseguiu manter boa postura geral. Segundo Minarelli (1995) a habilidade de relacionamento interpessoal é fundamental para o sucesso profissional. Podemos pensar também que “D” percebe que faz parte de uma Totalidade e precisar estar em harmonia com ela (CAVALCANTI, 2004). Durante a entrevista, ele mostrou-se um pouco reservado sobre isso, suas colocações foram bem sucintas e objetivas. Pediu para não entrarmos em mais detalhes nestas questões. Seguem abaixo alguns comentários feitos por “D”, nos quais podemos identificar estes aspectos:

O empreendedorismo trouxe mudanças consideráveis em mim e na minha vida. Hoje eu estou mais seguro e confiante em mim mesmo como empresário na área de projetos e, além disso, tenho a certeza de continuar a manter o espírito de lealdade com os colegas, mesmo sabendo da concorrência que temos que enfrentar.

Bom eu queria deixar registrado que eu fui sempre uma pessoa que procurou manter e carregar honestamente a sua profissão, buscando sempre a lealdade com seus parceiros. Ser uma pessoa leal com os parceiros e profissional correto e ético. Isso me emociona mais do que dinheiro, me manter sobrevivendo financeiramente de uma forma que eu mereça que tenha sustento. Eu me sinto muito satisfeito com tudo que eu consegui até hoje, com todos os desafios que eu consegui superar. Em todos eles sempre esteve presente a fé e a esperança.

Nos relacionamentos o que ocorreram foram situações naturais das atividades de empresário, por exemplo, muito cuidado no relacionamento tendo em conta que em alguns contatos são finalizados em forma de consórcio, ressaltando sempre a questão de lealdade com seus parceiros.

O entrevistado enfocou mais os aspectos racionais do que os emocionais em seus relatos. Ao comentar sobre como enfrentou suas dificuldades em sua trajetória como empreendedor, ele se referiu à sua fé em Deus e à sua religiosidade como sendo os pontos de apoio para sua coragem e para suas ações. Ele se percebe como uma pessoa que tem muita esperança e fé em Deus. Ele nota que, em sua trajetória de vida e empreendedorismo, manteve vivas as suas crenças, conforme aprendeu na infância. Para aproximar-se de Deus ele reza quase todos os dias, em igreja católica, além disso, ele procura ajudar outras pessoas. Ele entende que desta maneira será beneficiado por melhores oportunidades de trabalho. “D” parece notar que o racionalismo de sua consciência tem certas limitações, sendo assim, para atingir seus objetivos ele recorre a forças superiores e encontra-as em “Deus”. Parece que “D” projeta as forças do self na figura de “Deus” (JUNG, 2002b). Neste

sentido ele recorre a uma força protetora arquetípica que é capaz de salvar figuras “heróicas” em momentos de necessidade (HENDERSON, 2008). Segue abaixo comentários dele a esse respeito:

Como dificuldade emocional e psicológica é muito natural que isso ocorra. Porém, foi necessária muita persistência, coragem e acreditar sempre na capacidade técnica e espiritual, especialmente em alguém superior, que para mim é Deus, que pudesse fortalecer nossa coragem.

Essa história da fé não há muro que segure a esperança, a fé é a esperança. O Espírito Deus que eu aprendi quando era garoto é um espírito perfeitíssimo, eterno criador do céu e da terra. Eu me ligo a Deus através da oração. Todo dia, ou quase todo dia, vou à igreja rezo o terço e volto com fé de vencer como empreendedor. A forma que eu procura me ligar a Deus pode parecer até um pouco de vaidade. Eu estou sempre procurando dar uma mão pra alguém e sempre tem alguém que agente carrega junto. A resposta a isso está sempre presente, porque sem perceber recebe alguma coisa incrível, sempre tem gente me procurando para trabalhar e fazer parceira. Ela é demorada, mas sempre vem, muitas vezes vem na forma de cada vez mais fazer aproximação com outros profissionais e isso gerar bons negócios para todo.

Durante a entrevista, quando “D” foi questionado sobre qual imagem associa a si mesmo em sua trajetória de empreendedorismo, sentiu um pouco de dificuldade para responder, ficou um pouco pensativo e disse que a associação que faz é com um garoto bravo, preocupado em melhorar de vida, que segue persistente, esperançoso e confiante em Deus. Esta imagem nos remete à figura arquetípica do herói (CAMPBELL, 2007). Segue abaixo um trecho do relato de “D” sobre este assunto:

Bom essa pergunta é bem difícil, deixa eu pensar um pouco. Me vem à mente um garoto que jogava futebol, calabrês, bravo, nervoso. A imagem de garoto que persiste com muita fé. Garoto com semblante preocupado em vencer e conquistar uma qualidade de vida melhor e que tinha muita fé em alcançar. Esse garoto, que sou eu, continua com a mesma fé procurando se manter no determinado estágio, que pra ele já é o suficiente para caminhar o resto da vida, é um estagio em que já está formado e precisa manter o status quo, mas pra isso tem que continuar tendo fé e esperança. Decididamente a melhor imagem é a do jovem que, preocupado em melhorar na vida, tendo em conta sua origem simples, foi à luta com persistência e sem medo de errar e muita fé num ente supremo, lembrando sempre que a melhor saída é a fé e a esperança.

6. DISCUSSÃO

Caminho e o empreendedorismo

Conforme vimos nesta pesquisa o caminho em busca da auto realização pode ocorrer de diversas maneiras, uma delas parece ser o empreendedorismo. Para as pessoas entrevistadas, há um sentido maior no empreendedorismo, que vai além de questões materiais ou profissionais. O sentido do empreendedorismo, para todos os entrevistados desta pesquisa, parece ser o de atender a um chamado interior, a uma designação, conforme vimos em Jung (1997). De acordo com este autor, o Self precisa do ego para realizar algo no mundo material, então desperta no ego um forte desejo de realização e de expressão. Podemos pensar que os empreendedores entrevistados ouviram este chamado e buscam dar expressão para algo que seja representativo de sua individualidade e da Totalidade. Em suas colocações eles demonstraram que o empreendedorismo é um caminho pessoal, mais livre e independente do que outras formas de atuação no mundo do trabalho.

Parece que os empreendedores entrevistados buscam, através do empreendedorismo, a possibilidade de agir e se expressar, com certa liberdade de ação. Eles parecem atender a um chamado interior, um desejo de realizar algo que os caracterize, os identifique e ao mesmo tempo os valorize. Com isso eles colocam seus talentos a serviço da sociedade, conquistam segurança e um certo conforto material e também admiração e respeito de outras pessoas.

Podemos pensar que, para estes entrevistados, o sentido do empreendedorismo em suas vidas é buscar uma maneira de dar suporte e expressão à sua alma, de maneira relativamente equilibrada com o contexto do qual fazem parte, unindo seus interesses pessoais e os interesses coletivos. Neste sentido, eles se mostram como uma emanção individual da Totalidade ou Divindade Universal, que se atualiza e se transforma em algo presente no mundo material (CAVALCANTI, 2004). Podemos pensar também que, neste sentido, o empreendedorismo se aproxima do arquétipo do caminho e do processo de individuação (JUNG, 2005), pois ambos se referem à jornada a alma em busca de si mesmo (BATISTA, 2008).

Podemos notar que todos os entrevistados valorizam muito a liberdade de ação que encontram no empreendedorismo, contudo parece que eles acreditam que esta liberdade é acompanhada de um sentimento de solidão, pois muitas vezes precisam de soluções para seus problemas e não tem a quem recorrer ou se tem, não se sentem bem em fazê-lo. Este sentimento de solidão nos remete ao que Campbell (2008) nos fala sobre pessoas que optaram por seguir um caminho pessoal de expressão e realização.

Parece que todos os entrevistados adotam uma atitude crítica em relação à vida (CASSIRRER, 2005), eles buscam uma maneira de ser e de viver que se afasta dos parâmetros estabelecidos pela sociedade como maneiras “seguras” de (CAMPBELL, 2008) e se lançaram em busca de algo muito significativo para eles.

Parece também que estes empreendedores se dedicam ao empreendedorismo com bastante empenho e de alguma forma influenciaram seu ambiente. Um dos aspectos em que esta influência fica mais evidente é o econômico. Mesmo em situações de crise econômica mundial, estes empreendedores mantêm seus negócios abertos, sustentam ou pelo menos dão suporte material a suas famílias, geram empregos diretos e indiretos, geram renda para várias famílias que estejam de alguma forma ligadas a suas empresas e assim, de modo geral, influenciam a economia do país. Podemos pensar que boa parte deste sucesso se deve aos processos energéticos mobilizados pela realização da designação, conforme vimos em Jung (2002a). Segundo este autor, quando o ser humano realiza sua designação ele mobiliza aspectos vitais e energéticos poderosos que interferem no mundo ambiental, para isso o ser humano é capaz de canalizar sua energia vital, chamada de libido, para outros fins diferentes da satisfação dos instintos; com isso o homem produz trabalho, cria as leis e a cultura.

De acordo com o que vimos em Pereira (1998), podemos pensar que a energia psíquica destes empreendedores, se expressa através do significado simbólico atribuído à trajetória individual no empreendedorismo. Pois é possível notar que cada um dos entrevistados atribui um significado simbólico específico à sua trajetória no empreendedorismo. Para “A”, significa unir e viabilizar interesses que a princípio poderiam estar em conflito, isto é, ela procurou, ao mesmo tempo, se aproximar do mundo infantil feminino, exercer a maternidade e uma atividade remunerada. Para “B”, significa aproximar-se do modelo de homem que ele vê em seu pai, ser amado e admirado por sua família da mesma maneira que ama seu pai,

e ao mesmo tempo, poder viajar e passear de maneira mais livre. Para “C”, significa poder participar do mundo corporativo e ao mesmo tempo não se prejudicar ou se aborrecer com diversas atitudes, encontradas neste tipo de ambiente, que estão fora daquilo que valoriza em termos éticos e morais. Para “D”, significa a possibilidade de trabalhar com projetos na área de transportes e ao mesmo tempo ter liberdade de ação para agir conforme aquilo que acredita e que em alguns casos vai contra os padrões estabelecidos pelas empresas deste ramo.

Podemos pensar que a atividade empreendedora de cada um destes entrevistados exerce grande efeito sobre o todo da personalidade e da sociedade. Elas podem ser consideradas atividades complexas que envolvem a associação criativa de diversos fatores, entre eles destacam-se os fatores psicológicos individuais, coletivos, sociais, culturais, econômicos, políticos, ecológicos e tecnológicos. Estas atividades transformam o meio ambiente, gerando bens de consumo, e ao mesmo transformam o ser que empreende e o que recebe os frutos deste empreendimento (DRUCKER, 1991).

Podemos levantar a hipótese de que estes entrevistados vivenciaram, em suas trajetórias de empreendedorismo, um período de transição, denominado por Stein (2007) de limiar psicológico. Pois eles passaram por um processo de ampliação de consciência que gerou profundas transformações psicológicas, em geral se tornaram mais exigentes, seguros e auto confiantes.

De acordo com Stein (2007), quando uma pessoa está vivenciando o limiar psicológico pode surgir um arquétipo para guiar sua alma de um local para outro ou de uma condição para outra. Este arquétipo, considerado o condutor das almas, pode ser representado pelo mito de Hermes (BRANDÃO, 2008). Ele é associado a grandes mudanças psíquicas, aos caminhos e transformações e também aos estudos da alquimia e aos estudos herméticos (JUNG, 2003). Podemos identificar nos empreendedores entrevistados características que remetem ao mito de Hermes. Estes empreendedores demonstraram ter postura dinâmica, habilidade para transitar em diferentes níveis sociais e habilidade de negociação, principalmente em questões comerciais. Destacam-se também suas habilidades intelectuais para buscar solução de problemas práticos em seu negócio, transformando situação negativas em positivas. Além disso, podemos perceber nas colocações de “C” e de “D” reflexões e atitudes que buscam unir o mundo material e o espiritual, através de estudos ou práticas religiosas. Um dado curioso, nas colocações de “D”, é que pode

ser referido ao mito de Hermes, foi o fato dele mencionar, espontaneamente, uma situação marcante vivida há muitos anos atrás, na qual precisou fazer um desenho do movimento do vento. Parece que a partir desta vivência, ele começou a trilhar o caminho no qual tem progredido. Alguns anos depois, ele conquistou sucesso profissional na área de projetos de transporte, mais precisamente projetos de estradas rodoviárias.

Podemos pensar que o empreendedorismo, para estes entrevistados, tem se mostrado um facilitador de seus processos de individuação, conforme vimos em Jung (2005) e em Stein (2006). Pois todos estes empreendedores relataram que este caminho percorrido parece ser o ponto de encontro entre desejos e realidades, com isso ele contribuiu para a formação de sua identidade e para a ampliação de sua consciência. Além disso, eles notam que estão vivendo, ou procurando viver, de maneira mais equilibrada. Neste aspecto eles se aproximam do que Jung (1997) coloca como sendo o melhor que se pode fazer na vida, isto é, alinhar a vontade do ego aos desígnios do Self, para conquistar a auto realização. Quanto mais houver tal alinhamento, mais poderemos pensar que o empreendimento reflete simbolicamente a imagem do processo de individuação do empreendedor.

Caminhar e empreender

Uma das maneiras de caminhar na vida é empreender. Parece que esta atividade que envolve aspectos materiais ligados a questões de ordem comercial e também envolve aspectos psicológicos, pois conforme vimos nesta pesquisa, os empreendedores associam o desenvolvimento de seu negócio ao seu próprio desenvolvimento psicológico. Conforme vimos em Dornelas (2002) e em Von Franz (2003), os processos de individuação ocorrem de maneiras diferentes em cada pessoa, mas existem certos aspectos típicos que são coincidentes, se assemelham e se repetem. Nesta discussão, iremos tratar de alguns pontos em comum, que se destacaram, neste caminho de empreendedorismo e desenvolvimento psicológico trilhado pelos entrevistados desta pesquisa.

De acordo com as colocações de todos os entrevistados, eles começaram suas trajetórias atendendo a um chamado interior no sentido de expressarem sua vocação, individual e particular, colocando-a a serviço da sociedade. Este aspecto

se aproxima do que vimos em Molineiro (2007), quando trata do início da trajetória humana, em seu caminho de desenvolvimento psicológico, rumo à individuação. Podemos notar que as trajetórias de empreendedorismo destes entrevistados são marcadas por uma busca de auto realização, através do exercício de uma vocação particular.

Parece que outro ponto marcante, que podemos identificar na caminhada destes entrevistados, é que este caminhar é impulsionado pela força do amor que, de acordo com Jung (2002b), pode ser considerado uma das grandes forças movimentadoras de energia nos seres humanos. Através das colocações dos entrevistados podemos notar que eles acreditam que através de suas ações empreendedoras poderão se aproximar mais daquilo que amam, neste sentido o desejo e o amor estimulam estes empreendedores a seguirem adiante em suas trajetórias. Podemos perceber que “A” busca o amor na relação com sua filha e em seu desempenho como empresária; “B” busca repetir a relação de amor que ele tem com seu pai em sua relação com seus filhos e familiares; “C” busca um amor mais universal, estendido a todos os seres humanos e “D” busca o amor na realização profissional como um empresário ligado à área de projetos de transportes.

Esta busca pelo amor que identificamos na trajetória destes empreendedores nos remete ao que vimos com Carotenuto (2005), quando ele aponta para o amor como algo que leva o ser humano à procura da auto superação. Todos os entrevistados demonstraram um forte desejo de superação de suas limitações internas e externas que têm encontrado em seu caminhar. Eles comentaram que desde o início de suas trajetórias passaram, ou ainda passam, por inúmeras dificuldades, emocionais, financeiras ou tecnológicas. Os entrevistados “A” e “B” começaram suas trajetórias empreendedoras quando ainda eram relativamente jovens, isto é, antes dos trinta anos, eles deixaram claro que no início não conheciam nada sobre seus negócios, foram aprendendo tudo à medida que as situações iam surgindo, procuraram desenvolver habilidades técnicas e usar estratégias criativas para negociarem com outras pessoas envolvidas em seus negócios. “A” e “B” foram um pouco mais abertos em relação a estas questões e apresentaram informações mais detalhadas do que “C” e “D”. Isto nos leva a pensar que para estes dois últimos entrevistados pode ser um pouco difícil e constrangedor falar sobre estas dificuldades, o que denota grande impacto emocional e nos leva a pensar que psicologicamente estas questões ainda não foram bem elaboradas. É

importante observar que “C” e “D” iniciaram suas trajetórias empreendedoras após os trinta anos, quando já tinham formação acadêmica e experiência profissional em seu ramo de atuação, inclusive como gestores em grandes empresas. Parece que no início da trajetória empreendedora de “C” e “D” faltava apenas um certo conhecimento sobre as estratégias empreendedoras, conforme vimos em Melo (2003). Estas estratégias visam dar suporte às ações empreendedoras, para que elas sejam eficazes e favoreçam o desenvolvimento do negócio de maneira equilibrada e satisfatória. Podemos notar que todos estes empreendedores iniciaram sua caminhada sem saberem ao certo o que iriam encontrar no caminho. Assim como ocorre com as pessoas que se lançam em busca de sua verdade interior, conforme vimos em Batista (2008).

Podemos pensar que, devido ao fato destas pessoas não conhecerem previamente o caminho que trilharam e não conhecerem totalmente seus limites e potencialidades, podem ter dimensionado mal suas possibilidades, podem ter superestimado seus talentos e assim terem sido levados a atitudes que ultrapassavam os limites do metron, isto é, os limites de sua humanidade, conforme vimos em Edinger (1992) quando ele nos fala sobre a hybris e a inflação psíquica. De acordo com as colocações destes entrevistados, podemos identificar certos momentos em suas trajetórias que nos remetem à inflação psíquica. Trata-se de atitudes ligadas a questões financeiras, nas quais estes empreendedores gastaram mais do que aquilo que poderiam ganhar, com isso acabaram se endividando e sofrendo perturbações emocionais. Os entrevistados “B”, “C” e “D” superaram estes problemas e encontraram um ponto de equilíbrio. A entrevistada “A” ainda vive este tipo de problema e pensa inclusive em mudar seu estilo de vida. Ela é a mais jovem dos quatro entrevistados, além disso, ela está a menos tempo na trajetória do empreendedorismo. Isto nos leva a pensar que possivelmente, assim como ocorreu com ou outros empreendedores, ela também irá refletir, reavaliar suas possibilidades e seus desejos e encontrar um ponto de equilíbrio, com o qual consiga levar adiante seu negócio e atingir seus objetivos pessoais.

Podemos perceber que, para todos os entrevistados, ponderar, reavaliar e refletir parece ser algo sempre presente em suas trajetórias empreendedoras, pois cabe a eles tomar muitas decisões que envolvem grandes questões de sua vida, da vida de seus familiares e da vida das pessoas que trabalham com eles. Como vimos em Pereira (1998) esta ação de reflexão leva a ampliação da consciência e de novas

possibilidades de complementaridade, também leva à facilitar o processo de individuação conforme vimos em Batista (2008). Assim, podemos perceber que esta consciência reflexiva é algo presente na atividade empreendedora destes entrevistados e também é algo presente no arquétipo do caminho (Batista, 2008).

A possibilidade de tomar muitas decisões, sobre suas vidas, seus negócios e sobre a vida de outras pessoas leva estes empreendedores a lidarem com a questão do poder. De acordo com o que vimos em Batista (2008), quando uma pessoa está realizando seu caminho individual, pode se constelar um conflito interior em relação ao amor e o poder. O poder faz com que a pessoa se sinta focada em si próprio e o amor faz com que sacrifique poderosos aspectos seus em favor da Totalidade. Nestas situações de conflito, a pessoa pode ampliar a consciência, se deparar com seus limites e perceber que nem sempre querer é poder, então se dá conta de sua falta de autonomia e tende a adotar uma postura mais equilibrada. De acordo com os relatos destes entrevistados, podemos perceber que, em suas trajetórias empreendedoras, eles estão sempre fazendo ponderações entre seus desejos e possibilidades. Cabe a eles tomarem certas decisões que envolvem muitas pessoas e, portanto, podem usar seu poder para beneficiar a si mesmos e a estas pessoas. Estes aspectos são mais claramente percebidos nos relatos de “B”, pois em diversos momentos da entrevista, ele mencionou que percebe que tem um certo poder de decisão em suas mãos, procura ser honesto e usar este poder em seu benefício e também em benefício de outros. Podemos notar que nos relatos de “D” ele mencionou diversas vezes que se preocupa em ser honesto e leal, além disso, ele procura manter-se dentro de suas possibilidades financeiras, para não correr o risco de não conseguir saldar suas despesas e causar prejuízos a seus fornecedores ou a seus funcionários com falta de pagamentos. Podemos notar que todos os entrevistados procuram agir honestamente, direcionando seu negócio no sentido de atender a suas necessidades sem prejudicar outras pessoas. Conforme vimos em Dornelas (2002), os empreendedores movimentam um considerável montante em valores e se isto não for bem administrado eles podem ter grandes prejuízos financeiros e também prejudicar outros que ficam sem receber aquilo que é devido. Conforme vimos no Relatório GEM 2007, a economia do país também é bastante influenciada pela movimentação dos empreendedores, mesmo que estes sejam de pequeno porte.

Podemos notar que a questão do poder também está presente nos assuntos relacionados à liderança exercida nas trajetórias empreendedoras destes entrevistados. Conforme vimos em Hersey e Blanchard (1986) e em Oliveira (1995) a liderança é algo sempre presente nas empresas e nos empreendimentos. Este é um aspecto que também precisa ser bem administrado para não gerar uma crise no negócio, que por sua vez leva a desequilíbrios e problemas de relacionamento ou de ordem financeira.

Podemos perceber que estes empreendedores encontram, em seu caminhar no empreendedorismo, diversas dificuldades e limitações, sejam elas internas, ligadas a habilidades ainda não desenvolvidas, ou dificuldades e limitações externas, ligadas a questões políticas, econômicas, sociais e até culturais. Apesar de muitas vezes se sentirem solitários, conforme podemos notar em seus relatos, notamos também que, de alguma maneira, eles souberam aproveitar forças auxiliares que estavam a sua disposição. Neste aspecto, podemos perceber que “A” recorre a seu marido e a programas de crédito bancário para auxiliá-la em suas questões financeiras; “B” recorre à observação de outras pessoas, bem conceituadas por ele, para inspirar suas ações; “C” recorre ao apoio emocional proporcionado por sua esposa e de modo geral pela sua situação familiar e “D” recorre aos seus contatos de amizade e principalmente a sua fé em Deus. Isto nos remete ao que vimos em Jung (2002a), para este autor quando o ser humano se vê diante de algo que deseja e poderia não se realizar, ele facilmente lança mão de outros recursos considerados, de certa forma, superiores. Isto também nos leva a pensar que, nestas circunstâncias, o ego se vê modificado e fortalecido. Ele percebe que é capaz de exercer grande influência no seu meio, mas também é dependente dele, de um grupo familiar ou social, de um Deus e de uma Totalidade (CAVALCANTI, 2004).

Podemos pensar que a partir do desejo de empreendimento de uma pessoa, agindo em conjunto com outras, em um movimento que se expande e se contrai, a Totalidade se expressa e se atualiza, então são criadas novas maneiras de ser, de viver e de encarar as situações. Aquilo que antes era considerado impossível, hoje pode ser considerado totalmente viável. Isto parece estar de acordo com o que Jung (2002a) e Batista (2008) propõem sobre a capacidade criativa do homem e com o que Chér (2008) define sobre a criatividade que, de alguma maneira, sempre está presente no caminho do empreendedorismo.

Conforme vimos em Jung (2007b), em Campbell (2007) e em Batista (2008) seguir sua designação e empreender uma jornada é inerente ao ser humano, é algo que sempre esteve presente em diferentes tempos e culturas, portanto é algo arquetípico. Podemos pensar que estes entrevistados vivenciaram em suas trajetórias empreendedoras, algo arquetípico. Eles se percebem como pessoas que enfrentam desafios, fazem descobertas sobre si mesmos e sobre as possibilidades de atuação no mundo. Perceberam também que, até certo ponto, são agentes de transformação de si mesmos e do contexto do qual fazem parte.

Caminhante empreendedor

Conforme vimos em Campbell (2008), a vida desperta o caráter das pessoas, pois à medida que elas vivenciam suas trajetórias descobre muito sobre si mesmas. Assim o caminho percorrido por empreendedores também pode mostrar-lhes características importantes de suas personalidades, desenvolver talentos e até superar algumas limitações. Neste sentido, podemos pensar que os empreendedores se aproximam do caminhante que percorre um trajeto em busca do sentido de sua vida, em busca de sua essência e daquilo que ele mais valoriza. Notamos que os empreendedores entrevistados adotaram certas posturas que se assemelham e que viabilizaram importantes transformações. Destacamos os principais pontos que identificam estes empreendedores e denotam a aproximação entre as características do caminhante e as características dos empreendedores.

Todos os entrevistados podem ser considerados empreendedores voluntários, pois trilharam este caminho por opção própria (RELATÓRIO GEM 2007). “A” está em dúvida se tem ou não o perfil de personalidade adequado para ser uma empreendedora de sucesso, contudo em sua trajetória ela demonstrou entusiasmo, criatividade, dinamismo, determinação, coragem, habilidade de negociação e enfrentamento de adversidades. Estas características estão de acordo com o que Dornelas (2002) considera como sendo necessárias para o sucesso do empreendedor. “B”, “C” e “D” podem ser considerados empreendedores maduros, pois trabalham com seus empreendimentos há pelo menos 12 anos, além disso, suas ações são similares às aquelas consideradas atitudes empreendedoras de acordo com SEBRAE (2004) e Melo (2006). “C” tem buscado, por opção própria,

oportunidades de negócios, têm sido criativo e procurado estabelecer bons relacionamentos com seus clientes e fornecedores, isto demonstra que em sua trajetória ele tem adotado uma postura empreendedora (CHÉR, 2008). “B” e “D” também parecem ter uma postura parecida com a de “C”, além disso, eles são os mais experientes e os que estão com suas empresas mais bem consolidadas.

De acordo com suas colocações dos entrevistados, eles se vêem como pessoas persistentes na busca de seus objetivos. Atualmente, procuram adotar estratégias previamente planejadas, estabelecer boas relações interpessoais e aprimorar-se constantemente. Portanto, podemos perceber que eles tem características favoráveis ao sucesso do empreendedorismo (SEBRAE, 2004).

Todos os entrevistados são empreendedores que vivenciaram e ainda vivenciam situações semelhantes às que ocorrem no mito do herói. Em suas trajetórias, eles buscam algo que dê sentido à sua vida e os faça participantes da sociedade e do mundo de modo geral. Segundo Campbell (2008), todas as civilizações tem seus heróis, Salem (2007) considera que na sociedade capitalista, o herói se chama empreendedor, pois é graças a ele que ocorre o tão almejado crescimento econômico, são gerados empregos e avanços tecnológicos.

Nestes sentido, podemos pensar que quando o empreendedor busca, por meio de seu negócio, aperfeiçoar-se e aproximar-se de algo mais elevado acaba se deparando com grandes desafios, então nestas circunstâncias o arquétipo do herói pode ser ativado e podem ocorrer projeções de conteúdos psíquicos. Assim, o empreendedor vê em suas ações possibilidades de transformações psíquicas e materiais que podem ocorrer em âmbito pessoal e coletivo.

Podemos perceber que o mito do herói está presente na percepção ou na imagem que os entrevistados têm de si mesmos em sua trajetória empreendedora. No caso de “A”, ela associa sua imagem à de um caixeiro viajante que parte em busca de riquezas, é bem sucedido e volta para casa para compartilhar seus ganhos. Conforme relatado anteriormente ela parece estar vivendo um momento de reflexão similar ao que vimos no mito do herói tratado por Jung (2007b).

Em diversos momentos dos relatos de “B”, ele mencionou que se sente mais forte e seguro agora do que no início de sua trajetória empreendedora. Portanto se sentia inseguro, mesmo assim corajosamente se lançou no caminho do empreendedorismo, em busca da realização de seus desejos. De acordo com “B”, em sua trajetória ele precisou tomar muitas decisões, vivenciar dificuldades

financeiras e emocionais. Venceu algumas destas situações e precisou se adaptar a outras. Ele atribui boa parte de seu sucesso ao fato de ser bastante observador do comportamento de pessoas que admira. Atualmente, ele se percebe como alguém bem sucedido que está “à altura” daqueles a quem admirava. Ele reconhece que, ao longo de seu caminho no empreendedorismo, passou por mudanças de atitude principalmente em relação aos aspectos emocionais de outras pessoas. Isto contribuiu para que se tornar menos egoísta e mais preocupado com o bem estar de todos ao seu redor. Estas colocações se aproximam do que vimos em Campbell (2007) sobre a aventura heróica do homem moderno que tem que enfrentar a si mesmo, a seu egoísmo e seu orgulho, para vencer a degradação. Além disso, é possível notar que “B” entende que, em sua trajetória de empreendedor, conquistou poder e reconhecimento, agora ele procura usar estas conquistas para favorecer o maior número possível de pessoas. Podemos pensar que ele acredita que para ficar bem precisa estar em harmonia com as pessoas ao seu redor, portanto precisa entender o ponto de vista delas e muitas vezes se adaptar ou até favorecê-las materialmente ou afetivamente. Esta parece ser a forma que ele procura atender suas necessidades pessoais e ao mesmo tempo beneficiar as pessoas e o mundo ao seu redor. Isto nos leva a pensar que encontrou um equilíbrio e um nível de maturidade psíquica que se assemelha ao mito do herói, no trabalho de retorno; nestas circunstâncias ele percebe que conquistou seu objetivo e já pensa em compartilhar seus ganhos com outras pessoas (CAMPBELL, 2007).

Nas colocações de “C”, fica evidente que ele se identifica com o mito do herói (CAMPBELL, 2008). Pois ele se percebe, em sua trajetória como empreendedor, como alguém que trilha um caminho, no qual enfrenta grandes adversidades para conseguir estabelecer uma convivência harmônica com todas as pessoas. Podemos perceber que “C” se mostra exigente consigo mesmo e com os demais. Ele se empenha em melhorar a si mesmo, a seus clientes e seus colegas de trabalho, no que diz respeito a certos valores éticos e morais que considera corretos. Esta postura parece inibir certos impulsos moralmente reprováveis e deslocar a força da libido para outros fins. Neste sentido, podemos pensar que esta canalização da libido lhe dá forças para a realização de seus empreendimentos. Além disso, também podemos identificar a importância do amor como uma grande força propulsora e o racionalismo da consciência como um canalizador da libido (JUNG, 2002a).

É possível notar que, em sua trajetória de profissional, “D” se aproxima do mito do herói e no momento está vivenciando uma fase na qual procura manter sua posição e compartilhar suas conquistas (CAMPBELL, 2007). Ele comentou que partiu de origem humilde, trabalhou como funcionário de algumas empresas, superou obstáculos, conquistou destaque e respeito, e conseguiu uma posição que em que se sente em condições de partir para uma trajetória mais próxima daquilo que acredita como sendo um ideal de vida, que é ter liberdade de ação em sua própria empresa na área de projetos de transporte. Nesta trajetória ele também enfrentou diversos obstáculos que o levaram a se aprimorar e adaptar, finalmente encontrou uma posição satisfatória, que dá sentido a sua vida e o coloca como alguém que usa seu talento em benéfico próprio, da sociedade e da Totalidade. Neste sentido ele se aproxima do mito do herói, conforme vimos em Henderson (2008).

Podemos perceber que o arquétipo do herói, ativado na trajetória destes empreendedores, pode ter impulsionado estas pessoas a desenvolverem projetos ligados a seus negócios que são significativos e simbólicos para cada um deles de uma maneira específica. Isto os leva a percorrer um trajeto, no qual ocorre considerável ampliação da consciência e a psique se vê metamorfoseada (BATISTA, 2008). Parece que o empreendedorismo contribuiu para a ampliação da consciência e, portanto favoreceu o processo de individuação (JUNG, 2005) destes entrevistados.

Podemos notar que os entrevistados refletiram sobre sua condição atual como empreendedores e cada um deles percebeu grandes mudanças em si mesmo que ocorreram em grande parte devido à sua trajetória como empreendedores. “A” se percebe mais consciente, responsável e ponderada. “B” se percebe menos egoísta, mais forte, mais seguro e interessado em compartilhar seus ganhos com todas as pessoas ao seu redor. “C” se percebe mais humilde no sentido de admitir que tem certas limitações e nem sempre saberá como resolver algumas questões profissionais e neste sentido precisa deixar que outras pessoas o façam, isto parece contribuir para que ele valorize outras pessoas e consiga viver em harmonia. “D” se percebe como mais tranquilo e satisfeito e se preocupa em se manter o que conquistou agindo dentro de suas possibilidades e não excedendo seus limites. Assim podemos levantar a hipótese de que todos estes entrevistados foram consideravelmente influenciados pelos fatos ocorridos em suas trajetórias empreendedoras. De modo geral, este caminho parece exercer uma influência

transformadora, pois ele leva as pessoas envolvidas a transcender limitações para atenderem a necessidades internas e externas de maneira equilibrada, ele também leva a ampliação da consciência e aproximação cada vez maior de uma postura que seja condizente com a designação de cada um (JUNG, 2002a).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando uma pessoa se lança em um caminho, em direção a algo, quando ela começa seu movimento, então surge Hermes, o vento. Assim, surge este fator de união, capaz de unir pessoas, interesses, talentos, recursos naturais, e mais do que tudo capaz de unir a emoção e a razão. Esta união se faz de forma inovadora, rompendo antigos paradigmas e propondo nova ordem, ela visa estabelecer certas atualizações para garantir a expressão da Totalidade. Ser empreendedor parece ser um “agente precursor”, que transcende os antigos limites e vai além daquilo que até então poderia ser considerado seguro, mas já dava sinais de estar obsoleto. Desta forma o empreendedor viabiliza a expressão de novas maneiras de ser e de viver mais abrangentes, equilibradas e atualizadas.

A proposta deste trabalho foi alcançada, pois foi estabelecida uma aproximação entre o arquétipo do caminho, considerando o enfoque da psicologia analítica e de seus seguidores, e a trajetória de empreendedores, considerando os aspectos psíquicos envolvidos no processo do empreendedorismo. Nesta aproximação podemos perceber que há muitas questões de ordem afetiva envolvidas no empreendedorismo. Esta trajetória pessoal pode ser considerada uma projeção psíquica do empreendedor em sua busca pela auto realização e pela individuação.

Um das descobertas mais interessantes desta pesquisa foi notar que há aspectos da trajetória dos empreendedores que fazem com que sejam vistos como pessoas egocêntricas e focadas em aumentar seu patrimônio pessoal e seu poder de atuação. Contudo, este trabalho de pesquisa mostrou que este é apenas um dos lados da questão, é apenas uma faceta parcial e circunstancial destas pessoas arrojadas, dinâmicas e competentes para levar adiante seus sonhos e aspirações pessoais. Ampliando a visão sobre a trajetória do empreendedor, podemos perceber que o foco destes empreendedores, na verdade, é a busca por algo mais elevado que dê sentido a suas vidas, assim à medida que eles avançam em seus caminhos percebem que sua auto realização só será possível se estiverem em harmonia e em sintonia com a Totalidade.

Outra descoberta interessante foi notar que amor está sempre envolvido na trajetória de empreendedores, de maneira marcante e determinante de atitudes, parece que ele é uma força que vitaliza e impulsiona a movimentação da energia

dedicada as atividades empreendedoras. Para alcançar o sucesso, nesta trajetória pessoal, os empreendedores encontram grandes desafios, isto evoca o surgimento do arquétipo do herói. Notamos que vivenciar o mito do herói é algo que clareia e movimenta, isto é, amplia a consciência, impulsiona e direciona a vida das pessoas para um ideal mais elevado. Depois de passar por diversas fases, o empreendedor percebe que não há necessidade de viver de forma predatória em relação ao meio ambiente, à economia e à sociedade produtiva; é possível conquistar a auto realização e ao mesmo tempo viver de maneira equilibrada. Esta parece ser uma boa maneira de manter o empreendimento ativo e a saúde psíquica de forma satisfatória.

Notamos que a trajetória dos empreendedores pode favorecer a ampliação da consciência, o fortalecimento do ego e também levar a grandes transformações. Parece que esta trajetória transforma tudo por onde passa, transforma o meio ambiente, a sociedade de consumo, as culturas locais, a economia, a vida das pessoas envolvidas e principalmente o próprio empreendedor. Assim como o vento, o empreendedorismo evoca um movimento, ambos se referem a um processo que tem o poder de deslocar e transformar o que estiver em seu caminho. Como diz Caymmi, “o vento ... o barco ... a gente o peixe”. Esse peixe que alimenta pode ser no sentido de alimento para o corpo e também no sentido de alimento para alma. Neste aspecto, estamos nos referindo a um processo psíquico de transformação e transcendência, algo que ultrapassa as limitações circunstanciais e traz novos significados para a existência humana. Isto nos remete aos conceitos de Jung sobre o Self, que se expressa e se atualiza através do ego. Para que isto ocorra o ego primeiro se diferencia e depois se harmoniza com o Self, e assim traz nova configuração para a Totalidade.

Percebemos que, para conquistar seus objetivos, o empreendedor pode utilizar a sua capacidade criativa e a sua capacidade de transcender. Assim, é preciso favorecer a ligação e a comunicação entre o ego e o Self, para que se encontre formas alternativas de estabelecer um equilíbrio entre desejos e possibilidades; unir interesses e recursos; e, além disso, colocá-los em um movimento conjunto em direção a um objetivo específico. Parece que o empreendedorismo é um exemplo claro de como a função transcendente do símbolo, conforme a visão da psicologia analítica, pode agir em benefício das questões pessoais e em benefício da Totalidade.

Esta pesquisa apontou para a importância das relações afetivas nas atividades empreendedoras. Podemos perceber nas entrevistas feitas com os empreendedores que alguns depoimentos foram mais detalhados, outros foram mais objetivos e até mais reservados. Contudo foi possível notar que todos, em maior ou menor grau, se mobilizaram emocionalmente com as reflexões acerca de suas trajetórias no empreendedorismo. Além disso, parece que, ao serem solicitados a falar sobre estas questões, todos notaram aspectos de si mesmo que até então não haviam percebido. Com isso ampliaram um pouco mais sua consciência e sua capacidade de discernimento.

Acredito que este trabalho de pesquisa pode ajudar a ampliar a visão sobre os aspectos psíquicos de pessoas empreendedoras e pode também contribuir para abrir um importante e abrangente campo de trabalho para a psicologia analítica, na área clínica. Considero que esta abordagem da psicologia pode nos proporcionar uma leitura simbólica da realidade, que parece ser suficientemente rica e abrangente, para caminhar junto de empreendedores e de tudo e todos que estiverem ligados a eles. Devemos salientar que os empreendedores assumem grandes responsabilidades, além disso, freqüentemente tomam decisões abrangentes que envolvem seus familiares, seus colaboradores, seus fornecedores, seus clientes, as respectivas famílias destas pessoas, envolvem também a economia mundial e as formas de lidar com os recursos naturais do planeta.

Para tanto, considero importante que outros estudos, com outros enfoques, sejam desenvolvidos, sobre os aspectos psicológicos envolvidos no empreendedorismo, pois há muitas questões a serem analisadas. Sugiro pesquisas aprofundadas principalmente nas fases iniciais da trajetória de empreendedores, pois este é um período crítico, no qual as pessoas envolvidas estão se deparando com mudanças de paradigmas e podem precisar de suporte psíquico para se adaptar a novas formas de ser e de viver. Sugiro também que estas pesquisas sejam amplamente divulgadas, pois os recursos de comunicação proporcionam a aproximação de informações e tecnologias, assim ampliam as possibilidades de harmonização de interesses.

Notamos que há muitas possibilidades surgindo a cada momento, as mudanças são constantes, as pessoas procuram se aperfeiçoar e se adaptar em um movimento cíclico de evolução e acomodação, seguido de nova evolução e nova acomodação e assim sucessivamente. Parece que os empreendedores são os

desbravadores, são os que iniciam novos movimentos, novas possibilidades e despertam nas pessoas novos paradigmas. Portanto, entendo que quanto maior for a capacidade de percepção e compreensão destas pessoas melhor será o direcionamento que elas proporcionarão a todos as outras pessoas que estiverem ligadas a seus empreendimentos. Neste sentido, o suporte psicológico, que visa a ampliação da consciência de pessoas empreendedoras, tem um papel fundamental e de grande validade para toda a sociedade. Para que esta ação tenha uma abrangência significativa é recomendável aproximar a psicologia dos meios de comunicação a que os empreendedores tem acesso, desmistificar certos tabus e mostrar com clareza os recursos que existem e podem ser oferecidos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, S. M. S. **O arquétipo do caminho, Guilgamesh e Parsifal de mãos dadas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2008.

BETHÂNIA, M. **A dona do raio e do vento**. Disponível em: <http://www.letras.com.br/maria-bethania/dona-do-raio-o-vento>. Acesso em 17maio2009.

BOTTICELLI, S. **O Nascimento de Vênus**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Afrodite>. Acesso em 20maio2009.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega, Vol. II**. 17. ed. Petrópolis: Vozes. 2008.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 11. ed. São Paulo: Cultrix-Pensamento. 2007.

_____. **O poder do mito**. 26.ed. São Paulo: Palas Athena. 2008

CAROTENUTO, A. **Eros e Pathos: amor e sofrimento**. 2. ed. São Paulo: Paulus. 2005.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

CAVALCANTI, R. **O Caminho Sagrado: a psicologia moderna e a tradição iniciativa**. São Paulo: Rosari. 2004.

CAYMMI, D. **O vento**. Disponível em: <http://dorival-caymmi.musicas.mus.br/letras/688630/>. Acesso em 17maio2009.

CHÉR, R. **Empreendedorismo na Veia: um aprendizado constante**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2008.

CORTEZ, C. F. C. **O papel do trabalho no processo de individuação**. 2007. 232 f. Monografia (Especialização em Abordagem Junguiana: Metodologia de trabalho e leitura da realidade) COGEAE - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

COTERVIILE-TOP, L. **Mandala**. Disponível em: <http://mandalas.nrmedioopa.net/about.html>. Acesso em 20maio2009.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. 6.ed. Rio de Janeiro: Campus. 2002.

DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. 3.ed. São Paulo: Pioneira. 1991.

EDINGER, E. F. **Ego e Arquétipo**. 2. ed. São Paulo: Cultrix. 1992.

FALTIN, G. e SCHWEIZER, L. T (organizadores). **Como transformar uma boa idéia em um negócio lucrativo: reflexões para novos empreendedores**. Rio de Janeiro: AFEBA – Associação Fluminense de Ex-Bolsistas da Alemanha. 2003.

FERRERIA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

FONTANELLA, B. J. B.; CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R. **Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde**. Revista Latino-am Enfermagem 2006 setembro – outubro; 14(5). www.eerp.usp.br/rlae.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – **Relatório GEM 2007**. Disponível em: <http://www.gemconsortium.org/download/1241810142259/empreendedorismo%20ano%20brasil%202007.pdf>. Acesso em 08 fev2009.

GOLTIZIUS, H. **Mercúrio**. 1611. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermes>. Acesso em 17maio2009.

GRAVES, R. **Mitos Gregos: edição ilustrada**. São Paulo: Madras. 2004.

HERSEY, P. e BLANCHARD, K. H. **Psicologia para Administradores: A teoria e as técnicas de liderança situacional**. São Paulo: EPU. 1986.

HENDERSON, J. L. **Os mitos antigos e o homem moderno**. In: JUNG, C. G. (org.) O homem e seus símbolos. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008. Cap. 2, P. 130 - 205.

JAFFE, L. W. **A alma celebra: preparação para a nova religião**. São Paulo: Paulus. 2002.

JATOBÁ, J. F. B. **O herói clássico**. Disponível em: <http://oficioliterario.wordpress.com/category/prosa/>. Acesso em 25maio2009.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. 8.ed. Petrópolis: Vozes. 2002a.

_____ **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes. 2002b.

_____ **Estudos Alquímicos**. Petrópolis: Vozes. 2003.

_____ **Memórias, Sonhos e Reflexões**. 1. ed. especial. São Paulo: Nova Fronteira. 2006.

_____ **O Desenvolvimento da Personalidade**. 4. ed. São Paulo: Círculo do Livro. 1997.

_____ **O homem e seus símbolos**. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008b.

_____ **Os arquétipos e o inconsciente Coletivo**. 5.ed. Petrópolis: Vozes. 2007a.

_____ **Símbolos da Transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes. 2007b.

_____ **Sobre o amor** (Seleção e edição de Marianne Schiess). Aparecida. Ed. Idéias & Letras. 2005.

_____ **Tipos Psicológicos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 2008a.

JUNG, C. G e WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês**. 12.ed. Petrópolis: Vozes. 2007c.

MELO, Y. F. **Empreendedorismo na visão do Sebrae**. In: FALTIN, G. e SCHWEIZER, L. T (org.). Rio de Janeiro: AFEBA – Associação Fluminense de Ex-Bolsistas da Alemanha. 2003.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade: o caminho das pedras**. 6.ed. São Paulo: Gente. 1995.

MOLINEIRO, M. L. C. A. **Vocação: uma perspectiva junguiana – A orientação vocacional na clínica junguiana**. 2007. 222 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NETO, T. **Vento de Maio**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gilbertogil/586705/>. Acesso em 26maio2009.

OLIVEIRA, M. A. (org.) **Valeu! Passos na trajetória de um empreendedor**. São Paulo: Nobel. 1995.

PASSOS, C. A. K. **Empreendedorismo no Brasil: 2007**. Curitiba: IBQP. 2008.

PEARSON, C. S. **O herói interior: seis arquétipos que orientam a nossa vida**. 2.ed. São Paulo: Cultrix. 1994.

PENNA, E. M. D. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. (Artigo baseado em trabalho apresentado no III Congresso Latino-americano de Psicologia Junguiana, em Salvador, em 2004). Psicologia USP: 16 (3), 71 – 94, 2004.

PEREIRA, M. R. G. **Apostila do curso de especialização em abordagem junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho. Módulo I: Estudo dos arquétipos básicos da psique vistos enquanto padrões que estruturam o desenvolvimento do homem. Disciplina: Matriz básica da configuração arquetípica**. São Paulo: COGEAE – PUC – SP. 1998.

PEREIRA, M. R. G. **Apostila do curso de especialização em abordagem junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho. Módulo III:**

Desenvolvimento de uma metodologia em psicologia analítica. Disciplina: Instrumentos e métodos de trabalho. São Paulo: COGEAE – PUC – SP. 1999.

PEREIRA, M. R. G. **Apostila do curso de especialização em abordagem junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho. Módulo IV: Estudo das questões práticas utilizando a metodologia simbólica. Disciplina: Iniciação a pesquisa.** São Paulo: COGEAE – PUC – SP. 2001.

PESSOA, F. (org. BARBOSA, F.) **Poemas Escolhidos.** São Paulo: Klick. 1997.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

SALEM, D. **Uma leitura simbólica do espírito empreendedor.** 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico.** 3.ed. São Paulo: Nova Cultura. 1988.

SEBRAE. **Manual do participante EMPRETEC.** São Paulo: SEBRAE. 2004.

SERAFIM, M. C. **Sobre esta igreja edificarei minha empresa: organizações religiosas e empreendedorismo.** 2008. 257 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.

SHARP, D. **Léxico Junguiano: Um manual de termos e conceitos.** 1. ed. São Paulo: Cultrix. 1993.

SILVA, D. B. **A identidade do empreendedor social.** 2008. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

STEIN, M. **Jung: O mapa da alma: uma introdução.** 5.ed. São Paulo: Cultrix. 2006.

_____. **No meio da vida: uma perspectiva junguiana.** São Paulo: Paulus. 2007.

TAPAJÓS, P. , SOUTO, E. e CAYMMI, D. **Andanças.** Disponível em: http://www.paixaoeromance.com/60decada/andanca/h_andanca.htm. Acesso em 17maio2009.

TRÊS INICIADOS. **O Caibalion: estudos da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia.** 17. ed. São Paulo: Pensamento. 2008.

TURATO, E. R. **Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características.** Revista Portuguesa de Psicossomática Vol. 2 nº 1. Jan. / Jun. 2000.

VANDRÉ, G. e BARROS, T. **Disparada.** Disponível em: <http://www.paixaoeromance.com/60decada/disparada/hdisparada.htm>. Acesso em 17maio2009.

VELOSO, C. **Os Argonautas**. Disponível em: <http://www.letras.com.br/caetano-veloso/os-argonautas>. Acesso em 17maio2009.

VON FRANZ, M. **A individuação nos contos de fada**. 4. ed. São Paulo: Cultrix. 2003

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica**. 7.ed. São Paulo: Cultrix. 2006.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de Entrevista

DADOS PESSOAIS DOS ENTREVISTADOS	
Iniciais do nome	
Sexo	
Idade	
Grau de instrução	
Nacionalidade e naturalidade	
Estado civil	
Quantidade de filhos	
Ramo de atividade empreendedora atual	
Tempo de atuação como empreendedor	

O CAMINHO

1. Qual é o sentido de sua trajetória no empreendedorismo?
2. O que o empreendedorismo significa para você?

O CAMINHAR

3. Como você percebe seu envolvimento pessoal em sua trajetória no empreendedorismo?
4. O que o motivou a iniciar um empreendimento?
5. Quais foram os principais desafios que você enfrentou em sua trajetória no empreendedorismo? Como você os enfrentou?

O CAMINHANTE

6. Você percebe mudanças em si mesmo que ocorreram em função de seu envolvimento com o empreendedorismo? Em caso afirmativo, quais foram as mudanças mais significativas?
7. Se você tivesse que escolher uma imagem para representar você em sua trajetória de empreendimento, que imagem seria?

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa está sendo realizada pela aluna Patrícia Cristina De Conti Bertaglia, estudante da COGEAE (Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão) PUC-SP, como uma das atividades que compõe seu aprendizado e formação do Curso de Especialização Latu Sensu – ABORDAGEM JUNGUIANA: LEITURA DE REALIDADE E METODOLOGIA DE TRABALHO, sendo orientada pelo Prof. Dr. DURVAL LUIZ DE FARIA.

O tema da pesquisa envolve a verificação de possíveis aproximações entre o arquétipo do caminho e o empreendedorismo.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será sigilosa, uma vez que seu nome, bem como quaisquer outros dados que poderiam identificá-lo, não serão divulgados em nosso trabalho. Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará quaisquer danos à sua pessoa.

Agradecemos a sua participação, enfatizando que a mesma contribui para a construção de um conhecimento atual nesta área da psicologia.

Tendo ciência das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu,

Portador do RG nº _____, autorizo a utilização, nesta pesquisa, dos dados por mim fornecidos.

São Paulo, _____

Assinatura